



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGeo



ALAN CONCEIÇÃO COSTA

**A REPRODUÇÃO DA CULTURA DE TERNO DE REIS NO ESPAÇO URBANO DE
POÇÕES/BA NO MOVIMENTO DA MOBILIDADE DO TRABALHO E DA
RELAÇÃO CAMPO-CIDADE**

PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS E RURAIS

AD PLENAM VITAM

**VITÓRIA DA CONQUISTA/BA
2025**

ALAN CONCEIÇÃO COSTA

**A REPRODUÇÃO DA CULTURA DE TERNO DE REIS NO ESPAÇO URBANO DE
POÇÕES/BA NO MOVIMENTO DA MOBILIDADE DO TRABALHO E DA
RELAÇÃO CAMPO-CIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, para a obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de Concentração: Produção do espaço geográfico.

Linha de Pesquisa: Produção dos espaços urbanos e rurais.

Orientador: Prof. Dr. Jânio Roberto Diniz dos Santos

Coorientadora: Prof.^a Dra. Suzane Tosta Souza

**VITÓRIA DA CONQUISTA/BA
2025**

C87r

Costa, Alan Conceição.

A reprodução da cultura de Terno de Reis no espaço urbano de Poções/BA no movimento da mobilidade do trabalho e da relação campo-cidade / Alan Conceição Costa, 2025.

145f. : il., color.

Orientador (a): Dr. Jânio Roberto Diniz dos Santos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo, Vitória da Conquista, 2025.

Inclui referência F. 131 – 135

1. Produção do espaço. 2. Relação campo-cidade. 3. Mobilidade do trabalho. 4. Terno de Reis – Manifestação cultural. I. Santos, Jânio Roberto Diniz dos. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo. T. III.

CDD: 307.76



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA

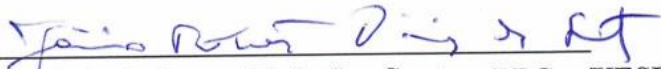
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
Recredenciada pelo Decreto Estadual
Nº 16.825, de 04.07.2016
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGeo
Telefone: (77) 3424-8741 – E-mail: ppgeo@uesb.edu.br

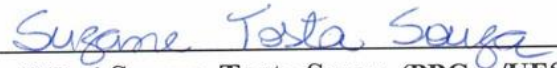


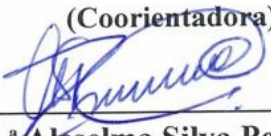
ATA DE BANCA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM GEOGRAFIA

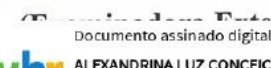
Aos vinte e nove dias do mês de maio de dois mil e vinte e cinco, às 08h30min, no Auditório do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), foi instalada a Banca Examinadora responsável pela avaliação da defesa de dissertação intitulada **“A REPRODUÇÃO DA CULTURA DE TERNO DE REIS NO ESPAÇO URBANO DE POÇÕES/BA NO MOVIMENTO DA MOBILIDADE DO TRABALHO E DA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE.”**, apresentado pelo mestrando **ALAN CONCEIÇÃO COSTA**, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia. A Banca Examinadora foi presidida pelo orientador, Professor Doutor Jânio Roberto Diniz dos Santos (UESB), e contou com a participação da Professora Doutora Suzane Tosta Souza (UESB), Professora Doutora Aleselma Silva Pereira (UESB), e da Professora Doutora Alexandrina Luz Conceição (UFS), na qualidade de examinadores. A sessão teve a duração de 4h e Banca Examinadora, considerando o texto escrito, a apresentação, a argumentação e a preceptiva de conclusão do texto da dissertação, emitiu o seguinte parecer:

O texto de dissertação citado recebeu conceito final: (X) APROVADO
() REPROVADO


Prof. Dr. Jânio Roberto Diniz dos Santos (PPGeo/UESB)
(Orientador)


Prof.ª Dr.ª Suzane Tosta Souza (PPGeo/UESB)
(Coorientadora)


Prof.ª Dr.ª Aleselma Silva Pereira (UESB)


Documento assinado digitalmente
gov.br ALEXANDRINA LUZ CONCEICAO
Data: 09/05/2025 07:29:19-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.ª Dr.ª Alexandrina Luz Conceição (UFS)
(Examinadora Externa)


Alan Conceição Costa
(Mestrando)

*Meu ser Reiseiro é andar de
casa em casa, cantar de porta
em porta. No frio, no escuro...*

*Passar pela boca da mata sem
sentir cansaço. Vestir fantasias
que encobrem o medo...*

*Ver gente chorando, ver gente
sorrindo... Afogando as angústias
junto ao toque das gaitas...*

*Olhar para os meus e ver que
durante o dia é trabalho e
durante a noite é Reisado...*

*Do receber com alegria, ao
envelhecer e partir...
No ritmo acelerado do samba,
ouço de longe, meus Reis...*

*Pai acorda e mostra que é de
baixo pra cima que se ensina...
Meus heróis tem a enxada na
mão e a terra para escrever...*

*O peso dos fardos para
descarregar e as casas para
construir...*

*No repique do bumba, o coração
atravessa, olho para o pouco que
nos resta e vejo que nossa
resistência é na pegada de quem
sabe bater um bom tambor...*

Alan Conceição Costa (2024)

AGRADECIMENTOS

Ao longo do processo do mestrado, sei que não caminhei sozinho, portanto, gostaria de dedicar algumas palavras às pessoas que influenciaram na realização dessa pesquisa, já que, assim como diz a música de capoeira do contramestre Barata, “Mas se tu quer chegar longe, acompanhado é melhor”, e foi assim que aqui cheguei.

Como bom Reiseiro que sou, primeiro vou louvar minha família. Agradeço à minha mãe, Marineide Ferreira da Conceição, por ter me colocado no mundo, por ser minha eterna primeira professora e sempre ser presente em minha vida, por todo seu esforço e dedicação em sempre acreditar que o futuro de criança pobre é na escola, se sacrificando e fazendo de tudo para que eu pudesse voar e alcançar lugares que ela não pôde.

Ao meu pai, Juarez dos Santos Costa, por compreender que o peso do lápis é menor que o peso do cabo da enxada, nunca deixando de me incentivar a estudar, para que eu pudesse ter uma vida menos sofrida. Se sou Reiseiro, pesquisador, professor e artista, agradeço aos meus mestres, minha mãe e meu pai.

Ao meu irmão, Alex Conceição Costa, sou grato pelos caminhos que sua resistência abriu para nós; quando eu era criança, ele me carregava em seu pescoço e sempre continuou a me carregar. Pelas conversas, palavras de apoio e toda organização que exala em minha vida, agradeço a Carolina Matias Amorin, minha cunhada.

Por todos os diálogos, por ser quem é e por sempre estar ao meu lado nessa caminhada, tanto nos momentos do meu sorriso, quanto nos momentos de minhas lágrimas, agradeço a Jéssica Martins da Silva, sinônimo de companheirismo. Aos irmãos que a vida me deu, Christian Santos e José Vinícius, e aos mestres Reiseiros de minha família, Cici, Calú, Leozinho, Jil e Léo, deixarei um agradecimento coletivo, por serem minhas fontes de inspiração e por acreditarem em mim enquanto pesquisador e Reiseiro.

Ao meu afilhado, Apolo Alves, sou grato por ser mais um raio de luz para continuar minha pesquisa. Também sou grato ao amigo João Iann, indispensável nessa jornada, que me fez ver o mundo como outrora já vi. Agradeço a João José da Silva e Leonice Martins, por acreditarem na pessoa que sou e por contribuírem nessa trajetória, das palavras acolhedoras, aos gestos de cuidado.

Aos meus amigos, Gerusa Martins da Silva, Jaíne Abreu Santana e Paula Moutinho Dias, e ao Projeto Porta Aberta e Luz Acesa: Memórias do Reisado Poçoense, deixarei a minha sincera gratidão, pois sem as contribuições de suas pesquisas, seria difícil chegar até aqui.

Gratidão, por ser minha mentora, meu espelho desde o ensino fundamental, enquanto pessoa, professora e geógrafa. Dedico essas palavras à Jocira Nascimento Lemos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) e à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), por serem o local da realização de meu sonho, de pesquisar e dar voz aos Reiseiros de Poções/BA; sonho este, que teve início no ensino médio. Agradeço à minha turma de mestrado, 2023.1, pelas lutas, pelas pesquisas e pelas trocas de conhecimento, alegrias e agonias. Em especial, a Núbia Cardoso, Ariel Vilas Boas e Alana Oliveira.

Agradeço a todos os amigos que contribuíram em minha vida, desde o início de minha caminhada até aqui; aos meus alunos que me transformaram a cada encontro; também expresso minha gratidão à família do Reiseiro Deusdete Farias, por toda atenção e confiança no período da pesquisa de campo, junto à formação do acervo fotográfico. Ao Instituto Educacional Cecília Meireles (IECEM), por toda paciência e parceria ao longo dessa jornada, em especial ao grupo Humanoides. Agradeço à Academia de Artes Os Jardins, por ser o meu ponto de equilíbrio nos momentos difíceis.

Dedico minha sincera gratidão aos meus orientadores, Prof. Dr. Jânio Roberto Diniz dos Santos, por toda colaboração e parceria ao longo dessa jornada, pelas horas de dedicação a esse trabalho; e à Prof.^a Dra. Suzane Tosta Souza, por toda paciência e contribuição à minha pesquisa desde a graduação, pelas horas dedicadas a essa dissertação, por toda disponibilidade e compreensão de minha situação enquanto discente que trabalha, estuda e mora em Poções/BA; por compreender e enxergar relevância em minha pesquisa, nos momentos em que até mesmo eu duvidei. Também sou grato à Prof.^a Dra. Aleselma Silva Pereira, por fazer parte dessa jornada, desde a graduação, com contribuições teóricas relevantes para minha formação, e ser uma fonte de inspiração enquanto professora e pesquisadora; agradeço à Prof.^a Dra. Alexandrina Luz Conceição, por toda disponibilidade e contribuições teóricas em prol dessa dissertação.

RESUMO

A presente pesquisa se ampara no objetivo de compreender o Terno de Reis como uma prática espacial que, na relação campo-cidade, está associado à produção do espaço urbano de Poções/BA, mediante o processo de mobilidade dos sujeitos expropriados do campo em direção à cidade, sobretudo às periferias, entendendo que nesses novos *lôcus* de reprodução social, os sujeitos levam suas características culturais, e que, embora estas sofram modificações impostas pelo modo de vida urbano, não desaparecem. Para tanto, serão considerados os processos históricos de formação dos Reisados, no próprio movimento de formação do município (e da cidade) em questão. Na condução da pesquisa empírica, considerando a existência de diversas formas de manifestação do Reisado espalhadas pelo Brasil e mesmo no município mencionado, delimitou-se somente alguns grupos de Terno de Reis que se manifestam no espaço da cidade, tomando por base os critérios de: tempo de existência, forma (e período) de manifestação, idade dos componentes e a relação com o espaço urbano. Foram utilizadas diversas referências teóricas, com o fito de compreender o processo de expropriação de parte do campesinato poçoense, como produto do avanço do capital no campo, incidindo na mobilidade dos sujeitos em direção aos espaços urbanos, onde pudessem vender sua força de trabalho. Através das categorias produção do espaço, relação campo-cidade e mobilidade do trabalho, foi possível compreender a reprodução e as transformações que o Terno de Reis sofreu no espaço urbano de Poções/BA, mas conclui-se que ele não desaparece, pois faz parte da cultura camponesa, cujos valores também permanecem, mesmo entre sujeitos já expropriados da terra de trabalho. Outros procedimentos metodológicos utilizados foram: vivências nas comunidades, entrevistas (individuais e em grupo), conversas informais; além de levantamento do acervo fotográfico e acompanhamento das ações desenvolvidas pelos grupos de Reiseiros. Por ser uma pesquisa inédita no campo da Geografia, o estudo que ora se apresenta é um pontapé inicial para novas discussões e a oportunidade de dar voz aos sujeitos que, ao viverem a expropriação do campo e a mobilidade para a cidade, reproduzem uma forma de cultura que, muitas vezes, não é conhecida no processo de reprodução do espaço, seja no campo ou, no caso desta pesquisa, na cidade.

Palavras-chave: Produção do espaço. Relação campo-cidade. Mobilidade do trabalho. Manifestação cultural do Terno de Reis.

ABSTRACT

This research aims to understand the Terno de Reis as a spatial practice that, in the rural–urban relationship, is related to the production of urban space in Poções/BA, through the process of mobility of subjects expropriated from the countryside towards the city, especially to the outskirts, understanding that, in these new loci of social reproduction, subjects carry their cultural traits which, although modified by the urban way of life, do not disappear. To this end, the historical processes of formation of the Reisados will be considered, in the very movement of formation of the municipality (and the city) in question. In conducting the empirical research, considering the existence of diverse forms of manifestation of the Reisado spread throughout Brazil and even in the municipality in question, only some groups of Terno de Reis that manifest themselves in the city space were delimited, based on the criteria of: time of existence, form (and period) of manifestation, age of the members and the relationship with the urban space. Several theoretical references were used to understand the process of expropriation of part of the peasantry of Poções, due to the advance of capital in the countryside, affecting the mobility of individuals towards urban spaces where they could sell their labor power. Through the categories of production of space, countryside-city relationship and labor mobility, it was possible to understand the reproduction and transformations that the Terno de Reis underwent in the urban space of Poções/BA, but it is concluded that it does not disappear, as it is part of the peasant culture, whose values also remain, even among individuals already expropriated from the land they work. Other methodological procedures used were: experiences in the communities, interviews (individual and in groups), informal conversations; in addition to a survey of the photographic collection and monitoring of the actions developed by the groups of Reiseiros. As this is an unprecedented study in the field of Geography, this study is a starting point for new discussions and an opportunity to give a voice to the subjects who, when experiencing the expropriation of the countryside and the mobility to the city, reproduce a form of culture often overlooked in discussions about spatial reproduction, whether in the countryside or, in the case of this research, in the city.

Keywords: Production of space. Countryside-city relationship. Labor mobility. Cultural manifestation of Terno de Reis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Etapas da conformação espacial de Poções/BA, 1880-2023.....	44
Figura 2– Mapa de localização do município de Poções/BA.....	49
Figura 3- Deusdete Farias, trabalhando no arado da terra, em Poções/BA, ano de 1970	62
Figura 4- Expansão urbana da cidade de Poções/BA, 1985-2023.	74
Figura 5 – Ruas de Reiseiros, nos bairros: Alto da Vitória, Açude, São Paulo e Bela Vista, em Poções/BA, 2025.	75
Figura 6 - Ponto de chapa na Av. Vitória da Conquista, em Poções/BA, 2024.....	81
Figura 7- Localização dos loteamentos implantados até o ano 2000 na cidade de Poções/BA.....	83
Figura 8- Terno de Reis de Deusdete Farias em romaria, Poções/BA, em 1975.	104
Figura 9 – Terno de Reis de Otaviano Farias em Poções/BA, 1966.	108
Figura 10- Avenida Boa Nova em Poções/BA no Bairro Primavera, 2025.....	110
Figura 11 – Av. Boa Nova, local do chafariz e a bifurcação para a Rua de Cachoeirinha, 2025.	111
Figura 12 - Terno de Reis de Seu Benvino, em Poções/Ba.	116
Figura 13- Mulheres “Cabeça de Reis” em Poções/BA, de 1970 a 2024.....	122
Figura 14 - Tambores dos Ternos de Reis, 2025.	124
Figura 15 - Dáro, em 1980.....	136
Figura 16 - Terno de Reis de Elizário, em 1980.	136
Figura 17 - Terno de Reis de Seu Valmir, em 1980.	137
Figura 18 - Terno de Reis de Seu Clemente, em 1980.	137
Figura 19 - Seu Juarez, 2021 em Poções/BA.....	138
Figura 20 - Seu Adonias, 2021 em Poções/BA.....	138
Figura 21 - Zé Preto, 2024 em Poções/BA.....	139
Figura 22 - Dona Tereza, 2024, em Poções/BA.....	139
Figura 23 - Seu Leozinho, em Poções/BA, 2024.....	140
Figura 24 - Dona Mira e Seu Manoel, em Poções/BA, 2022.....	140
Figura 25 - Alex Conceição, 2015 em Poções/BA.....	141
Figura 26 - Jildo Agápio, 2021 em Poções/BA.....	141
Figura 27 - Tio Calú, 2023 em Poções/BA.....	142
Figura 28 - Aleandro, 2023 em Poções/BA.....	142
Figura 29 - Alan Conceição, 2025 em Poções/BA.....	142

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Manifestações do Reisado em Poções/BA, em 2024.....	117
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ternos de Reis que existiram e existem em Poções/BA.	112
--	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População de Poções/BA em 1940.....	42
Tabela 2 – População de Poções/BA em 1950.....	42
Tabela 3 – População de Poções em 1970.....	45
Tabela 4 – População de Poções em 1980.....	45
Tabela 5 – Concentração Fundiária – Poções/BA, 1920 – 2017.	52
Tabela 6 – Estrutura Fundiária – Município de Poções, 2017.	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA	Bahia
IBC	Instituto Brasileiro do Café
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PPGeo	Programa de Pós-Graduação em Geografia
SIRGAS	Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

GLOSSÁRIO

Bumba – Instrumento que parece com uma zabumba, mas as peles ambas são de couro, tem um timbre grave e, no Reis, utiliza-se somente um.

Bumbeiro – Tocador de bumba.

Cabeça do Terno de Reis – É o organizador, ou até mesmo conhecido por dono do Terno de Reis. Geralmente, é a pessoa que tem a promessa a ser cumprida com o santo.

Cantador de Reis – Quem sabe “tirar” os versos tanto dos Reis de santo como dos Reis da porta. O Reis geralmente é cantado por dois cantadores de Reis, um sendo a primeira voz e outro a segunda voz.

Chapa – Descarregador de caminhões, ou cargas parecidas.

Esmola – Contribuição dada ao cabeça do Terno de Reis, para a culminância e festejo em louvor ao santo, que ocorre geralmente na reza. Pode ser em dinheiro, ou qualquer coisa que o dono da casa queira dar.

Gaitas – Instrumento parecido com uma flauta doce, mas com somente sete furos e feito de cano PVC e madeira.

Gaiteiros – Reiseiro que toca as gaitas.

Mulinha – fantasia de um cavalo, ou melhor, de uma mula.

Reza - Festividade em comemoração ao santo da promessa, culminância final do Reisado.

Reis da Porta – É o primeiro cântico, tocado na porta das casas.

Reis do Santo – É o cântico tocado nos oratórios, presépio ou lapinhas.

Samba Temporão – Samba que ocorre de tempos em tempos, ou fora de época, que no caso não é no mês de janeiro.

Tambor – Instrumento feito geralmente de couro, sustentado por madeira ou metal. São utilizados dois.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	RELAÇÃO CAMPO-CIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO NA CIDADE DE POÇÕES/BA	27
2.1	A produção da cidade de Poções/BA no movimento das transformações ocorridas no campo.	40
2.2	A consolidação do município de Poções/BA no movimento da propriedade privada sobre a terra	46
2.3.	Reprodução camponesa e sua relação com o Reisado.....	56
3	MOBILIDADE DO TRABALHO COMO CONCEITO FUNDAMENTAL PARA ENTENDER AS TRANSFORMAÇÕES DO/NO ESPAÇO	67
3.1	Mobilidade do trabalho e produção do espaço na cidade de Poções/BA.....	71
3.2	Mobilidade do trabalho e a sua influência na reprodução do Reisado na cidade de Poções/BA.	76
4	DA RECRIAÇÃO ÀS TRANSFORMAÇÕES NOS TERNOS DE REIS NA CIDADE DE POÇÕES/BA	90
4.1	Breve contexto histórico do Reisado.....	91
4.2	Os grupos de Terno de Reis de Poções/BA: suas manifestações e relações com o campo.	95
4.3	As principais manifestações e os espaços que se manifestam na cidade de Poções/BA.....	107
4.4	Transformações e Resistência dos Ternos de Reis na cidade de Poções/BA ao longo do tempo.....	123
5	CONCLUSÕES	128
	REFERÊNCIAS	131

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado em Geografia, apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UESB, parte das inquietações e vivências do seu proponente – no processo de reprodução familiar ligada à mobilidade do trabalho do campo em direção à cidade de Poções/BA e de toda uma vida marcada pela influência da cultura popular do Terno de Reis oriunda, principalmente, das práticas camponesas. Advém do pesquisador ser Reizeiro, assim como seu pai e as gerações anteriores. Mas, em princípio, o que parecia ser “apenas uma história familiar”, revelou todo um processo histórico de expropriação de parte da população poçoense do campo, a mobilidade de suas forças de trabalho para a cidade, a forma como esse processo contribui para a produção do espaço urbano de Poções e, ao mesmo tempo, como práticas oriundas do espaço agrário permanecem e se reproduzem (embora se transformem, se adaptem ao novo cotidiano) como forma de manutenção da relação com esse espaço.

O ingresso do pesquisador no curso de Licenciatura em Geografia da UESB, as leituras vinculadas ao entendimento do processo de produção do espaço, enquanto prática social, de inspiração lefebvriana, e a compreensão do processo de trabalho – enquanto forma de relação indissociável entre o homem (ser social) e a natureza, de inspiração marxiana – nos deram os elementos para pensar essa produção dos espaços, no movimento dos sujeitos que vivem do trabalho no campo, vinculado, principalmente, ao universo da reprodução camponesa – quando esse espaço também começa a passar por transformações, inserindo o trabalho assalariado e a expropriação de parte significativa dos camponeses; ou na cidade – sobretudo aquela que erige-se a partir das transformações da sociedade urbana-industrial, representando a consolidação do modo de produção de mercadorias – fomentando a separação desses sujeitos dos meios de produção e a conversão desses em vendedores da própria força de trabalho, em busca do salário. Assim, parte-se do entendimento do processo de reprodução das práticas culturais do Terno de Reis no município de Poções/BA, no movimento da força de trabalho do campo para a cidade – que passa a se intensificar a partir da década de 1970 em diante, dado o avanço da agricultura capitalista ocorrida no campo. Entende-se que esse processo de transformações no campo, expropriações e mobilidade da população, que antes tinha

a reprodução de suas vidas diretamente ligada às atividades camponesas, em direção ao assalariamento, sobretudo em atividades urbanas, é parte do próprio desenvolvimento da sociedade capitalista industrializada. Esse se reproduz, mas traz, também, suas particularidades no município de Poções/BA.

O conceito de mobilidade do trabalho, aqui tomado, parte, principalmente, das reflexões de Gaudemar (1977), e se consolida, principalmente, do campo em direção à cidade como condição para criar o proletariado necessário tanto na produção, quanto na realização – venda da mercadoria. A compreensão da divisão do trabalho, sobretudo da denominada divisão em geral (Marx, 2013; Rocha, 2018), dá os elementos para se refletir sobre as transformações no campo, na cidade e a intensificação da relação campo-cidade. Para tanto, há que se compreender o processo histórico que leva à produção e às transformações nos espaços do campo e da cidade, com destaque para o debate posto no capítulo 24 de O Capital, intitulado: “A assim chamada acumulação primitiva” (Marx, 2013), onde vincula essa realidade à expropriação do campesinato da terra, o confisco das terras comunais, o roubo das terras da igreja, como condição para consolidar a propriedade privada da terra e, com essa, o modo de produção cuja concentração de capital passa a partir, sobretudo, das cidades. E para se criar esse proletariado e movê-lo em acordo e sob o controle do capital, as leis sanguinárias que regulavam o trabalho se constituíram na forma mais apropriada para as indústrias e na degradação absoluta daqueles que passam a viver da venda da própria força de trabalho. A teoria da mobilidade do trabalho em Gaudemar e em autores que partem de sua leitura, cimentam as bases teóricas para se compreender, no movimento desigual e combinado no qual o modo de produção se desenvolve e se expande no espaço, como esse processo ocorre também, nas suas especificidades, no município de Poções/BA.

A pesquisa científica realizada no município de Poções/BA, desde a graduação em Geografia (Costa, 2021), revelou uma realidade desigual desde sua gênese e formação, pautada, inicialmente, no processo de colonização e na ação do bandeirante, a serviço da metrópole portuguesa, de se apropriar do território, o que fomentou (e ainda fomenta) diversas formas de expropriação, inicialmente dos povos originários, expulsos de suas terras e mortos para consolidação da propriedade privada sobre a terra; que sai das mãos de determinados proprietários para outros, configurando uma produção do espaço absolutamente desigual ao longo do tempo e que se reproduz até a atualidade, conforme veremos ao longo dessa dissertação.

Mas, embora se possa considerar que a produção do espaço poçoense esteve, desde seu início, ligada ao campo, tais transformações só se tornaram mais efetivas a partir da década de 1970, quando, em um movimento geral de reprodução, reestruturação e expansão do capital, o Estado passa a fomentar um projeto de desenvolvimento para o campo, sobre a denominação de modernização da agricultura – que condenava as formas anteriores, consideradas arcaicas. Importante ressaltar que, mesmo que o mecanismo da propriedade privada sobre a terra já estivesse presente na formação do espaço de Poções desde pelo menos o século 18, também se consolidou uma significativa produção camponesa – sobre várias formas e sistemas de trabalho, ainda que não obtendo a terra ou não tendo o instrumento legal para consolidar suas propriedades.

Mesmo a produção camponesa resistindo no espaço e no tempo, a denominada modernização da agricultura, sobre a hegemonia da monocultura do café, intensificou a expropriação da terra e a mobilidade do trabalho, convertendo parte significativa desses sujeitos em assalariados, ou disponíveis ao assalariamento, e cujo destino foi, sobretudo, a cidade de Poções, momento em que as transformações nesta foram mais intensas. Mas é preciso pontuar duas questões fundamentais: a primeira é que, mesmo que tenha vivenciado transformações significativas no espaço do campo – com a modernização da agricultura – e na cidade – com a mobilidade de parte dessa população expropriada, o que também provocou mudanças significativas nesse espaço – isso não quer dizer que esse campesinato tenha desaparecido, embora não seja esse o objetivo desta proposta de dissertação.

A segunda questão é que, nessa mobilidade em direção à cidade de Poções/BA, as práticas e costumes do campo não se perderam, nem foram, imediatamente, substituídos pelos costumes mais ligados ao cotidiano da cidade. E nós estabelecemos, ao longo da pesquisa, algumas hipóteses que ajudam a explicar esse processo: primeiro, porque muitos desses sujeitos possuem pessoas da família no campo, em geral se reproduzindo como camponeses; segundo, porque, mesmo agora, vivendo nas cidades, ainda conseguem, como resistência, reproduzir as práticas socioculturais oriundas do campo, mantendo-se bastante ligados a esse espaço. Aí é que os Ternos de Reis se reproduzem. Eles continuam a ocorrer tanto no campo, impulsionados pelos sujeitos que lá permanecem e por amigos e parentes que, mesmo não estando mais nesse espaço, podem para estes se deslocar para manter vivo o Reisado; como na cidade – recriados e mantidos pelos sujeitos agora

expropriados, trabalhadores urbanos, nas mais diversas condições, mas que também dispõem do contato com os parentes e amigos que vivem no campo.

Iniciamos as nossas reflexões sobre o tema na graduação em Geografia (Costa, 2021), quando investigamos o processo que levou à recriação do Terno de Reis de São Sebastião das Estrelinhas, na cidade de Poções/BA, realizada por trabalhadores expropriados do campo e já na condição de trabalhadores na cidade – vendedores de sua força de trabalho – ainda que nos serviços mais precarizados, e como tal processo também se relaciona às transformações espaciais na periferia urbana desta cidade. Esse estudo inicial, permeado pela história da vida do pesquisador e sua família, se generalizou para a história dos outros Reiseiros, levando-nos a entender que se tratava de um processo social. O aprofundamento do aparato teórico que revelou um processo de transformação e expropriação do campo e a mobilidade do trabalho e seus reflexos na produção do espaço da cidade nos deu os elementos para explicar esse movimento da produção do espaço na relação campo-cidade.

Ao longo dessa pesquisa inicial, foram identificados diversos grupos de Reiseiros que, apesar das diferentes formas em que se expressavam, possuíam em comum uma realidade de vida marcada pela relação com o campo, a mobilidade do trabalho para a cidade e a permanência e adaptação dessas práticas culturais oriundas do campo na cidade de Poções/BA. A partir daí, consolidou-se essa proposta de dissertação de mestrado, dada a necessidade de compreender melhor esse processo. E não apenas para identificar esses grupos de Reisado que vieram do campo e se recriam na cidade, como se expressam, e quais suas diferenças ou semelhanças; mas, e sobretudo, a partir da história desses homens e mulheres que vivenciaram a expropriação do campo e a mobilidade do trabalho para a cidade, as dificuldades de se reproduzirem socialmente, o processo de produção do espaço – enquanto prática social, nas suas contradições, que permite explicar como esse espaço foi e tem sido produzido.

Partindo dessa constatação, foi possível construir a principal hipótese desta pesquisa, através da qual acredita-se que: a reprodução dos Ternos Reis deve ser compreendida como parte das transformações espaciais no município e na cidade de Poções, decorrentes da mobilidade do trabalho do campo e da reprodução dos sujeitos, sobretudo, no espaço da cidade. Essa reprodução expressa a expropriação do campo, mas, também, uma forma de manter-se ligado a esse universo. Por outro

lado, na cidade, ela se transforma, incorpora outros elementos, e se adapta às novas formas de reprodução da vida, nas quais os Reiseiros encontram-se, agora, submetidos.

O *loco* de investigação dessa realidade será a cidade (e o município) de Poções/BA, na região Centro-Sul da Bahia, que, da década de 1970 em diante, sofreu, diretamente, a ação do Estado para fomentar um projeto de desenvolvimento da produção do campo, inserindo essa região na denominada dinâmica região produtora de café no Planalto Brasileiro (Souza, 2008)¹. Diversas transformações passaram a ocorrer na produção desse espaço a partir de então: valorização e titulação das terras, concentração da propriedade fundiária, conflitos no campo e mobilidade dos trabalhadores do campo em direção às cidades.

Nesse movimento, o município de Poções – em que a população historicamente tinha sua reprodução ligada às atividades do campo –, também sofre os efeitos da modernização do campo e da mobilidade de parte significativa da sua população para a cidade. O que a presente pesquisa busca investigar é como, nessa mobilidade do trabalho, as práticas camponesas, a exemplo do Terno de Reis, se recriam, se transformam, bem como mantêm esses sujeitos ligados ao campo. A investigação aponta para a existência de dezenas desses Ternos de Reis no município e na cidade, com algumas diferenças entre ambos, mas sempre vinculados ao universo do campo, da produção e da colheita, de valores camponeses que os sujeitos, mesmo expropriados, não perderam completamente.

Diante dessas ponderações, a presente pesquisa lança os seguintes questionamentos/problemas: Como, diante das transformações ocorridas no campo e da expropriação de parte de seu campesinato, esses trabalhadores se inserem na mobilidade do trabalho e passam a se reproduzir na cidade? De que maneira o Terno de Reis, na relação campo-cidade, se apresenta como uma prática social na produção do espaço da cidade de Poções/BA? De que forma as transformações e adaptações desta prática cultural – sagrada e profana – coexistem no cotidiano e na vida das pessoas expropriadas do campo e que se reproduzem nos espaços da cidade? Quais as estratégias utilizadas por esses Reiseiros para continuar reproduzindo o Terno de Reis no espaço da cidade e como o novo cotidiano do trabalho se insere nesse processo? Até que ponto a mobilidade do trabalho entre o campo e a cidade

¹ Para quem deseja se aprofundar nesse debate, sugerimos a leitura da dissertação do Antônio Luiz Santos, do ano de 1987, e da tese de Suzane Tosta Souza, do ano de 2008.

pode ser vista como fundamental nesse processo? Como essa manifestação típica do modo de vida camponês se reproduz na cidade, diante de um cotidiano diferente para essas famílias?

Com o objetivo de responder, ao final da pesquisa, aos questionamentos postos, lançamos como objetivo geral, o propósito de: Compreender as transformações espaciais no município de Poções/BA e como, nesse movimento, a expropriação do campo e a mobilidade do trabalho influenciaram na reprodução e nas transformações dos grupos de Ternos de Reis na cidade. Nessa proposição, são desdobrados os objetivos específicos que visam: - Compreender como esta manifestação tradicional se mantém viva nos espaços da cidade, mas, também, de que maneira ela, como parte da cultura popular, sofre transformações no tempo e no espaço, decorrentes dessa nova forma de sociabilidade; - Analisar como os Ternos de Reis, que se iniciam no espaço do campo, se reproduzem na cidade de Poções/BA e; - Compreender como a mobilidade do sujeito, do campo para a cidade, implica na reprodução de valores camponeses nesses novos espaços de reprodução social, a exemplo do Terno de Reis. Com a finalidade de atender aos objetivos propostos por esta pesquisa, alguns procedimentos metodológicos, em sua relação com o método de interpretação – enquanto dimensão filosófica para a compreensão da realidade, foram adotados.

Para realizar tal pesquisa, foi necessário entendermos um pouco da História e partirmos para o campo empírico, ou seja, a pesquisa em si, em um movimento que conduziu à relação indissociável entre particularidade e totalidade. Para Thompson (2002), na investigação social, o objeto investigado é, ao mesmo tempo, objeto, quando o investigamos e/ou o observamos, e sujeito, pois se trata de um campo “pré-interpretado”, em que os indivíduos estão sempre em seu cotidiano preocupados em compreender a si mesmos, seu próximo e o mundo que o cerca.

Assim, na relação indissociável entre teoria e prática, foram realizadas pesquisas bibliográficas, com apontamentos teóricos dos seguintes conceitos e temas: relação campo cidade, produção do espaço, mobilidade do trabalho, reprodução da vida e práticas culturais. Outros procedimentos de pesquisa foram adotados e executados, sempre em consonância com o método em análise que parte do entendimento das contradições impulsionadas por uma sociedade desigual pautada na apropriação privada da terra e dos resultados sociais do trabalho, na divisão dos sujeitos em classes sociais distintas e, por conseguinte, na produção

desigual do espaço, seja no campo ou, no caso mais específico desta pesquisa, na cidade.

Em um primeiro momento, começamos a catalogar dados sobre os Ternos de Reis existentes na cidade – como, onde, em quais lugares e períodos do ano se expressam – buscando, ainda, identificar as similaridades e especificidades de cada um. Ao mesmo tempo, seguimos no debate teórico, realizado a partir da Geografia e áreas afins, que pudesse fornecer os elementos para se entender a realidade concreta. Nesse movimento, nos pautamos na leitura da produção desigual do espaço, tomando como base as reflexões de Lefebvre (2006) e Smith (1988), que inspiram autores como Carlos (2004), Silva (2001) e outros. Ainda em Lefebvre (2006), encontramos a principal referência nos debates sobre as práticas sociais e a reprodução da vida – por meio dos quais buscou-se compreender a realidade de reprodução das práticas culturais camponesas nos espaços periféricos da cidade de Poções/BA.

Na perspectiva do entendimento de que é pelo trabalho que as práticas sociais são reproduzidas e o espaço é efetivamente produzido, buscamos nas reflexões de Marx (2013) e outros que partem dessa leitura – compreender o processo de expropriação dos sujeitos e a conversão desses em trabalhadores assalariados, e como esse intensifica a mobilidade do trabalho (Gaudemar, 1977; Souza, 2011 e 2017), e o movimento da relação campo-cidade (Rocha, 2018; Carlos, 2004; Marques, 2006 e outros). Nessa compreensão, buscamos apontar o movimento da mobilidade do trabalho camponês no município em direção à cidade, sustentando-se teoricamente no debate da relação campo-cidade, por meio da leitura de autores como: Williams (1989), Carlos (2004), Marques (2006), Rocha (2018) e outros; a fim de verificar as mudanças no processo de reprodução desses trabalhadores/Reiseiros agora se reproduzindo na cidade por meio da venda de sua força de trabalho.

Compreendendo que, mesmo no movimento campo-cidade via mobilidade da força de trabalho, os sujeitos Reiseiros de Poções/BA reproduzem na cidade práticas e costumes do campo, nos ancoramos em autores que enfatizam a reprodução camponesa nas contradições do modo de produção (Shanin, 1980, 2005; Martins, 1981; Oliveira, 1991; Souza, 2008; Woortman, 1988 e outros), bem como naqueles que apontam a permanência dos costumes do campo (Thompson, 2002) e dos valores da cultura popular (Bakhtin, 1987; Costa, 2024).

Com o propósito de compreender as transformações no campo, em Poções, decorrentes da modernização da agricultura – sobretudo com a expansão do monocultivo do café, recorreu-se a Santos (1987), Souza (2008), Soares (2013), Santana (2022), Silva (2024) e outros. Esses foram complementados e confrontados com dados secundários fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do IBGE/PNAD (Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar), do IBGE Cidades, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), de Grupos de Pesquisa como o GeografAR, vinculado à Universidade Federal da Bahia (UFBA), dentre outros que encontram-se ao longo da dissertação, a exemplo de dados sobre a população rural e urbana do município, em diferentes décadas, dados da estrutura fundiária, e outros dados sociais e econômicos que se julgou necessário, como: produção agrícola, principais atividades econômicas, serviços públicos nos bairros pesquisados, etc. Ainda buscando entender a produção do espaço em Poções/BA na relação campo-cidade, tem-se recorrido a pesquisas que se desenvolveram neste espaço, a exemplo de Costa (2021) e Abreu (2024).

Por fim, buscou-se compreender como as práticas culturais oriundas do campo – como, no caso em estudo, o Reisado – se reproduziram, ao longo do tempo, na cidade de Poções/BA, tendo por base inicial as reflexões de Williams (1989) e Woortmann (2004).

Ressalta-se que, também, por meio desta pesquisa, iniciada desde a graduação, pudemos acessar alguns editais de cultura e organizar um coletivo chamado de Porta Aberta e Luz Acesa: Memórias do Reisado Poçoense, com a finalidade de fortalecer e manter viva a cultura popular do Terno de Reis, a exemplo do Edital de Chamamento Público Nº 037/2020 - “Espaços Culturais” - Edital de Chamamento Público de distribuição de subsídio para manutenção de Espaços Artísticos e Culturais, Microempresas e Pequenas Empresas Culturais, Cooperativas, Instituições e Organizações Culturais Comunitárias, para o Terno de Reis São Sebastião das Estrelinhas; Edital nº 02/2023 - III Edição do Concurso Prêmio Palmares de Arte; do Edital nº pg18.2023 – Prêmio Preservar: Culturas, Identidades e Saberes Ancestrais; Edital nº 01/2021 – Prêmio Cultura na Palma da Mão. Esse coletivo, tem se constituído em um banco de dados significativo para a realização desta pesquisa de dissertação. Expressa, ainda, a indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão – tripé de sustentação da Universidade Pública, em que, por meio dos resultados preliminares de pesquisa, voltamos os conhecimentos produzidos

como um instrumento de fortalecimento e consolidação da cultura do Terno de Reis, bem como de levar essa ao conhecimento e alcance de parcelas da sociedade. Bem como, em uma perspectiva mais ampla, que sirva de instrumento de conscientização e luta da condição social de classe dos Reiseiros – que também se constituem trabalhadores e que se reproduzem de maneira bastante precária no cotidiano da cidade.

Por meio da pesquisa empírica e da coleta de dados primários realizados pela pesquisa, apresentamos um quadro com os principais Ternos de Reis que se manifestam na cidade de Poções, quando e onde suas ações ocorrem. Tal coleta, deu a base para o mapeamento desses grupos, com o fito de demonstrar os locais onde se manifestam na cidade e os lugares onde se reproduzem. A pesquisa de campo permitiu, ainda, recorrer ao acervo fotográfico e documental desses grupos ou de seus membros, composto de: fotografias, documentários, documentos escritos, letras de músicas e outros. Buscamos, também, reportagens em arquivos públicos, *sites* de jornais locais, *blogs*, etc.

Por conta da proximidade do pesquisador com alguns desses grupos de Reisado, além da realização de entrevistas, foi possível realizar um acompanhamento mais sistemático dessas manifestações ao longo do ano, onde buscou-se captar as diferenças e semelhanças entre ambos, as dificuldades, a aproximação com a cultura camponesa, dentre outros, por meio de visitas diversas e conversas informais com seus membros; além da realização de acervo fotográfico por parte do pesquisador, contando com a autorização dos referidos grupos. Por entender os sujeitos Reiseiros no âmbito da classe trabalhadora, buscou-se saber as dificuldades no acesso ao trabalho, as estratégias que desenvolvem para sobreviver na cidade por meio da venda da própria força de trabalho, dentre outras questões.

Em uma pesquisa que se sustenta na relação teoria e prática, o levantamento teórico foi, a todo momento, confrontado com a realidade concreta. Neste momento, o contato com os sujeitos de pesquisa, a busca pelo entendimento de como reproduzem a vida nesse novo espaço, foi de fundamental importância. Por conta do tempo de pesquisa e da particularidade de cada grupo de Reiseiro, no primeiro momento, foi feito um levantamento de dados para a seleção e delimitação dos Ternos de Reis a serem estudados. Constatou-se a existência de 16 (dezesseis) Ternos de Reis que atuam na cidade de Poções/BA, sendo necessário, por conta do tempo para se concluir a pesquisa, se estabelecer uma delimitação de alguns deles para a

condução da segunda etapa da pesquisa empírica. Selecionamos, o Terno de Reis de Otaviano Farias, o Terno de Reis Bumba-meu-boi, o Terno de Reis Três Reis Magos de Elza e Tereza, o Terno de Reis Estrela do Sul, o Terno de Reis dos Quilombolas, o Terno de Reis Três Reis Magos de seu Adonias, o Terno de Reis Três Reis Magos de seu Alcenor e o Terno de Reis São Sebastião das Estrelinhas. Além dos Ternos de Reis selecionados, também fomos na casa das famílias dos Reiseiros e conversamos com os próprios Reiseiros. Em alguns casos, não obtivemos sucesso em relação às entrevistas, pois, por ser Reiseiro, o autor se depara com o problema da rivalidade entre alguns Ternos de Reis, dificultando o acesso sobre a informação. O projeto Porta Aberta e Luz Acesa: Memórias do Reisado Poçoense² contribuiu com acervos dos materiais audiovisuais e com fotografias do *site*.

Ainda na primeira etapa da pesquisa, elaboramos um gráfico do ano de 2024, sobre o nível de atuação do Reisado ao longo do ano. A princípio, pretendíamos fazer um calendário de atuação com as formas de intervenção do Reisado na cidade de Poções/BA. No entanto, para calendarizar, há uma dificuldade em relação a precisão das datas e dias, já que ao longo dos anos ocorrem muita rezas e sambas temporões³ em datas diversificadas, assim acabaria não abrangendo todas as datas e manifestações dos Ternos de Reis. Também, buscamos identificar onde ocorrem os sambas de Reis e o local onde os Reiseiros se reproduzem, se possuem sede, onde guardam os equipamentos (instrumentos, roupas, etc.). É importante ressaltar que essa etapa da pesquisa já vinha sendo feita pelo pesquisador desde, pelo menos, 2 anos antes de iniciar o mestrado, por conta do período em que começou a estudar o tema na graduação, buscando acompanhar as atividades, locais e tipos de expressão que esses Reisados desenvolvem na cidade, não se restringindo a um momento específico.

Na segunda etapa da pesquisa empírica, foram realizadas entrevistas com os Reiseiros que compõem os Ternos de Reis em Poções/BA, e que foram selecionados a partir do procedimento de levantamento de dados, como: o tempo de existência do grupo no município de Poções/BA; as localidades e espaços que se manifestam; forma de manifestação; o componente com idade maior e idade menor (para se verificar o tempo de existência e a perspectiva de continuidade);

² <https://portaabertaeluzacesa.com.br/>

³ Samba que ocorre de tempos em tempos, ou fora de época (isto é, que não ocorre no mês de janeiro).

acompanhamento das práticas culturais; onde se reproduzem na cidade, que tipo de trabalho remunerado desempenham e as atividades ligadas ao Reisado que realizam.

Também buscamos identificar as possíveis mudanças ocorridas ao longo do tempo. Nessas entrevistas, abordou-se: tempo de existência do Reisado, onde aprenderam a desenvolver as atividades do Reisado, quais as influências que receberam ao longo desse processo, se sempre residiram na cidade, se possuem alguma relação com o campo, qual a importância cultural do Terno de Reis, se recebem algum apoio ou incentivo para manter a prática cultural viva, o porquê das letras do Reisado enfocarem sempre a realidade do campo, se há uma preocupação em passar esses ensinamentos a novos Reiseiros, quais as dificuldades em manter essa prática viva, se ao longo do tempo houve muitas mudanças na forma como o Reisado se desenvolve, dentre outras questões. E ainda: desde quando participam do terno, o que significa essa prática para sua vida, se se vincula a outros grupos de Reisado, se participam dessas manifestações no campo, quais as dificuldades em continuar desenvolvendo essa prática na cidade de Poções/BA, dentre outras questões.

Nas entrevistas, que foram realizadas de forma individual, familiar ou em grupo, buscou-se, ainda, informações sobre o modo de vida dos sujeitos já no espaço da cidade: quais tipos de trabalho desenvolvem na cidade de Poções, onde vivem, quais as condições infraestruturais que dispõem, se a renda familiar atende as necessidades, se possuem direitos trabalhistas, quais espaços da cidade acessam.

Com a finalidade de verificar se tem ocorrido uma continuidade ou não nas práticas do Terno de Reis e as possíveis mudanças ao longo do tempo, buscamos entrevistar jovens Reiseiros, e seu interesse em continuar dando seguimento a essa prática cultural na cidade de Poções, quais as influências que sofreram, a importância em participar desse seguimento, dentre outras questões.

Além disso, na compreensão da relação campo-cidade, foram observadas as mudanças nas quais esses sujeitos/Reiseiros passaram – do trabalho na terra à venda da força de trabalho na cidade, e como esse novo cotidiano influencia na realização do Reisado; se esses mantêm relações com os espaços do campo – de onde vieram, etc.

Ao longo da dissertação, espera-se reunir os elementos necessários para tratar dos objetivos estabelecidos pela pesquisa e já apresentados no texto, com o fito de produzir um conhecimento que contribua tanto com a Ciência Geográfica, nos

debates sobre a relação campo cidade, a produção do espaço e a mobilidade do trabalho, quanto para a reprodução, permanência e valorização da cultura popular, aqui representada pela prática socioespacial dos Ternos de Reis. Para tanto, a presente proposta de dissertação encontra-se estruturada nesta introdução, mais 3 seções e nas conclusões.

Nesta introdução (primeira seção), apresenta-se os objetivos da pesquisa, o que motivou sua realização, os conceitos geográficos e extra geográficos que servirão de suporte para a compreensão da realidade, os procedimentos metodológicos realizados e a estrutura geral da dissertação.

Na segunda seção, traz-se um debate sobre a relação campo-cidade na produção do espaço, apontando uma leitura teórica dessas categorias no processo histórico para compreender como esse se efetiva na realidade concreta de Poções/BA, enquanto uma particularidade que se insere na totalidade das relações sociais. Nesse debate, recorre-se a conceitos como: trabalho, divisão do trabalho, produção do espaço, relação campo-cidade, modernização da agricultura e reprodução camponesa.

Na terceira seção, busca-se, no conceito de mobilidade do trabalho, os elementos necessários para se compreender o processo de modernização da agricultura e a expropriação de parcelas crescentes de trabalhadores rurais e camponeses em Poções/BA e como esses movem sua força de trabalho, sobretudo para a cidade, fomentando transformações nesse espaço, mas, ao mesmo tempo, reproduzindo nele práticas anteriores – que os ligam ao campo, a exemplo do Terno de Reis.

Na quarta seção, é feito um estudo mais aprofundado sobre os diversos Ternos de Reis que se reproduzem na cidade de Poções/BA, quais as similaridades e características desses, onde se expressam, que tipo de relação mantêm com o campo, se essas expressões sofrem muitas modificações ao se manifestarem na cidade, dentre outras questões.

Nas conclusões, são apresentadas as principais sínteses que se chegou com a pesquisa, apontando os horizontes futuros para a reprodução dos trabalhadores Reiseiros e da prática cultural dos Ternos de Reis na cidade de Poções/BA. As referências completam o texto. Pretende-se, ao final da pesquisa, produzir um conhecimento que seja efetivo e importante para os debates geográficos a respeito da produção desigual do espaço, da relação campo-cidade, da mobilidade do trabalho

e da reprodução de práticas oriundas do campo nas cidades. Pretende dar visibilidade a uma prática cultural centenária e importante na história social brasileira, sobretudo do campo, e como essa acompanha o movimento de transformação das relações sociais e dos sujeitos no espaço, criando formas de se recriar para não desaparecer.

2 RELAÇÃO CAMPO-CIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO NA CIDADE DE POÇÕES/BA

Na presente seção, objetiva-se trazer à tona a relevância do debate acerca da produção do espaço no movimento das relações sociais efetivadas entre o campo e a cidade no modo de produção capitalista, e evidenciar como ambos os espaços sofrem alterações decorrentes do interesse em colocá-los à disposição da produção de valor. Em tempo, traz um debate sobre a relação campo-cidade, ancorando-se no processo de formação social e territorial ocorrido no país, e em uma realidade que se inicia no campo, mas se espalha para as cidades. No caso da pesquisa, principalmente a partir das demandas postas pelo processo de acumulação do capital, enfatiza-se a modernização da agricultura e o processo de expropriação de parcelas dos trabalhadores poçoenses – que passam a ter, na cidade e nos trabalhos ‘urbanos’, sua principal forma de reprodução social. Traz ainda, de que modo, nesse processo, os sujeitos carregam, recriam e reproduzem suas práticas culturais nos espaços da cidade – tomando por centralidade as diversas expressões do Terno de Reis, algo que será retomado de forma mais específica na seção 4 desta dissertação.

2.1 Reflexões Teóricas sobre a Relação Campo-Cidade

“Campo”⁴ e “Cidade”⁵ possuem uma etimologia forte, composta de um processo histórico contraditório. Isso se dá justamente por conta dos processos históricos de formação da sociedade. O “Campo” é historicamente o espaço no qual o ser humano, a princípio, se relaciona, principalmente por questões de subsistência e que se configura como uma realização humana. Em contrapartida, a “Cidade” é o substrato que está ligado somente a essas realizações humanas. Essa é uma discussão inicial, mas que traz diversas outras concepções teóricas e metodológicas, a partir da gênese e desenvolvimento de diversas formas de sociabilidade, onde em umas, em geral nas primeiras formas de sociedade, prevalecia um maior contato com a natureza, mas que se altera, drasticamente, no modo de produção capitalista, onde se tem a forma de sociabilidade pautada em um intenso processo de apropriação da

⁴ Origem do Latim, *campum*, que tem seu significado pautado em uma extensão de terra para cultivo. (Fonte: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/campesino/>)

⁵ A palavra “cidade” tem a sua origem no latim, e vem de *civitas*, significava originalmente “condição de cidadão”. Por sua vez, esse vocábulo deriva de *cives*, que pode ser traduzido como “homem que vive na cidade” ou “cidadão”. Civil, civilização e outras palavras desta família também tem *cives* como sua origem. (Fonte: <https://www.gramatica.net.br/etimologia-de-cidade/>).

natureza, mediado pela propriedade privada sobre a terra, para a produção crescente de mercadorias. Com isso, a relação campo-cidade também se modifica bastante, posto que, nessa forma de sociabilidade, pautada na produção industrial, e cuja produção-distribuição-circulação e consumo se concentram, em geral, nas cidades, mas se expande para o campo, ambos os espaços se integram à produção de mercadorias. No entanto, é importante ressaltar que tais processos não se fazem sem contradições, e estas se consolidam tanto nos espaços do campo – a exemplo da reprodução camponesa e a luta pela terra – quanto nas cidades – a luta pelo direito ao solo urbano e as possibilidades concretas de reproduzir a vida, sobretudo para os sujeitos/classes ‘sem propriedades’ (Carlos, 2004).

Cabe ressaltar, ainda, que no caso da realidade da formação social e econômica brasileira, tal debate se faz de modo ainda mais pertinente, posto que há uma divisão social e territorial do trabalho – mundialmente estabelecida por esse modo de produção que subsume, cada vez mais, os espaços à produção de mercadorias, o que nos dá elementos para pensar na inserção do Brasil como grande produtor de *commodities* e das mudanças necessárias que fluem da cidade – sobretudo das grandes cidades, enquanto espaços de centralização de capital – para o campo, fomentando transformações espaciais significativas nesse.

Em uma perspectiva histórica, pode-se considerar que o “Campo” é o espaço que possibilita as primeiras relações socioespaciais na formação dos países da Terra, que perpassa por diversas modificações ao longo do processo de formação dos seres humanos enquanto sociedade, em meio aos diversos modos de produção e acumulação de riqueza. Boa parte das relações que ocorrem no tempo-espaço estão imbricadas nesses sujeitos, a partir da relação social de comunidade, em que o ato de expulsá-los desse convívio era um ato extremamente pesado, que tirava o sentido da vida. Às vezes, essas comunidades eram as igrejas, as pólis gregas, os feudos. Com o surgimento do sistema capitalista, o sujeito passa a se comportar no espaço de forma individual, colocando seus interesses acima da vontade do coletivo, já que a liberdade está atrelada às condições de venda e mobilidade das suas forças de trabalho.

Assim, a passagem do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista significou mudanças na forma dos sujeitos se relacionarem com o espaço agrário. A ideia de natureza que se encontra vinculada ao campo bucólico, selvagem, ultrapassado, sobrepõe-se a uma natureza correlacionada com as cidades, do não

selvagem e do moderno, condenando as formas anteriores de viver e de se organizar. Williams (1989) diz que “O termo inglês *country* pode significar tanto “país” quanto “campo”; *the country* pode ser toda a sociedade ou só sua parte rural”, afirmando que, na língua inglesa, a relação do “Campo” com país se relaciona de fato com a questão dele ser o espaço base para o desenvolvimento social.

Ao longo do processo de formação social, várias comunidades constroem uma relação de proximidade com o “Campo”, porque a terra e, posteriormente, a produção – que significa o trabalho realizado nesse espaço – é condição de existência. Mas, ao longo do desenvolvimento da História humana – que também é representado por um maior conhecimento da natureza e dos fenômenos que a afeta –, o campo passa a ser, comumente, relacionado ao local bucólico, de atraso. Essa é uma vertente que, inclusive, possui o seu viés ideológico, qual seja: em um momento de expansão e acumulação do capital, se espalhar no campo, buscando tê-lo como novos e crescentes espaços de possibilidade para a reprodução ampliada.

Com isso, o campo que se configura, em princípio, em uma relação mais umbilical com a natureza, pautado, sobretudo, na produção e reprodução para a vida, como o fundamento da reprodução camponesa, também passa por transformações intensas. E a consolidação da propriedade privada sobre a terra passa a ser crucial nesse processo, como veremos a seguir. Torna-se um empecilho ao projeto de desenvolvimento do e para o capital e transformá-lo, condenando as formas de viver e se reproduzir anteriormente estabelecidas, como a reprodução camponesa, passa a ser o objetivo principal.

É importante ressaltar que esse processo se faz de forma contraditória, desigual e combinada e, com isso, o próprio processo de reprodução camponesa se faz necessário, desde que absolutamente subsumido aquilo que o capital determina. Por outro lado, os camponeses também resistem e, ainda que sujeitados ao capital, buscam formas de, pelo trabalho e controle de parte do processo produtivo (Shanin, 1980; Oliveira, 2001), se reproduzirem baseados nos princípios da reprodução da terra de trabalho, *lócus* de realização da vida da família (Martins, 1981). Por outro lado, a “Cidade” passa a se manifestar como local de movimentação, desonestidade, barulho e avanço.

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e

limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica (Williams, 1989, p.11).

Por meio dessa concepção teórica, que embora Williams aponte como ligada a uma realidade inglesa sobretudo do século 19, enfatizando o processo de desenvolvimento da produção industrial urbana capitalista, ela também se reproduz, de forma desigual e combinada, no próprio processo de expansão desigual desse modo de produção, como em direção às colônias, por exemplo, tal discurso se mantém vivo, não apenas no universo de senso comum, como também nas interpretações acadêmicas. Mas essas também possuem um propósito: em geral, condenar essas formas de relações camponesas e fomentar o amplo processo de desenvolvimento do capital no campo.

Desse modo, o “Campo”, que tem uma relação de maior proximidade com a natureza, pode ser também associado como *lócus* da felicidade, de um passado feliz, um viés bucólico que ainda permeia a memória dos sujeitos ligados a esse espaço; mas que, em uma leitura mais ampla, que enfatiza a reprodução das relações capitalistas de produção e suas contradições, esbarra em sérios limites. Ainda assim, a retomada e releitura dessas diversas abordagens sobre o campo, para entender como esse espaço se constitui na realidade de expansão desse atual modo de produção, torna-se fundamental para analisarmos a mobilidade dos sujeitos na relação campo-cidade, assim como a leitura bucólica e inocente pode e deve ser compreendida a partir da relação dialética e contraditória entre “Cidade” e “Campo” e do escamoteamento do trabalho, em suas contradições e suas formas de organização no espaço agrário.

Rocha (2019) ressalta que a organização do campo e da cidade enquanto espaços contraditórios, que se opõe ao longo da história, está ligada a uma questão social, de interesses voltados ao trabalho, vinculada à como essa forma de propriedade se efetiva na sociedade moderna capitalista, sobre a base da apropriação privada das terras, dos demais meios de produção e do trabalho e seus resultados; bem como a forma que a sociedade urbana industrial desloca o controle para as cidades, sobretudo as grandes cidades, mas que requer transformações significativas no campo para atender as demandas dessa forma de sociabilidade em ascensão. O desenvolvimento da propriedade privada possibilita uma série de modificações, no campo e na cidade.

As entrevistas com os Reiseiros dão margens para explorar uma série de questões postas nas análises teóricas. Por exemplo, o debate trazido na assim chamada acumulação primitiva – de como a expropriação se constitui na base das transformações que se efetivaram no campo a partir de então e que se estabelece, de forma desigual e combinada, no Centro-Sul baiano e em Poções/BA desde a segunda metade do século 20. Compreendemos que, embora parte de um processo de acumulação do capital, a expropriação se recria e constitui-se em uma constante e ininterrupta forma de expansão capitalista, não se restringindo a um determinado momento histórico, mas se constituindo em uma base fundamental dessa forma de sociabilidade baseada na exploração de trabalho não-pago, conforme assevera Fontes (2013).

Segundo a entrevista com o Reiseiro 01, existe uma preferência por trabalhar no “Campo”, mesmo que seja executando um trabalho tão pesado quanto o que hoje ele faz na “Cidade”, na construção civil enquanto pedreiro, já que, para o mesmo, o espaço com a natureza traz paz e tem uma paisagem agradável para as sensações do seu sentir. Esse trecho, no movimento com a teoria, permite fazer várias reflexões – que vão desde a expropriação que esses trabalhadores sofreram ou as impossibilidades da permanência no campo, mesmo diante da dureza das relações de trabalho. Ao perderem a terra – enquanto condição de vida e trabalho – e não possuírem outra alternativa que não a mobilidade da força de trabalho, se mantêm nos espaços da cidade, embora ainda possa indicar a venda da força de trabalho em atividades no campo, mas agora, sobretudo, enquanto um trabalho remunerado; permitindo levantar argumentos que apontem para a maior exploração dessa força de trabalho, seja na cidade ou no campo.

Por outro lado, para o Reiseiro 04, que já se encontrava em uma condição de sobrevivência com a família na “Cidade”, havia uma “preferência” em trabalhar como Chapa⁶, por ter trabalhado na roça, na lavoura, como ajudante de vaqueiro, na fazenda dos outros, em roça de tomate e roça de café, *“porque na roça era pior do que trabalhar de Chapa, era muito trabalho, e o ganho pouco, não estava dando para*

⁶ “Chapa” é como são chamados os trabalhadores informais que atuam no descarregamento de caminhões. Em geral, eles ficam reunidos em grupos, em pontos específicos das cidades, à espera de cargas. É inevitável compararmos esse trabalho aos cantos, grupos de escravos urbanos de ganho, etnicamente organizados. Para mais informações sobre os “cantos”, ver, de João José Reis, “A greve negra de 1857 na Bahia”. In Revista USP, nº 18, 1993, pp. 17-21 e “De olho no canto: trabalho de rua na Bahia na véspera da abolição”. In Afro-Ásia, nº 24, 2001, pp. 199-242. (Costa, 2024, p.16).

manter a casa. E também ficou difícil o serviço, nas roças sempre apareceram máquinas para fazer o serviço que a gente fazia na roça, e aí foi tirando as pessoas e deixando as máquinas para trabalhar, aí ficou mais difícil. A opção foi ir para a rua trabalhar de Chapa”, (Reiseiro. Entrevistado 04, 2023). Daí, conclui-se tanto os elementos que apontam para as dificuldades de viver no campo sem possuir a terra de trabalho – de onde provavelmente foram expropriados –, quanto as dificuldades de se achar trabalho remunerado nesse espaço diante os rebatimentos mais concretos da modernização da agricultura, mediante, sobretudo, a inserção de maquinários que dispensam a força de trabalho.

Na contramão do viés fragmentário que tenta separar o “Campo e a Cidade”, colocando ambos como polos contraditórios, através de caracteres aparentes como a paz bucólica e a agitação mundana, considera-se que esses espaços estão interligados em uma relação de interdependência. É uma relação dialética. Sobre isso, Williams (1989), partindo de uma das sátiras apresentadas em sua obra, que retrata a questão do camponês como um sujeito humilde e do “Campo” enquanto o espaço para o refúgio das agitações da vida urbana; o quanto essa análise tem sentimentos do sujeito que vive na “Cidade”. Além disso, mesmo a “Cidade” se tornando um organismo com uma autonomia, a propriedade da terra se mostra como algo fundamental para a exploração do trabalho e concentração da mais-valia no modo de produção capitalista, dentro da divisão internacional e territorial do trabalho. Rocha (2018) evidencia as contradições, a propriedade privada e os interesses de classes dominantes – em ambos os espaços, no processo de divisão social e territorial do trabalho.

Segundo Neil Smith:

[...] o espaço geográfico é mais do que simplesmente a soma das relações separadas compreendidas em suas partes. Assim a divisão mundial em mundo subdesenvolvidos e desenvolvidos, embora inexata, somente pode ser compreendida em termos de espaço geográfico como um todo. Ele envolve a padronização do espaço geográfico como uma expressão da relação entre o capital e o trabalho (Smith, 1988, p.130).

Tendo a compreensão de que o espaço não é algo inerte, salienta-se que o ser humano, em meio ao processo de produção do mesmo, acaba se (re)produzindo e se transformando a partir da categoria trabalho. Sendo assim, existe uma construção de valores que se inicia a partir desse processo, seja no espaço agrário ou no espaço urbano.

No modo produção capitalista, o trabalho assalariado, fonte de produção de capital e de exploração do trabalho não pago, se torna um mecanismo de regulamentação das necessidades dos sujeitos, como aponta o entrevistado 04, ao declarar que, se fosse no presente momento (ano de 2024), mesmo tendo uma forte ligação com a terra e vivendo até hoje nela, optaria em trabalhar no posto de gasolina, já que na terra não se tem uma renda fixa e, enquanto trabalhador assalariado, tem a garantia de receber o salário fixado no mês.

No campo do aparente, tal depoimento pode até sugerir que as condições de reprodução da vida que esses sujeitos encontrariam na cidade seriam melhores do que aquelas que vivenciam ou vivenciaram no campo. Mas a análise deve ser muito mais profunda, vez que, também, pode expressar as dificuldades concretas desses permanecerem apenas com o trabalho desenvolvido na terra de trabalho. Os motivos disso acontecer requer toda uma leitura histórica e um entendimento da formação social e territorial brasileira, bem como da difusão das relações capitalistas de produção no campo, em que, mesmo sem estarem totalmente expropriados, esses sujeitos não possuem mais as condições de se reproduzirem nesse. Nas dificuldades de produzirem e obterem um resultado que garanta, minimamente, o sustento da família, esses camponeses, por diversas vezes, se veem na condição de mover sua força de trabalho, sobretudo em direção às cidades e se colocarem à disposição ou em busca do trabalho assalariado, em que possa obter uma renda fixa para sobreviver.

A apropriação do espaço agrário é um processo violento que se dá mediante a expansão do modo de produção capitalista, denominado por Marx (2013) de acumulação primitiva do capital – sustentada na expropriação do campesinato, na consolidação da propriedade privada, no roubo das terras comunais, na implementação de leis trabalhistas lesivas à classe trabalhadora para fomentar a separação dos trabalhadores dos meios de produção e na conversão desses em mera força de trabalho “livre como os pássaros” e, assim, explorá-los para produzir valor. Embora a análise do autor se dê no contexto europeu – em finais do século 19, sob a difusão de um capitalismo industrial – pode-se dizer que suas bases (expropriação, exploração e apropriação do produto do trabalho) continuam, de modo desigual e combinado, se efetivando na expansão desse modo de produção até os dias atuais, do mesmo modo em que o assalariamento vem sendo implementado como forma de

regulamentação e alienação do camponês, como se pôde observar na realidade do espaço agrário poçoense.

A expropriação é um ato de barbárie contra aqueles que se reproduzem ou se reproduziram da terra, ainda que, como apontou o depoimento do entrevistado mencionado anteriormente, nem sempre isso seja compreendido pelos sujeitos do campo, quando vêm como vantajoso a venda da força de trabalho na cidade, pela certeza da remuneração, do que o trabalho no campo, pela incerteza dessa renda ao final do mês. Importante ressaltar que, em uma realidade de crise do capital, desemprego e agravamento das condições de trabalho, há toda uma mudança do mundo do trabalho, repercutindo, inclusive, como aponta Harvey (2005), na reativação de formas pretéritas de trabalho – familiar, por produção, parcelar, etc., o que nem sempre garante aos trabalhadores um salário fixo ao final do mês. Portanto, como aponta Rocha (2018), as contradições capital-trabalho estão presentes tanto nos espaços do campo quanto das cidades, posto que ambos estão subsumidos à lógica da produção da mercadoria, sob o controle das classes que se apropriam da produção nesses.

Transformados em proletários urbanos, vendedores de sua própria força de trabalho como condição de sobrevivência, a reprodução desses sujeitos sem propriedades nas cidades não se faz de modo muito diferente, e as dificuldades em acessar as condições mínimas do que a cidade oferece – como um lugar no solo urbano, a moradia, ou mesmo um trabalho remunerado – se fazem concretas. Foi o que demonstrou Engels (2008) ao referir-se à situação da classe trabalhadora em uma Inglaterra marcada pela ascensão da produção industrial e de um processo de expropriação, violência e mobilidade do campo em direção às cidades. Sobre isso, apontou o autor que:

(...) depois de visitar os “bairros de má fama⁷” desta metrópole – só então começamos a notar que esses londrinos tiveram de sacrificar a melhor parte de sua condição de homens para realizar todos esses milagres da civilização de que é prodiga a cidade, só então começamos a notar que mil forças neles latentes permaneceram inativas e foram asfixiadas para que só algumas pudessem desenvolver-se mais e multiplicar-se mediante a união com os outros. (...) Esses milhares de indivíduos, de todos os lugares e de todas as classes, que se apressam e se empurram, não serão todos eles seres humanos com as mesmas qualidades e capacidades e com o mesmo desejo

⁷ Segundo o autor, esses “bairros de má fama” é onde se concentra a classe operária, e são marcados pela miséria, construções em péssimas situações, condições insalubres, ruas sujas, cheias de detritos, sem esgotos ou canais de escoamento, locais fétidos e mal ventilados, espaço restritos nos quais convivem muitas pessoas; mas que, contraditoriamente, se encontram em locais muito próximos “aos palácios dos ricos”, onde a riqueza produzida se concentra.

de serem felizes? E não deverão todos eles, enfim, procurar a felicidade pelos mesmos caminhos e com os mesmos meios? Entretanto, essas pessoas se cruzam como se nada tivessem em comum (...) (Engels, 2008, p. 67-68).

Reduzidos a mera força de trabalho, ao se submeterem ao capital, ou seja, produzirem mercadorias, valores de troca (Gaudemar, 1977), e se reproduzirem nas condições mais degradantes possíveis, os reais produtores da riqueza convivem, constantemente, com a escassez, longos períodos sem conseguir vender sua força de trabalho, a miséria e, muitas vezes, a indignação, a degradação humana e formas extremas de violência. Na condição de proletários, em escala crescente, entretanto, para o capital, esses são funcionais, pois além de regularem o preço pago aos trabalhadores que se mantêm empregados, sob a forma de salário, fornecem a força de trabalho excedente em casos de expansão súbita dos negócios do capital (Luxemburgo, S. D). Essa realidade também foi apontada por Engels (2008) ao destacar que:

Morrem de fome, é certo, indivíduos isolados, mas que segurança tem o operário de que amanhã a mesma sorte não o espera? Quem pode garantir-lhe que não perderá o emprego? Quem lhe assegura que amanhã, quando o patrão o puser na rua, poderá aguentar-se, a si e à sua família, até encontrar outro que “lhe dê o pão”? Quem garante ao operário que, para arranjar emprego, lhe basta boa vontade para trabalhar, que a honestidade, a diligência, a parcimônia e todas as outras numerosas virtudes que a ajuizada burguesia lhe recomenda são para ela realmente o caminho da felicidade? Ninguém. O operário sabe que, se hoje possui alguma coisa, não depende de ele conservá-la amanhã; sabe que o menor suspiro, o mais simples capricho do patrão, qualquer conjuntura comercial desfavorável pode lançá-lo no turbilhão do qual momentaneamente escapou e no qual é difícil, quase impossível, manter-se à tona. Sabe que se hoje tem meios para sobreviver, pode não os ter amanhã (Engels, 2008, p. 69-70).

Portanto, ao se considerar os debates sobre a relação campo-cidade, não podemos generalizar a leitura que aponta a dualidade e a fragmentação entre esses espaços, equivocadamente considerada sob a denominação de ‘oposição’. O processo histórico ao qual se desenvolveram diversas civilizações e modos de produções apontam, de um modo geral, uma relação dialética entre esses espaços. A oposição existente na inter-relação de ambos espaços se dá a partir da divisão do trabalho existente, nos interesses que advêm das classes que controlam a propriedade e a produção socialmente efetivada pelo trabalho em ambos os espaços, interesses esses que também se conflitam, onde as frações do capital buscam se sobressair (com seus interesses) e adquirir vantagens econômicas.

Nessa relação campo-cidade, ao considerar a realidade concreta observada em Poções/BA, pode-se dizer que a expropriação do campo, ou a expulsão de trabalhadores assalariados – via mecanização da produção, alterou significativamente o cotidiano da reprodução desses sujeitos. Expropriados do campo buscam formas de sobreviver na cidade, mas o trabalho acessado, em geral, é muito precário, conforme será apontado na seção 3 desta dissertação. Nesse movimento, a reprodução dos Ternos de Reis acaba por revelar uma forma de vinculação ao universo do campo, ainda que não isente os trabalhadores de conviverem, constantemente, com a exploração da sua própria força de trabalho. Assim, a participação nos Ternos de Reis não permite desconsiderar as agruras da vida no campo, realidade também constatada entre os entrevistados pela pesquisa, por viverem sob situação de expropriação e exploração constante e irrefutável.

O conjunto das transformações ocorridas no campo, em Poções, ao passo que aponta para pessoas que anteriormente tinham (ou têm) uma ligação com o campo, uma forma dessas pessoas se sentirem parte integrante das mudanças que vem justamente com a intensificação da população urbana em Poções/BA, revela o processo de expropriação e proletarização que passa parte significativa desses sujeitos. E a recriação do Terno de Reis na cidade pode ser vista como uma expressão concreta desse processo contraditório de reafirmação/expropriação.

“Campo” e a “Cidade” são espaços em transformação tanto em si próprios quanto em suas inter-relações (Williams, 1989). Esses espaços são constituídos de movimentos singulares, intermediários e novos. Não podemos analisá-los sem levarmos em consideração o tempo histórico e o espaço geográfico. Na obra literária *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, podemos fazer uma análise do campo e da cidade enquanto espaços imbricados em uma relação dialética.

O primeiro que podemos destacar é o espaço onde se passa a narrativa. Ao falar sobre a *roça* e fazer comparações com a configuração da cidade, entendemos claramente que Bibiana e sua família moram em uma comunidade rural. Esse fato é importante para pensar a história da população negra no Brasil – nesse caso, principalmente pós-Abolição. Historicamente foi construído sobre o campo um olhar que lhe considerou como ambiente de atraso, de pessoas pouco instruídas, de tradições rudimentares. Esses adjetivos pejorativos se contrapõem à ideia do progresso, das pessoas letradas e da modernidade (Costa, 2024, p.54).

Embora o objeto de pesquisa de Costa (2024) seja diferente do apresentado por esta proposta de dissertação, o mesmo faz uma reflexão sobre a relação campo-

cidade existente na obra do também geógrafo Itamar Vieira Junior. Além disso, com o processo de assalariamento dos trabalhadores do campo e com as mudanças que ocorreram ao longo do processo de formação do Brasil, parte dos camponeses foram expropriados e forçados a venderem suas forças de trabalho, sobretudo, nas cidades. Os mesmos camponeses (e seus descendentes) que foram expropriados de suas terras estão nas periferias urbanas e, junto a isso, os costumes que antes estavam vinculadas ao campo podem se reconstruir nas cidades, a exemplo dos Ternos de Reis, mas não sem contradições.

No caso do livro *Torto Arado*, o autor retrata a história de famílias que ainda permanecem no campo, mas sobre relações de trabalho bastante precárias, denominadas análogas à escravidão. O cotidiano de exploração do trabalho vai desde as funções laborais até a apropriação, sem pagar nada, de parte da pouca alimentação que a família possui. A precariedade da vida se mostra na moradia, nas vestes, na desesperança da possibilidade de mudar a realidade, de alguma maneira. Mas, por algum motivo, ao acessarem a mobilidade do trabalho, alguns desses camponeses conhecem a luta pela terra e passam a ver na busca pela reforma agrária e no reconhecimento do lugar onde passaram toda vida trabalhando para outros, como uma legítima comunidade quilombola e camponesa, o que os levam a uma realidade de violência extrema e posterior assentamento na terra de trabalho.

Na realidade concreta da luta pela terra no Brasil, país de grande concentração da propriedade fundiária, o assentamento de famílias em áreas de reforma agrária, ou qualquer outra política pública, por si só, embora importante, não garante as formas objetivas e subjetivas de reproduzir a vida. É necessário que se tenha condições para viver do trabalho realizado na terra, o que requer um debate muito mais aprofundado, mas que escapa ao escopo desta dissertação.

E é exatamente partindo dessa dialética entre o campo e a cidade que Marques (2006) vai propor pensar a produção desses espaços no processo de formação e reprodução social da classe trabalhadora brasileira, apontando a necessidade de se compreender as contradições do processo de modernização, representando o avanço das relações capitalistas de produção, contrapondo-se a uma tendência reducionista que prevê tal desenvolvimento do capitalismo como algo que homogeneíza as relações e aponta para subordinação de todo trabalho a condição de trabalho assalariado, desconsiderando a reprodução das relações não capitalistas de produção – a exemplo do campesinato, e que de forma superficial aponta para a

urbanização completa da sociedade, não revelando as contradições do processo histórico. Para ela, tais processos de formação e reprodução da classe trabalhadora brasileira revela uma intensa relação e mobilidade entre os espaços do campo e das cidades, podendo essa ser explicada pela forma desigual e combinada em que o capitalismo se reproduz. E que, portanto, a relação cidade-campo é constitutiva de uma totalidade dialética que engloba esses espaços. De acordo com a mesma:

Ao estudar o sujeito social mobilizado na luta pela terra hoje no Brasil, deparei-me com a realidade de um trabalhador com complexa trajetória de vida, dividida entre o campo e a cidade (...). (...) constatee que a condição de instabilidade que tem se caracterizado historicamente a existência de muitos trabalhadores (...) está relacionada (a um intenso movimento entre o trabalho urbano e o rural (Marques, 2006, p. 171-172).

Tal relação, entretanto, não é vista por Marques, 2006, como uma escolha ou possibilidade de melhoria nas condições de vida apresentada ao trabalhador, mas, sim, enquanto uma totalidade determinada pelo capitalismo, em seu movimento de reprodução ampliada, “cuja unidade se forma na diversidade” (p.172).

Trazendo essa mesma lógica da expropriação e exploração do trabalho impulsionada pelo capital em seu processo de produção de valor, transformando as relações no campo e nas cidades, e escamoteando-se no campo sobre o viés da política pública que almeja desenvolver possibilidades de permanência do jovem camponês no campo, mas que, em essência, objetiva abrir esses territórios para o grande capital, intensificando a expropriação, como uma condição relacionada a um “movimento internacional da relação capital-trabalho, sob o modelo neoliberal”, Conceição (2005, p. 86), em uma pesquisa realizada em várias regiões do estado de Sergipe vai concluir que, na realidade concreta:

Sem registros formais, os jovens sujeitam-se a baixos salários e estão disponíveis aos interesses do lucro. Tornam-se inclusos para serem excluídos do mundo do trabalho. A perda de direitos trabalhistas e o crescente desemprego favorecem a desrealização do ser na condição de sujeitos assujeitados ao capital, aceitando qualquer tipo de contrato precarizado, parcial e temporário, submetendo-se à racionalidade do capital e a lógica do mercado. Na situação de itinerantes tornam-se andarilhos, indo onde tem trabalho e retornando ao campo quando acaba (Conceição, 2005, p. 95).

Essa realidade da mobilidade entre o campo e a cidade também foi observada no estudo realizado em Poções/BA, muito embora o foco tenha sido pessoas que já se reproduziam nas periferias desta cidade. Ainda assim, foi possível identificar aqueles que mesmo estando “na cidade” estão ligados ao universo do campo, e à

realidade camponesa, reproduzindo a vida com o trabalho em pequenas frações de terra, mas, nem por isso, e até pelas dificuldades em se reproduzir somente do trabalho na terra, deixam de se encontrar em plena mobilidade de sua força de trabalho, para a venda dessa na cidade, ainda que de forma temporária. Assim, tanto nas pesquisas de Conceição (2005) e Marques (2006), quanto na que realizamos nesta dissertação, foi possível se visualizar um processo de expropriação eminente para parcelas desses sujeitos que ainda permanecem no campo, mesmo tendo importantes vínculos com esses espaços.

E é por isso que, na compreensão desse mundo da mercadoria, permitida pela industrialização e a generalização do valor de troca, Carlos (2004) vai apontar a divisão do trabalho, revelando, “em seu fundamento, a divisão de classes, o estado e a propriedade privada, bem como a luta em torno desta última” (p. 8). Neste movimento,

(...)estendendo-se ao mundo inteiro, também permitiu a generalização da propriedade privada e a submissão da vida cotidiana e sua lógica, capturando os momentos, cultura e espaço, ele próprio tornado mercadoria, faz da produção do espaço um pressuposto, condição e produto da reprodução social; elemento definidor dos conteúdos da prática espacial, posto que a extensão do capital se realiza realizando a lei do valor (Carlos, 2004, p. 8).

Mas, mesmo considerado esse avanço do capital sobre o espaço e o cotidiano dos sujeitos sociais, buscando converter todos à condição de mercadoria, há resistências e essas se fazem também como reafirmação da vida cotidiana, como também pudemos observar, em certa medida, no estudo sobre a reprodução das práticas culturais do Terno de Reis na cidade de Poções, mesmo resguardadas as devidas proporções da forma como a expansão do capital insere esse espaço na divisão social e territorial do trabalho, realidade bem diferente da metrópole estudada por Carlos (2004). Ainda assim, a perspectiva da resistência é considerada também pela autora, evidenciado os conflitos e a luta de classes nos espaços do campo e da cidade, ou mesmo o direito de existir e se reproduzir, como demonstra a seguir.

A reorganização do processo produtivo aponta novas estratégias de sobrevivência no campo e na cidade bem como, movimentos sociais no campo e nas cidades, questionando a existência da propriedade que marca e delimita possibilidades de apropriação no campo e na cidade e estabelecendo lutas conjuntas. (...) Os terrenos vazios na cidade e a terra improdutiva no campo, têm em comum o fato de que funcionam como reserva de valor, possibilidade de realização da renda da terra (no campo) e de valorização do valor na cidade através da produção do espaço – em ambos os casos revelam a extensão do mundo da mercadoria (...) entrando em conflito com a apropriação e produzindo uma imensa população sem terra

para plantar e sem um teto para morar (...). (...) Ambas as lutas revelam o processo de deterioração e desintegração da vida colocando em xeque o direito da propriedade privada e as formas de apropriação do espaço enquanto condição de realização da vida (...) (Carlos, 2004, p. 11).

Na divisão do trabalho, imposta pelo sistema do capital, compreende-se que esse enfrentamento à propriedade privada, a expropriação e a reprodução ampliada no capital se faz necessária, tanto no campo quanto na cidade, mesmo reconhecendo as especificidades na produção desses espaços e as relações de trabalho que estabelece. Entende-se que, para além do direito à apropriação do espaço por parte das classes que produzem a riqueza, sejam esses camponeses, operariado e demais trabalhadores que se reproduzem desenvolvendo várias relações de trabalho, há que se pensar em formas concretas de superação dessa forma de sociabilidade concentradora, expropriatória, exploratória e desumana.

Essa forma desigual e combinada com a qual se desenvolve o modo de produção e os espaços que produz são também fundamentais para se entender a produção do espaço de Poções, no qual foi também possível se observar a inserção subordinada na divisão social do trabalho, a expropriação de parcelas crescentes de camponeses e trabalhadores remunerados do campo, mobilidade do trabalho e dificuldades concretas na reprodução da vida dos sujeitos que vivem do trabalho, seja no campo, seja na cidade. Nesse movimento, busca-se entender a reprodução de práticas culturais oriundas do campo e do cotidiano da vida camponesa na cidade como uma expressão concreta desse processo expropriatório que consolidou a apropriação privada da terra nas mãos das classes proprietárias, e de um cotidiano de mobilidade do trabalho e busca de reprodução social desses sujeitos e suas famílias na cidade. Assim, ao passo em que o capital avança e expropria, a luta pelo espaço e a reprodução das práticas culturais podem se apresentar como formas concretas de resistência, caso isso seja potencializado para outras formas de luta, como asseverou Carlos (2004), seja pela terra no campo, seja a moradia e o direito de viver a cidade, por exemplo.

2.2 A produção da cidade de Poções/BA no movimento das transformações ocorridas no campo.

As contradições na produção do espaço – considerando a relação campo-cidade, a divisão do trabalho e o fundamento da propriedade privada presentes nos

espaços da produção capitalista – permitem, também, de modo desigual e combinado, explicar a produção do espaço de Poções/BA. Na particularidade desta pesquisa, embora o recorte evidencie a reprodução do Terno de Reis que ocorrem na cidade, não se pode desconsiderar todo um processo histórico de produção municipal e regional; marcado, desde os tempos coloniais, pela exploração territorial, dominação, violência, consolidação de classes proprietárias e não proprietárias e apropriação individual da riqueza social produzida pelo trabalho. Quando nos referimos ao Terno de Reis, enquanto prática social, cultural e espacial, o movimento entre o campo e a cidade, na produção desse espaço, é por demais relevante.

Desse modo, neste momento do texto, será visto o quanto a inserção do município de Poções/BA, na divisão social e territorial do trabalho, encontra-se ligada às atividades do campo, da produção agrícola, mas, ao longo do tempo, as denominadas ‘atividades urbanas’, no caso em questão ligadas ao setor de comércio e serviços, bem como a todo um processo de apropriação privada da terra no campo – em que a modernização da agricultura, ocorrida após a década de 1970, foi determinante – passam a se desenvolver mais efetivamente, *pari passu* a expropriação do campo e a proletarização de parte significativa de sua população, a partir de então, em direção a cidade, ou a mobilidade de sua força de trabalho para outros espaços.

Desse modo, as configurações da cidade de Poções/BA, no final do século 18, por exemplo, não são as mesmas apresentadas no século 21, assim como o campo de Poções/BA, que, no século atual, possui uma série de transformações e formas de organização diferentes. As tabelas com os dados populacionais do IBGE, das décadas de 1940 até 1980, irão possibilitar uma análise das mudanças territoriais do município de Poções/BA, permitindo inferir uma mudança no perfil da população e a intensificação da mobilidade do trabalho do campo em direção à cidade, oriunda da denominada modernização do campo. Almeida (2013), em uma pesquisa sobre a emancipação dos municípios de Bom Jesus da Serra e Caetanós, fez a organização dos mesmos dados em tabelas similares às que estaremos utilizando na presente pesquisa. No entanto, o nosso foco se difere, tendo em vista que a autora, em sua pesquisa, foca na formação espacial de Bom Jesus da Serra/BA e Caetanós/BA. Por outro lado, nós iremos abordar a formação espacial de Poções/BA a partir da relação campo-cidade e a mobilidade do trabalho, com o intuito de compreender a reprodução da manifestação cultural dos Ternos de Reis no espaço da cidade.

Tabela 1 – População de Poções/BA em 1940.

Distritos	Urbana	Rural	Total
Poções (sede)	2.612	15.426	18.038
Ibicuí	2.060	13.116	15.176
Nova Canaã	405	12.280	12.685
Iguaí	1.568	15.058	16.626
Campos Sales	595	8.580	9.175
Ibitupã	640	4.901	5.541
Vista Nova	165	3.716	3.881
Água Bela	155	3.118	3.273
Total	8.200	76.195	84.395

Fonte: IBGE/BRASIL. Elaborado pelo autor, com base em dados do IBGE, 1940.

Tabela 2 – População de Poções/BA em 1950.

Distritos	Urbana	Rural	Total
Poções (sede)	3.586	14.508	18.094
Ibicuí	1.863	13.979	15.842
Nova Canaã	1.067	14.893	15.960
Iguaí	2.165	18.951	21.116
Lucaia	369	11.466	11.835
Ibitupã	671	5.483	6.154
Vista Nova	125	4.329	4.454
Água Bela	59	5.756	5.815

Total	9.905	89.365	99.270
--------------	--------------	---------------	---------------

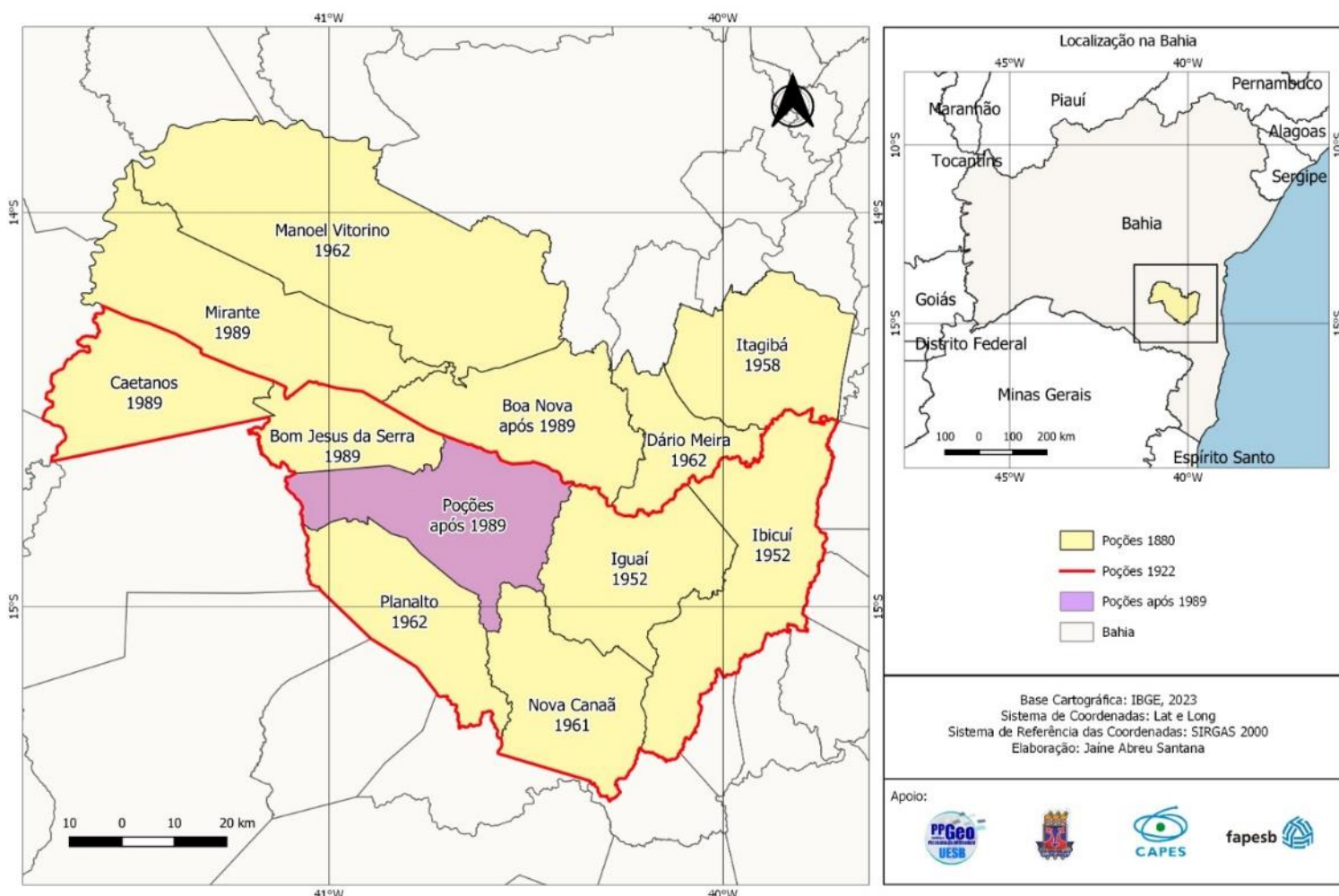
Fonte: IBGE/BRASIL. Elaborado pelo autor, com base em dados do IBGE, 1950.

Nas tabelas 1 e 2, observa-se a distribuição populacional de Poções e de distritos que viriam a se tornar municípios vizinhos, antes, porém do avanço da agricultura tipicamente capitalista na região, representada, sobretudo, pelo monocultivo do café. Até então, prevalecia uma agricultura mais camponesa, diversificada, voltada ao atendimento do mercado local/regional, com forte concentração de pessoas no campo, dando evidência da importância dessas atividades para a reprodução das famílias. Algo que, mesmo sofrendo alterações nas últimas décadas, perdura em Poções/BA até os dias atuais. A concentração populacional do município na década de 1940 e 1950 está no espaço agrário, totalizando aproximadamente 90% da população poçoense.

O município de Poções/BA, representado no mapa do Brasil de 1950 (figura 01), mostra a configuração territorial na qual os municípios vizinhos, como: Bom Jesus da Serra, Caetanos, Ibicuí, Iguaí, Nova Canaã e Planalto, não aparecem em meio a tal cenário, mostrando que a extensão territorial de Poções/BA fazia divisa municipal com Itabuna/BA, localizada no Sul baiano; além disso, Boa Nova/BA, que tem o tradicional Terno de Reis dos Ferreiras e uma forte influência da manifestação cultural do Reisado na região, já se encontrava emancipada. Por outro lado, analisar o município de Poções/BA a partir de sua extensão espacial, com base na variável populacional, estatística, e na ideia de espaço absoluto⁸, desconsiderando uma série de processos históricos, decisões políticas e interesses de classe, é um equívoco.

⁸ Trazemos aqui a ideia de espaço absoluto com base nas reflexões de Henri Lefebvre (2006), o que o configura como espaço cartesiano newtoniano, o espaço delimitável; compreendendo que para superarmos essa noção e caminhararmos no sentido do entendimento da produção do espaço poçoense, em sua relação com a totalidade das relações socioespaciais, torna-se imprescindível considerar esse espaço enquanto absoluto e relativo – na busca da captura dos processos sociais e históricos que lhe dão movimento e sentido.

Figura 1 - Etapas da conformação espacial de Poções/BA, 1880-2023.



Fonte: Santana, 2023.

Se analisarmos Poções/BA em 1940, os dados populacionais chegavam à casa de 99 mil habitantes, o que não significa que, nesse período, fosse um município com desenvolvimento social e econômico muito considerado no âmbito da região e do próprio estado da Bahia. Portanto, há que se partir da aparência e buscar mergulhar em sua essência, e essa significa considerar uma série de contradições socioeconômicas e os interesses dos sujeitos/classes sociais na produção desigual do espaço, ao longo do processo histórico.

Compreender esse processo de formação espacial de Poções/BA é fundamental para explicar as relações sociais entre os trabalhadores/Reiseiros da região, já que os mesmos não vivem de forma isolada e estão imbricados no movimento de influenciar e ser influenciado uns pelos outros (Fontes e Saraiva, 2018). Sendo essas transformações socioespaciais imprescindíveis para se compreender a cultura popular, e suas permanências e modificações no próprio movimento da

sociedade, permitindo que a mesma se recrie em novos espaços, a exemplo dos Ternos de Reis na cidade de Poções/BA e consequentemente acabe se tornando uma forma de resistência e perpetuação das tradições oriundas do espaço agrário.

Almeida (2013) aponta que, em 1952, com a emancipação dos distritos de Iguaí e Ibicuí, (levando Ibitupã, junto a esse processo e se tornando parte de Ibicuí/BA), Poções/BA ainda tinha 90% da sua população concentrada no campo. A autora elucida, ainda, que mesmo sem os dados do IBGE de 1960, o processo de emancipação do distrito de Nova Canaã e Lucaia que junto ao novo distrito de Peri-Peri, movimento no contexto do processo de asfaltamento e “inauguração” da BR-116 na região, fortalecendo o fluxo das mercadorias e expandindo o setor agrícola local, possibilitando também o crescimento e emancipação política do município de Planalto/BA, fomentando transformações na organização político-administrativa e socioeconômicas no município de Poções/BA, sendo importante lembrar que esses distritos tem seu desenvolvimento associado ao histórico camponês do município de Poções/BA.

Em 1970, esse município possuía apenas três distritos como parte de seu território, assim como mostra a tabela 3, o que não representa uma diminuição populacional em termos absolutos, mas sim, relativo aos processos sociais, políticos e econômicos que representaram tais desmembramentos, em acordo aos interesses das classes proprietárias-dominantes locais.

Tabela 3 – População de Poções em 1970.

Distritos	Urbana	Rural	Total
Poções (sede)	8.659	11.506	20.165
Bom Jesus da Serra	742	5.966	6.708
Vista Nova	30	6.017	6.047
Total	9.431	23.489	32.920

Fonte: IBGE/BRASIL. Elaborado pelo autor, com base em dados do IBGE, 1970.

Tabela 4 – População de Poções em 1980.

Distritos	Urbana	Rural	Total
------------------	---------------	--------------	--------------

Poções (sede)	15.997	15.045	31.042
Bom Jesus da Serra	860	4.962	5.822
Vista Nova	29	8.616	8.645
Total	16.886	28.623	45.509

Fonte: IBGE/BRASIL. Elaborado pelo autor, com base em dados do IBGE, 1980.

Embora o quantitativo da populacional rural seja maior que o quantitativo da população urbana no município, na década de 1980, Poções/BA, enquanto sede, já possuía uma quantidade de habitantes urbanos superior aos habitantes do espaço agrário. E essa realidade pode ser explicada nas transformações impulsionadas, sobretudo, pela inserção do município na região produtora de café – como parte da expansão desse monocultivo no Planalto Brasileiro (Santos, 1987) com forte intervenção do Estado para fomentar esse projeto desenvolvimentista na região (Souza, 2008)

Segundo os dados do IBGE (2010), 78% da população de Poções/BA se localizava no espaço urbano, os outros 22% habitavam o espaço agrário, evidenciando um significativo processo de mobilidade do trabalho do campo em direção à cidade (bem como para outros espaços), que junto com ele levou elementos do modo de vida camponês, a exemplo do Terno de Reis, conforme veremos na quarta seção desta dissertação. Embora a população majoritária esteja localizada na cidade, as manifestações culturais que têm suas práticas ligadas ao campo, como o Terno de Reis, mantiveram-se vivas em ambos os espaços, do campo e da cidade. Sendo assim, é importante compreender a relação campo-cidade, que existe em Poções/BA e, dentre essa, o elemento socioespacial da prática cultural do Terno de Reis. As relações imbricadas no processo de expropriação e mobilidade desses sujeitos do campo em direção à cidade, como para outros espaços, serão trazidas na próxima seção desta dissertação.

2.3 A consolidação do município de Poções/BA no movimento da propriedade privada sobre a terra

Conforme discutido anteriormente, a produção do espaço que constitui hoje o município e a cidade de Poções/BA só podem ser explicados no movimento de

consolidação e inserção desses e da região na divisão social e territorial do trabalho, diante da expansão das relações capitalistas de produção. Esse processo se revela, a princípio, mediante processo de colonização e apropriação do território, no âmbito da própria formação econômica e social brasileira, voltada a atender aos interesses acumulativos do capital europeu. Reportar a esse processo histórico é fundamental para que tenhamos os elementos concretos para entender como hoje a terra se consolida como propriedade privada, assim com o solo urbano, e de como a reprodução dos sujeitos/classes sem propriedades (a menos que tenham sua própria força de trabalho para vender) encontra-se comprometida nos espaços do campo e da cidade. Significa, ainda, compreender essa relação entre a totalidade do capital e os rebatimentos históricos no território, o que requer entender como essa particularidade se desenvolve no Brasil e quais são seus elementos centrais, que, desde o início da colonização, foi a expropriação, a propriedade privada sobre a terra e a concentração da riqueza.

O povoamento da área onde atualmente se situa a cidade de Poções remonta a segunda metade do século XVIII como consequência da expansão da empresa colonial portuguesa. Ainda que a motivação inicial para a incursão dos bandeirantes pelo interior da colônia e, em especial pelas áreas sertanejas baianas, tenham sido a procura por metais preciosos, a instalação de inúmeras fazendas na região propiciou o surgimento de outras atividades fundamentais para a fixação do colono e expansão dos seus domínios: a pecuária, sobretudo a bovina, agricultura e subsistência e a cultura do algodão. (Souza; Alves, 2007, p.139).

Assim, para compreendermos a formação espacial de Poções/BA, faz-se necessário uma breve reflexão sobre a apropriação do Sertão da Ressaca; em que a figura de João Gonçalves da Costa representa o “vencedor” em meio ao processo de colonização (tomada) desse território. No entanto, não iremos nos ater somente a isso, pois o que realmente nos interessa é analisar a produção do espaço de Poções/BA a partir da história dos sujeitos que “foram vencidos”, mas mesmo no presente momento se encontram como resistência, seja no campo, ou nas periferias da cidade, inclusive através das manifestações culturais de cunho popular.

Maximiliano de Wied-Neuwied, em seu livro *Viagem ao Brasil*, nos anos de 1815 a 1817, diz que após passar pelo ‘arraial’ de Conquista, em breve se achou “no pequeno ‘arraial’ de Poções, cujo vigário pareceu-me grande apreciador de bebidas fortes, pelo menos ao julgar pelo seu estado de completa embriaguez. O lugar conta uma dúzia de casas e uma capela feita de barro” (Wied-Neuwied, 1942, p.427). O

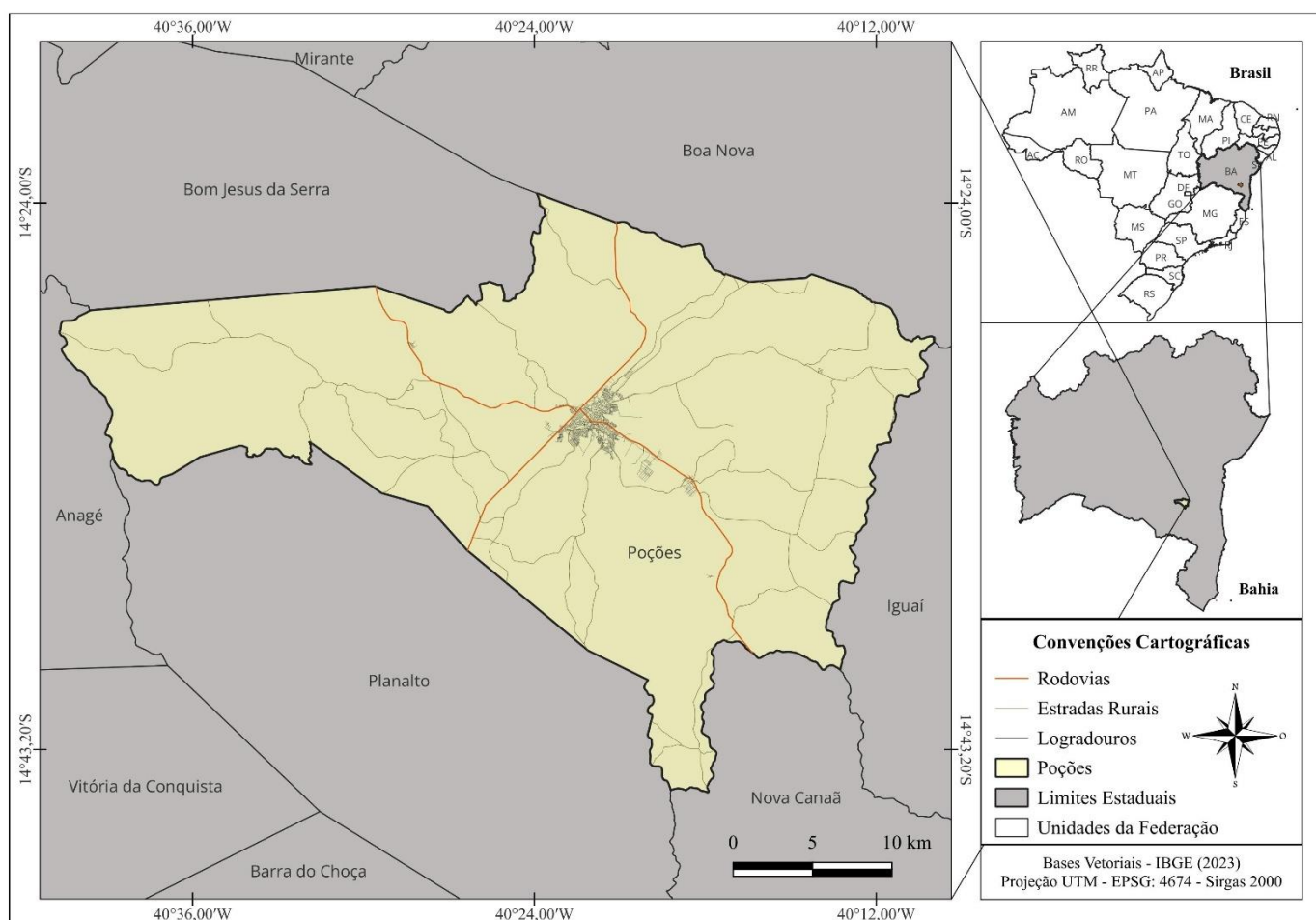
município foi nomeado Poções, graças aos inúmeros poços naturais⁹ que existia nas terras. Depois de ocorrer várias modificações nas terras do município, com o desmembramento das terras que hoje se configuram como os municípios de Mirante, Boa Nova, Caetanos e Bom Jesus da Serra. Poções se emancipou de Vitória da Conquista, em 26 de junho de 1880 e, segundo o IBGE, no ano de 1938, a vila dos Poções foi elevada à categoria de cidade. A configuração atual do espaço de Poções perpassa por uma economia diversificada, sendo a criação de gado, as plantações de café, os hortifrutigranjeiros e o comércio, as principais atividades desenvolvidas no município. Assim como salienta Soares:

Com pequena economia diversificada e inexpressiva produção de café, desenvolve a agropecuária (feijão, milho, banana, mamona e hortifrutigranjeiros, principalmente tomate e pimentão), destacando-se como primeiro produtor de fava (tipo de feijão do Sertão), e segundo produtor de tomates, além de manter uma expressiva produção de mandioca. Na pecuária destaca o rebanho de equinos (Soares, 2011, p.38).

O município de Poções/BA se localiza no Centro-Sul Baiano, tendo Planalto/BA, Bom Jesus da Serra/BA, Boa Nova/BA e Nova Canaã/BA como municípios que limitam sua área territorial, assim como aponta a figura 2, Mapa de localização de Poções/BA.

⁹ Wied-Neuwied escreve “Os Poções”, por onde se depreende que, à semelhança de outros homônimos, o determinativo deveria ter sido, a princípio, invariavelmente usado junto ao que ficou sendo depois, sozinho, nome do lugar.

Figura 2– Mapa de localização do município de Poções/BA



Fonte: Elaborado: Cardoso, 2025

“Segundo registros históricos, no ano de 1732 iniciou a exploração dos bandeirantes sobre esse território, na qual destacou-se o coronel André da Rocha Pinto” (Soares, 2011, p.37).

A colonização das terras que viriam a ser o Brasil se dá a partir de um processo de conflito e apropriação dos recursos existentes nessas terras. Com o “descobrimento” dos colonizadores a respeito da quantidade de especiarias que poderiam extrair e comercializar, iniciou-se a exploração do pau-brasil, já que o mesmo representava uma mercadoria atrativa no mercado europeu.

A Coroa sentindo a necessidade de proteger seu domínio sobre a colônia, não permitindo a apropriação de outros povos (espanhóis, holandeses e franceses), aplicou o sistema de capitanias hereditárias¹⁰ que já havia sido implementado em

¹⁰ O sistema de capitanias hereditárias consistia na distribuição de imensas áreas de terras a proprietários particulares que responsabilizar-se-iam pela sua exploração através da montagem de

outras colônias. A principal ideia de Portugal era, ao mesmo tempo em que os donatários protegiam as terras coloniais, eles conseguissem explorar e encontrar metais preciosos.

Com essa medida, Portugal buscava eliminar dois problemas de uma única vez. Por um lado, frustrava as expectativas das demais nações europeias interessadas em participar da divisão dos territórios concentrados em poder de portugueses e espanhóis. Por outro, transferia para os colonos a responsabilidade pelo povoamento e desenvolvimento da faixa de terra que se lhe havia cedido, garantida através da carta de doação ou foral. (Sousa, 1998, p.15-16).

Por falta de investimento da Coroa, o sistema de Capitanias Hereditárias não se concretizou da forma que seria ideal (Sousa, 1998) e, desse modo, implementou-se o Governo Geral, que viria a auxiliar o desenvolvimento das capitanias e eliminar as resistências indígenas que atrapalhavam o processo de exploração das terras da então colônia.

Inúmeras pessoas, na tentativa de encontrar ouro e se apropriar da natureza, adentraram “os sertões”, que até então se mostravam um território desconhecido, de várias adversidades e hostilidade. “Somente a ânsia pelo ouro justificaria tamanha coragem e ousadia dos bandeirantes e sertanistas. O enfrentamento e derrota dos aborígenes¹¹ apareciam como uma condição necessária para a concretização de tal objetivo”. (Sousa, 1998, p.16). Em meio a essa realidade, emerge a figura de João Gonçalves da Costa, o principal colonizador do Sertão da Ressaca, que assim como vários outros bandeirantes, utilizou a violência para dizimar os povos originários do seu território. Em Poções/BA, sua participação está vinculada junto a sua família Gonçalves da Costa, que passou a dominar amplas porções de terra e gozar de significativo prestígio político.

“A invasão pelos bandeirantes e a ocupação dos espaços ocupados pelos povos indígenas e negros acentuaram a concentração fundiária na região Sudoeste da Bahia, como também resulta em diferentes influências culturais, étnicas e raciais”. (Silva, 2024, p.52). Essa concentração fundiária está pautada nas bases de consolidação do município que ainda está vinculado a fortes traços de um regime coronelista; assim como essa miscigenação cultural, étnica e racial que se reflete na prática cultural dos Ternos de Reis, por exemplo.

engenhos de açúcar e busca de metais preciosos, recompensando ao rei com uma parte da produção. (Sousa, 1998, p.15).

¹¹ Forma pejorativa na qual o dominante costumava nominar os povos originários que já se reproduziam nesse território denominado Sertão da Ressaca.

A comunidade de Lagoa do João, que é reconhecida enquanto o único território quilombola do município de Poções/BA, estando ligada à reprodução de um campesinato negro e mestiço, e que começa a aparecer no período pós-abolicionista, nos possibilita uma análise sobre o processo de apropriação de algumas terras do município de Poções/BA, pois com a abolição, os negros que não tinham para onde ir se lançaram em busca de terras para cultivar a sua sobrevivência e, ao mesmo tempo, ocorreu a tentativa dos libertos de fazerem parcerias, para construir um novo espaço para suas famílias. “O deslocamento permanente foi um traço marcante para várias famílias de libertos nas primeiras décadas do século XX” (Gomes, 2015, p.126). Nesse movimento, “Não é difícil imaginar como essas comunidades rurais recriaram suas dimensões de suposta invisibilidade através de linguagens e culturas próprias com festas que iam do jongo às congadas e outras manifestações de uma cultura rural de base étnica e familiar” (Gomes, 2015, p.123).

Importante destacar, nesse histórico de formação do município de Poções, um claro processo de expropriação dos povos nativos e o controle sobre essa terra pela forma da propriedade privada, que bem caracteriza o desenvolvimento do modo capitalista de produção.

Assim, aos senhores bandeirantes e seus descendentes coube o controle sobre a terra, e destes para outros sujeitos que, detentores de bens (proprietários), puderam, por meio da compra, adquiri-la, fomentando uma estrutura social absolutamente desigual – pautada na concentração fundiária, por um lado, e em um número significativo de sujeitos sem-terra ou com poucas terras, por outro.

Essa é uma realidade que se encontra com o próprio processo de formação do espaço agrário brasileiro, e adquire novas proporções à medida que a terra passa a sofrer processos de valorização, dado avanço do capital sobre o campo, a exemplo da modernização da agricultura e mais recentemente, do agronegócio.

Entendemos que essa é uma situação importante para se explicar a realidade concreta ocorrida do município de Poções/BA, uma vez que esses sujeitos que viveram do campo e hoje vivem na cidade, agora na condição de vendedores de sua força de trabalho, em geral, saíram do primeiro por não terem mais as condições de manter a produção, por possuírem pouca terra (geralmente a terra da família camponesa vai sendo dividida entre os membros da família até que essa divisão não seja mais possível), ou mesmo pelas dificuldades de, ao produzir, comercializar a

produção; além da falta de recursos, de investimentos e, essencialmente, da própria terra.

Ao se tornarem sem-terra, resta a esses camponeses expropriados à mobilidade para os espaços urbanos em busca de possibilidades de reprodução da vida, sobretudo, por meio do trabalho assalariado.

E essa, burguês, é a vossa história, triste e sanguinária história que merece ser bem lida e refletida por vós, que em vossa virtude concebeis um santo horror pela violência dos revolucionários de hoje; por vós, burguês, que só permitis aos trabalhadores o uso exclusivo dos meios morais, por vós mesmos determinados (Cafiero, 2014, p. 147).

Além de estar dentro do cruel processo de apropriação da força de trabalho e da terra, ao invés de se organizar, rebelar e tomar o que é seu por direito, o camponês, muitas vezes, se vê obrigado a lutar baseado nas regras propostas pelo vencedor, o burguês, sendo estrategicamente submetido à lógica da exploração, na condição de refém da única forma de garantir as condições mínimas de reprodução da vida: vender sua força de trabalho.

Os dados apresentados pelo Projeto de Pesquisa GeografAR, desenvolvido junto ao Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia, com base em números oficiais fornecidos pelo INCRA, vão evidenciar essa realidade da concentração fundiária no município de Poções/BA, demonstrado nas tabelas 5 e 6 a seguir.

Tabela 5 - Concentração Fundiária – Poções/BA, 1920 – 2017.

Ano	Índice de Gini
2017	0,746
2006	0,702
1996	0,702
1985	0,575
1980	0,550
1975	0,539
1970	0,578
1940	0,620
1920	0,821

Fonte: IBGE/INCRA. Elaborado pelo autor, com base em dados do GeografAR/UFBA/BA.

Conforme pode-se observar na tabela 5, embora a maior concentração fundiária registrada tenha sido no ano de 1920 – onde certamente ainda prevalecia a política coronelista –, ela apresenta gradativa diminuição entre os períodos de 1940 até a década de 1980. A partir daí, aponta-se, novamente, um processo de maior concentração na propriedade sobre a terra, atingindo a proporção de uma concentração fundiária classificada como forte (0,746), chegando muito próximo da estrutura que se tinha em 1920 (0,821)¹²; provavelmente em razão da difusão dos efeitos da modernização da agricultura, sob a égide do monocultivo do café, e que hoje se constitui um dos carros chefes do agronegócio brasileiro, fomentando a valorização das terras, e tão longo a concentração dessa por meio da expropriação e mobilidade camponesa.

Como não é nosso objetivo central adentrar nas questões da estrutura fundiária, para nós interessa saber como ocorreu esse processo de expropriação e mobilidade do homem do campo, então expropriado, para as cidades, o que não se estabelece como um processo natural, ou de simples escolha dos sujeitos, e como esses trouxeram em suas bagagens todo um modo de vida e organização social ligado aos valores do campo, a exemplo de expressões culturais – como o Terno de Reis, que em sua origem celebra o sucesso e o compartilhamento da colheita, que se dava (dá) nos espaços do campo.

Os reflexos da expropriação camponesa e da concentração da propriedade fundiária no município são detalhados a partir dos dados do Censo Agropecuário realizado pelo INCRA, em 2017, e apresentados na tabela 6.

¹² O Índice de Gini é uma unidade de medida para se verificar a concentração das coisas, nesse caso em análise (da terra), em uma escala que vai de 0 (zero) a 1 (um); assim, quanto mais próximo de zero, significa que não há concentração da propriedade e, quanto mais próximo de um, tem-se a concentração absoluta das terras.

Tabela 6 - Estrutura Fundiária – Município de Poções, 2017.

Grupo de Área	Estabelecimentos (N.)	Área (ha)	Estabelecimentos (%)	Área (%)
Mais de 0 a menos de 0,1 ha	9	-	0,36	-
De 0,1 a menos de 0,2 ha	2	-	0,08	-
De 0,2 a menos de 0,5 ha	104	40	4,17	0,09
De 0,5 a menos de 1 ha	107	84	4,29	0,19
De 1 ha a menos de 2 ha	290	349	11,62	0,79
De 2 a menos de 3 ha	381	813	15,26	1,84
De 3 ha a menos de 4 ha	205	640	8,21	1,45
De 4 ha a menos de 5 ha	147	614	5,89	1,39
De 5 ha a menos de 10 ha	405	2.706	16,23	6,13
De 10 ha a menos de 20 ha	396	5.302	15,87	12,01
De 20 ha a menos de 50 ha	281	7.901	11,26	17,90
De 50 ha a menos de 100 ha	84	5.598	3,37	12,68
De 100 ha a menos de 200 ha	39	5.179	1,56	11,73
De 200 ha a menos de 500 ha	25	8.036	1,00	18,20
De 500 ha a menos de 1.000 ha	11	6.884	0,44	15,59
De 1.000 ha a menos de 2.500 ha	-	-	-	-
De 2.500 ha a menos de 10.000 ha	-	-	-	-
De 10.000 ha e mais	-	-	-	-
Produtor sem área	10	-	0,40	-
Total	2.496	44.147	100	100

Fonte: IBGE/INCRA. Elaborado pelo autor, com base em dados do GeografAR/UFBA/BA.

Embora os dados da tabela 6 apontem o não registro de propriedades acima de 1.000 hectares no município, ainda assim, a concentração da propriedade fundiária permanece. Há um grande número de estabelecimentos muito pequenos, ou mesmo

o registro de produtores sem área, uma realidade que, certamente, infere na mobilidade em direção às áreas urbanas e o trabalho remunerado. Observa-se que 66,11% dos estabelecimentos registrados possuem de 0 até menos de 10 hectares, áreas muito pequenas, minifúndios incapazes de garantir o sustento de uma família. Esses mais de 66% dos pequenos estabelecimentos, contudo, controlam apenas 11,88% da área agrícola do município. Já os estabelecimentos com 200 hectares a mais correspondem a apenas 1,44% dos estabelecimentos que controlam uma área 3 vezes maior que os mais de 66% dos estabelecimentos considerados muito pequenos, o equivalente a 33,79% da área rural do município.

Infere-se, pelos dados apresentados nas tabelas 5 e 6, que houve um processo de concentração fundiária no referido município de Poções/BA, o que representa, seguramente, uma realidade de saída da população do campo. Essa mobilidade vai ainda se intensificar com os efeitos da dita modernização do campo, a tecnificação de parte da produção e a dispensa de trabalhadores das atividades do campo. Embora não se tenha elementos concretos para afirmar que estes saem do campo direto para a cidade de Poções, tendo também outros destinos, parte se desloca para o próprio município, seja por já terem parentes, por estabelecer algum tipo de relação com esse espaço, ou mesmo em busca de vínculos empregatícios sem perder, totalmente, a relação com o campo ou com a família, como foi apontado por alguns trabalhadores Reiseiros entrevistados.

Em 1956, a agricultura de Poções/BA estava concentrada na produção em pequena escala, com 90% dos estabelecimentos definidos como pequenos. O número total de estabelecimentos para a agricultura era de 1.404; segundo os dados do IBGE de 1955, o emprego da força de trabalho no espaço agrário não era mecânico e estava vinculado ao trabalho com uso de animais, como os carros de boi, as carroças de burro, os cavalos e a utilização de outras ferramentas braçais; a maioria das lavouras era temporária e existia uma taxa elevada de pastos artificiais. Essas lavouras produziam, sobretudo: banana, café, coco, cacau, laranja, arroz, mandioca, feijão etc., e a forma de cultivo se manifestava de forma mais contundente a partir do cultivo simples, nos permitindo compreender esses trabalhadores como camponeses a partir da concepção trazida por Shanin (1980), a qual corresponde aos sujeitos que têm na terra e no trabalho nesta a principal forma de se reproduzir junto com a família; que vivem em pequenas frações de terra, individuais ou coletivas, de onde retiram o sustento, com pouco ou nenhum emprego de trabalho assalariado. Enfim, ser

camponês é ter um modo de viver no campo, mas também integrar uma classe social que permanece e se reproduz no campo brasileiro, e em diversos países do mundo, ainda que tenham que enfrentar o capital e o uso rentista da terra por parte dos proprietários fundiários, pautados na propriedade privada sobre parcelas significativas destas e na exploração do trabalho de outros sujeitos (Souza, 2008).

Desse modo, é importante, ainda, referendar, com base nas análises realizadas por Oliveira (1991), Conceição (1991), Marques (2002), Souza (2008) e outros autores que, ao passo que a agricultura capitalista avança no campo, expropriando parcelas crescentes da agricultura camponesa, parte desses sujeitos também resistem, continuam a se reproduzir e se recusam a sair da terra de trabalho. Porém, as dificuldades na reprodução da vida são crescentes e eles se mantêm nas contradições do modo de produção, sendo também influenciados pelas demandas comerciais, sucumbindo, ao menos em parte, à produção de produtos que interessam ao mercado, nesse exemplo, o café. Assim, a produção de café pode ser vista, dialeticamente, como um par sujeição/reprodução, pois ao passo em que se configura nas determinações do mercado, também é uma estratégia desses sujeitos permanecerem na terra de trabalho, comercializando o excedente desse cultivo – para permanecer produzindo esse e outros produtos de que demanda a reprodução social da família na terra.

2.4 Reprodução camponesa e sua relação com o Reisado

Mesmo o processo de modernização da agricultura tendo seu início na década de 1950, e se intensificando na região Nordeste a partir da década de 1970, isso não significa que o município de Poções/BA tenha se inserido, totalmente, nesse novo padrão produtivo, já que tal processo traz em si as suas contradições. Assim sendo, mesmo que tenha ocorrido expropriação e mobilidade da força de trabalho – do campo em direção à cidade, bem como para outros locais –, isso não significa que a grande produção do agronegócio se generalize por todo o município, ou que a pequena produção camponesa tenha desaparecido. E o estudo sobre os Ternos de Reis – no caso da pesquisa, dos que se reproduzem na cidade – indica que muitos desses são oriundos de comunidades camponesas e que muitos deles, ou parte de suas famílias, permanecem na terra de trabalho.

*O pó da palha subiu, a mamona abaixou, o café dá dinheiro, vou vender na fulô*¹³. (SAMBA DE REIS. Verso tradicional recolhido entre Reiseiros de Poções–BA. Pesquisa de campo, 2024).

A letra do Samba de Reis traz consigo o trabalho no campo, assim como a apropriação e transformação da natureza em fontes econômicas, seja para a sobrevivência ou não. O pó da palha do licuri¹⁴, citado no trecho do Samba de Reis, foi utilizado na realidade de Poções/BA como uma fonte de extração de renda, assim como a mamona, que antes da intensificação da cafeicultura na região Centro Sul da Bahia também era uma das principais fontes de renda dos sujeitos que tinham uma ligação com a terra. Segundo o entrevistado 01, assim que ele começou a plantar na roça, em meados dos anos 1970, iniciou com o plantio de mamona. O Reiseiro 01, complementa com a seguinte fala *“mãe fazia esteira para vender, fazia tapete. Ela falava, mas não alcancei, que ela tirou muito pó de palha para vender”*.

Antes da instalação da cafeicultura em Poções/BA, e nas demais áreas do Planalto da Conquista, havia uma produção pequena e diversificada de legumes, frutas e verduras, pautado na produção camponesa de base familiar, foi o que relataram os estudos de Santos (1987) e Souza (2008); produção que mesmo sofrendo os efeitos diretos da modernização da agricultura, consideram os autores que essa pequena produção resiste e se reproduz no campo em diversas comunidades no Centro-Sul baiano, em municípios como: Poções, Planalto, Anagé, Vitória da Conquista, Cândido Sales e outros.

O entrevistado 03, que também é camponês, relata que sua produção está voltada para o quiabo, que ora é utilizado no comércio local, ou é passado para atravessadores que promovem a circulação dessa mercadoria para Itabuna/BA, abocanhando parte de sua renda. Além disso, o mesmo diz que o processo da colheita do quiabo e o baixo retorno financeiro dificulta a sua reprodução no espaço agrário de Poções/BA, ressaltando que as principais produções na região da Salina em Poções/BA são: o tomate, o pimentão, o pepino, o repolho, a abóbora, o morango, a

¹³ Fulô – trata-se de uma variedade linguística, uma forma popular de referir-se a flor, bastante utilizada na comunicação dos camponeses.

¹⁴ Na cultura camponesa, o licuri é o fruto – um pequeno coco. Cientificamente é conhecida como a palmeira sertaneja, o licuri (nome científico: *Syagrus coronata*) também é chamado por alicuri, aricuí, adicuri, cabeçudo, coqueiro-aracuri, coqueiro-dicuri, iricuri, oricuri, ouricurizeiro, uricuri e uricuriba. Disponível em: <https://www.cerratinga.org.br/especies/licuri/>

aipim (ou mandioca, que resulta na produção da farinha) e o jiló. Segundo o entrevistado 03, a produção do tomate está presente em diversos locais, cuja produção ocorre, principalmente, com o uso de sistemas de irrigação e, para isso, rios como: o Rio das Mulheres, o Rio da Extrema e o Rio do Tarugo se fazem importantes. O mesmo salienta que na comunidade do Bezerro é produzido em torno de 1380 caixas de tomate por semana, que equivale a 30.360 kg, já que cada caixa tem aproximadamente 22 kg na comunidade do Bezerro. Esse tomate circula para Itabuna/BA e Vitória da Conquista/BA; o pimentão se enquadra em um processo parecido, e a produção é de 800 caixas na comunidade do Bezerro, totalizando 17.600 kg por semana.

Pesquisas acadêmicas, como as realizadas por Santos (1987), Souza (2008), Santana (2022) e outras, vão dar conta de evidenciar essa importância da pequena produção de alimentos e criação no Centro-Sul baiano, com um mercado regional bastante diversificado; realidade que sofre profundas modificações após a década de 1970, com a difusão do monocultivo do café, em que a ação do Estado – na propagação de um projeto desenvolvimentista para o campo – aponta a modernização das relações, como solução econômica para esses espaços¹⁵.

Composta pelos municípios de Vitória da Conquista, Barra do Choça, Planalto, Poções, Encruzilhada, Ribeirão do Largo, Itambé, Caatiba, Iguai, Cândido Sales e Boa Nova, o Planalto da Conquista vivenciou, em decorrência da instauração da agricultura cafeeira, profundas transformações sociais e econômicas que alteraram, sobretudo, a estrutura fundiária da região e as relações de vida e de trabalho no campo. Antes da introdução da cafeicultura na região, parte significativa das terras conquistenses era destinada à exploração da pecuária. Em uma pequena parcela delas, em áreas de propriedades já fracionadas por heranças e sem titulação, famílias camponesas – a maioria de posseiros – desenvolviam a produção agrícola em base familiar, plantando milho, feijão, abacaxi, mandioca, leguminosas e hortaliças para consumo próprio e para a venda do excedente nas feiras das cidades, vilas e povoados (Santana, 2023, p. 06).

Ao realizar uma leitura sobre as transformações no campo, no Centro-Sul baiano, decorrentes do avanço das relações capitalistas de produção, Souza (2008) vai enfatizar um significativo processo de valorização das terras, sobretudo via investimento do Estado, para fomentar a difusão do monocultivo do café, com a

¹⁵ Vê-se, portanto, como esse processo encontra-se vinculado ao ideário que via o campo e a produção camponesa como atraso, e a necessidade de modernizá-lo é, exatamente, no sentido de substituir a produção e a forma como essa se realizaria, ou seja, de expandir as relações capitalistas de produção – e com ela todas as suas contradições para o campo, na perspectiva de produzir mercadorias em escala crescente, e não necessariamente para produzir alimentos e atender as demandas do mercado interno.

criação de infraestruturas públicas, como o Instituto Brasileiro do Café (IBC) e financiamentos para incentivar a produção (difundindo o capital financeiro na região), o que acelerou o processo de expropriação de parcelas de camponeses, o aumento da concentração fundiária, conflitos no campo e, até mesmo, casos de grilagem de terras.

Nessa difusão do monocultivo do café, até mesmo os pequenos agricultores se viram atraídos com a possibilidade de ganhos econômicos com a produção e a busca de recursos – sobretudo via capital financeiro, que garantisse esse processo, o que nem sempre se efetivou. O município e o campo de Poções/BA também começam a vivenciar essas transformações e a influência da produção de café se torna bastante evidente. Nesse movimento, um dos entrevistados por esta pesquisa (Entrevistado 01) relatou que o café começou a dar bastante retorno financeiro aos produtores, a partir de 1970, justamente quando o mesmo se dedicava à plantação da mamona e a sofrer com os baixos preços dessa produção, o que nem sempre era rentável. Esse aspecto da diminuição dos preços alcançados por outras produções está ligado à consolidação do Planalto da Conquista como um dos principais polos da cafeicultura do Brasil, onde o que estava fora desse processo não era considerado como parte da modernização, algo que sujeitou muitos produtores a optarem pelo monocultivo, e criarem uma profunda dependência com o mercado.

As políticas estatais de modernização do campo e a crise de superprodução do café ocorrida no Brasil no início da década de 1960 – a qual foi marcada por desequilíbrios na comercialização e circulação do produto –, ocasionaram, a partir dos anos de 1970, a consolidação da região do Planalto da Conquista, na Bahia, como importante polo cafeeiro no conjunto nacional da produção desse grão (Santana, 2022, p.02).

Em acordo com o projeto desenvolvimentista, “O café chegou¹⁶ em Poções por volta de 1960, através do Instituto Brasileiro do Café (IBC), o qual atuava através de financiamentos visando a expansão da cultura” (Silva, 2015, p.03). Por outro lado, pesquisas, como as de Medeiros (2003), Santos (1987) e Souza (2008), apontam que a produção de café já era uma realidade em diversas unidades de produção do Centro-Sul baiano, mas essa se efetivava para um comércio mais local/regional, uma típica produção camponesa – que não se adequava à lógica da produção em grande escala de mercado. Assim, há todo um incentivo para que essa produção seja erradicada e, em seu lugar, passe a predominar a escala comercial. Mas essas

¹⁶ Leia-se: começa a se difundir.

imposições do mercado representam outras transformações espaciais, tais como: a valorização das terras e a concentração da propriedade fundiária, para difundir uma produção significativa e em condições de concorrer com outros mercados.

Esse processo influenciou de forma direta a mobilidade da força de trabalho dos Reiseiros, já que muitos desses declararam que trabalharam em *“roças de café”* nesse período e até o presente momento alguns ainda continuam trabalhando, ainda que seja no deslocamento temporário por ocasião da colheita do grão. Por outro lado, há casos em que os sujeitos foram para o estado de São Paulo procurar por novas condições de reprodução da vida.

“São Paulo tem dinheiro, na Bahia tem amor, a Bahia só é boa quando o ano é chovedor. Quando o ano é chovedor, quando o ano é chovedor, São Paulo tem dinheiro, na Bahia tem amor”. (SAMBA DE REIS. Verso tradicional recolhido entre Reiseiros de Poções–BA. Pesquisa de campo, 2024).

Relataram, também, que as famílias tinham pequenas frações de terra, mas acabaram vendendo ou perdendo suas terras por conta das pressões decorrentes da modernização; em outros casos, esses apontam para a situação irregular nas unidades de produção, como a ausência de documentação ou a realização de trabalhos em terras de outros, o que os colocavam em uma condição de instabilidade e, tão logo, saída da terra e a conversão em vendedores da própria força de trabalho, com destaque ao movimento em direção à cidade, o que no caso de Poções foi fundamental para explicar as transformações que a cidade passa a sofrer a partir de então. Foi possível, ainda, verificar a mobilidade da força de trabalho para regiões próximas.

“Cacau é boa lavra eu vou colher, na força do verão eu vou vender, cacau é boa lavra eu vou vender”. (SAMBA DE REIS. Verso tradicional recolhido entre Reiseiros de Poções–BA. Pesquisa de campo, 2024)

Esse Samba de Reis, que não é só do Reisado, traz consigo um canto da região Cacaueira da Bahia¹⁷, mostrando a importância do cacau enquanto o principal

¹⁷ Envolvendo diversos municípios do Sul da Bahia, cujos municípios de Ilhéus e Itabuna exerciam centralidade.

elemento para a renda de muitos sujeitos Reiseiros, já que muitos deles, no período de meados de 1960 até 1980, foram vender sua força de trabalho nesta região. O entrevistado 02 diz que *“tudo que envolvia a economia dos municípios da região era em torno das safras. Então, enquanto as safras eram boas, todo mundo tinha dinheiro e o comércio era alimentado”*. Mas há, também, uma certa confusão na relação entre patrão (proprietário fundiário) e empregado, vez que era o primeiro quem se apropriava dos resultados da produção, a direcionando, sobretudo, para grandes indústrias multinacionais (a exemplo da Nestlé) que se valia dessa matéria prima para produzir outras mercadorias. Ao trabalhador, restava o trabalho árduo, duro, temporário e, em geral, mal remunerado.

O Reiseiro 01 declarou que quando foi trabalhar nas lavouras do cacau, se locomoveu para o município de Ipiaú/BA, que é próximo ao município de Nova Ibiá/BA, onde a entrevistada 03 relata a existência de um Terno de Reis da Mulinha de Ouro e outro Terno de Reis do Bumba-meu-boi. Ambos existem em Poções/BA, tendo como os principais representantes Zé Preto e Acenor. No entanto, em meados de 1980, existia somente o Terno de Reis de Dário com a mulinha de ouro. Esses depoimentos revelam como a mobilidade da força de trabalho e o contato com outros trabalhadores e comunidades rurais também contribuíram para a reprodução dos Ternos de Reis em Poções e na apropriação de diversas de suas características.

Existem inúmeros versos que retratam várias outras questões, como: o trabalho nos engenhos, nos canaviais que está diretamente ligado ao processo de colonização das terras que viria a se chamar Brasil. Assim como, há versos que atribuem títulos de honraria ao dono da casa e a sua família, com o intuito de dignificar os sujeitos.

Termos como *“homem generoso e muito nobre”*; *“capitão da infantaria”*, que, além de trazer essa dignificação, reforça a questão do patriarcado brasileiro, já que na prática cultural dos Ternos de Reis não se louva a mulher, sem ter louvado o homem primeiro e, em geral, o homem proprietário, revelando uma realidade de submissão e exploração do trabalho. Mostra, assim, uma estrutura de classes sociais bem estabelecida, em que os homenageados são sempre pessoas ligadas às classes dominantes ou seus representantes mais fiéis.

Também existem versos do Reis da Porta que afirmam a importância da fé e da chuva para uma boa plantação e colheita, a exemplo da seguinte: *Deus te pague, Deus te ajude, Deus te dê muitos aumentos. Deus te dê uma chuva santa pra molhar*

seus mantimentos. Para o camponês sertanejo, a chuva sempre foi um elemento crucial na produção, pois não possuem, em geral, recursos que permitam a armazenagem desse bem da natureza ou a captura através de sistemas de captação, por isso a produção e todo seu ciclo é planejada em virtude do período chuvoso, da qual depende a agricultura denominada de sequeiro.

Dois Reiseiros que marcaram os anos de 1940 até meados dos anos 2000, Seu Dete e Seu Liuzinho, que trabalhavam como vaqueiros e comumente cantavam esse Samba de Reis: “*na fazenda do meu homem o iaia, tem dois vaqueiro encourado, o meu cavalo é bom de campo o iaia e o meu cachorro é bom de gado*”. Deusdete Farias, trabalhando no arado da terra, em Poções/BA (figura 3), de calça em tonalidade rosa avermelhada, camisa branca e chapéu.

Figura 3- Deusdete Farias, trabalhando no arado da terra, em Poções/BA, ano de 1970



Fonte: Acervo da família Farias. 1970

A presença do gado e do vaqueiro¹⁸ nos versos dos Samba de Reis também é algo que chama bastante atenção, já que o processo de apropriação do Sertão da Ressaca está diretamente ligado a pecuarização, depois da tentativa de se encontrar metais preciosos, haja visto que o gado serviu como um instrumento que possibilitou

¹⁸ É válido ressaltar que o Reisado tem uma ligação com a festa de Boiadeiro da Umbanda. Os Boiadeiros gostam muito dos Ternos de Reis em Poções/BA. Mãe Bibiu, curandeira que reside no município de Poções/BA, todo ano realiza a festa de Boiadeiro e convida vários Ternos de Reis para tocar no seu Terreiro (Informação verbal dada durante entrevista).

a fixação dos bandeirantes e o vaqueiro era, inicialmente, o escravo que tinha a função de cuidar do gado, sendo esse trabalho considerado um privilégio para os negros que conseguiam.

Mesmo nos anos posteriores, a criação pecuária permanece forte em municípios do Centro-Sul baiano, inclusive após a difusão do monocultivo do café nos municípios que fazem parte do denominado Planalto da Conquista, com maiores altitudes no relevo e com características edafoclimáticas compatíveis à difusão dessa cultura, uma situação muito próxima da encontrada na região produtora de café do Planalto Brasileiro, com destaque para municípios localizados nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. No caso do Centro-Sul baiano, a área denominada pelo estado da Bahia como perímetro do café compunha, sobretudo, os municípios de Poções, Planalto, Vitória da Conquista e Barra do Choça. Em municípios como Anagé e outros com características mais próximas do sertão, a criação pecuária continuou bastante significativa. Mas, é preciso ressaltar que o que determina a produção e o processo de apropriação de terras e de territórios não são as condições naturais, sendo essas apenas um incentivo inicial para o mercado, já que, encontrando características compatíveis para se obter boa produção e produtividade, poupam maiores investimentos de capital.

Essa realidade de reprodução camponesa, no movimento da relação espaço-tempo, continua a ocorrer no município de Poções e em outros do Centro-Sul baiano, mas não há como se negar as transformações ocorridas na década de 1970 e posteriores – como a difusão do pacote modernizador que, ao buscar inserir a região no movimento de reprodução ampliada do capital no campo, condena as formas de reprodução camponesa. As dificuldades em tocar uma produção mais independente do controle exercido, sobretudo, via sistema de créditos, a insegurança jurídica na propriedade de frações de terras, a mecanização e desemprego no campo, dentre outras questões, vão se constituindo em um efetivo movimento de saída de parte da população que vivia no campo em direção a outros locais onde pudessem garantir a reprodução da vida, a exemplo da própria cidade de Poções, que passa a apresentar significativo crescimento populacional a partir de então.

Expropriados da terra, parte dessa população camponesa move sua força de trabalho, se tornando, cada vez mais, móvel para o capital (Gaudemar, 1977). É esse o debate que apresentamos na próxima seção.

3 MOBILIDADE DO TRABALHO E A RECRIAÇÃO DO REISADO NA CIDADE DE POÇÕES/BA

Nesta seção, buscaremos estabelecer a relação entre a mobilidade da força de trabalho do campo em direção à cidade como uma questão central para se explicar a reprodução e recriação das práticas culturais dos Ternos de Reis na cidade de Poções/BA. Para se chegar a esse objetivo, há que se buscar todo o entendimento sobre a categoria mobilidade da força de trabalho, que dentro do debate marxiano representa a concretização do processo de subordinação do trabalho ao capital, em que os sujeitos, em geral expropriados dos meios de produção e da terra, se tornam móveis para o capital, passando a se deslocar de uma esfera produtiva para outra, de determinados espaços para outros, como condição de conseguir vender sua força de trabalho para sobreviver. Para o capital, essa realidade da mobilidade da força de trabalho é a própria condição para que o modo de produção se reproduza desde o princípio e assim possa se expandir.

Como aponta Marx, em *O Capital*, para que ocorra esse processo de produção de riqueza – que se converte em capital –, a condição central é que o capitalista encontre uma mercadoria muito especial para comprar, a força de trabalho. Para ele,

Num primeiro momento, dinheiro e mercadoria são tão pouco capital quanto os meios de produção e subsistência. Eles precisam ser transformados em capital. Mas essa transformação só pode operar-se em determinadas circunstâncias, que contribuem para a mesma finalidade: é preciso que duas espécies bem diferentes de possuidores de dinheiro, meios de produção e meios de subsistência, que buscam valorizar a quantia de valor de que dispõem por meio da compra da força de trabalho alheia; de outro, trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, por conseguinte, vendedores de trabalho (Marx, 2013, p. 786).

Mas, como aponta o autor, para transformar capital “em meios sociais de subsistência e de produção” e os produtores diretos em trabalhadores assalariados, foi necessário um longo processo de expropriação desses produtores diretos da terra e dos meios de reproduzir a vida, fomentado, de forma desigual e combinada, como um projeto civilizatório que tinha por objetivo, em princípio, libertá-lo da condição de servidão, que caracterizava seu vínculo com a terra, no contexto do modo de produção feudal, e que, posteriormente, continua a ser fomentado através da difusão de projetos de modernização para a produção do campo – como condição à reprodução ampliada do capital, que condena a pequena produção e as formas camponesas de viver. Essas pessoas são convertidas na força de trabalho necessária e central à

sustentação e expansão desse modo de produção; pois, como enfatizou Marx (2013), não basta ao capitalista ter dinheiro e reunir os meios de produção. A condição necessária à produção de valor é encontrar o trabalhador “livre” para sujeitar sua força de trabalho à produção do capital. Já essa transformação de dinheiro em capital ocorre porque, no processo de produção, o trabalhador produz mais do que aquilo que lhe retorna sob a forma de salário, esse dinheiro a mais é apropriado pelos donos dos meios de produção, se convertendo em um dinheiro acrescido a aquele que ele empregou no processo produtivo da mercadoria, transformando-se em capital.

Mas, o que é decisivo é o valor de uso específico dessa mercadoria, o fato dela ser fonte de valor, e de mais valor do que aquele que ela mesma possui. Esse é o serviço específico que o capitalista espera receber dessa mercadoria (...). (...) A circunstância na qual a manutenção diária da força de trabalho custa apenas meia jornada de trabalho, embora a força de trabalho possa atuar por uma jornada inteira, e, conseqüentemente, o valor que ela cria durante uma jornada seja o dobro de seu próprio valor diário (...). (...) Nosso capitalista previu esse estado de coisas, e o caso lhe fez sorrir. (...) O dinheiro se transformou em capital (Marx, 2013, p. 270-271).

Esse processo de produção de capital adquire novas e profundas intensificações ao longo da História de existência das relações capitalistas de produção, sobretudo com o avanço do capital constante, investimento em novas tecnologias e maquinários capazes de aumentar a força produtiva do trabalho, ao passo em que explorar mais essa força de trabalho e produzir mais capital, também diminui a quantidade de trabalhadores envolvidos diretamente no processo produtivo, ampliando o desemprego, mas esse debate, embora importante, escapa ao escopo desta pesquisa.

Para nós, importante observar que o processo de expropriação dos produtores diretos é uma condição central para consolidação da sociedade moderna capitalista, e que esse vai se estabelecendo, de forma desigual e combinada, à medida em que essas relações de produção vão se expandindo e se complexificando. Por exemplo, em nossa realidade em estudo, o processo de expropriação e conversão dos produtores diretos em trabalhadores “livres como pássaros” – para se submeter à rotina do trabalho assalariado, ou integrar o exército de reserva necessário às relações capitalistas, quando essa demandar – vai se consolidar no movimento de inserção de municípios do Centro-Sul baiano na divisão social do trabalho como produtores de *commodities* agrícolas, neste caso, o café, favorecido por um conjunto de ações do

Estado – não apenas na criação de infraestrutura, sobretudo urbana, mas na difusão de formas de produção, circulação e consumo de mercadorias.

Conforme já apontado por pesquisas realizadas por Santos (1987), Souza (2008) e outros, com a denominada modernização da agricultura – representada pela difusão do monocultivo do café, um grande número de camponeses foram expulsos ou deixaram suas pequenas propriedades, se convertendo em trabalhadores assalariados ou dispostos ao assalariamento. Essa realidade, em conjunto com outras intervenções, sobretudo do Estado, vai ser fundamental para explicar o crescimento da população urbana, principalmente de Vitória da Conquista/BA, que passa a exercer centralidade política e econômica nesse processo.

Por outro lado, em uma pesquisa que tem por princípio ser crítica e, assim, compreender criticamente a realidade, concordamos com a argumentação de Martins (1981), que esses trabalhadores são apenas “aparentemente livres”, ou como aponta Gaudemar (1977), têm apenas “a liberdade de se sujeitar ao capital”, considerando como a relação estabelecida entre esses trabalhadores e o capitalista é bastante desigual, onde o capitalista se apropria da riqueza que em essência pertence ao trabalhador, pois é produzida por ele. Ao se apropriar do excedente da riqueza produzida por meio do trabalho social realizado por homens e mulheres, o capitalista o converte em capital. Já o trabalhador recebe um salário cada vez mais baixo e insuficiente para sanar suas necessidades, se tornando “mais pobre” à medida que produz “mais riqueza” (Marx, 2004).

Na iminência da expropriação crescente, do processo de expansão capitalista e da conversão de parcelas desses trabalhadores disponíveis ao trabalho assalariado, a luta para conseguir vender sua própria força de trabalho vai se tornando, cada vez mais, difícil. O trabalhador – que já se fazia móvel para o capital, na condição de expropriado dos meios de produção e detentor exclusivo de sua própria força de trabalho – se torna ainda mais móvel, enfrentando a concorrência capitalista, se deslocando desesperadamente de um setor produtivo para outro, ou mesmo de um espaço para outro (que pode se estabelecer nas mais diferentes escalas) para ser definitivamente explorado pelo capital.

Partimos, inicialmente, dessa reflexão teórica sobre o conceito de mobilidade do trabalho e sua importância para se entender a produção do espaço no modo de produção capitalista, e as transformações que promove no campo e nas cidades. Em um segundo momento, buscaremos compreender como essa mobilidade é importante

para se explicar a realidade concreta de reprodução dos sujeitos dessa pesquisa, que embora em geral, expropriados do campo, da terra, desenvolvem, na prática cultural dos Reiseiros em Poções/BA, uma possibilidade de manterem-se ligados ao universo do campo, ainda que, concretamente, passem a sobreviver da mobilidade de sua própria força de trabalho. Na mobilidade de homens e mulheres, do campo para a cidade, dando um novo caráter a relação campo-cidade, entendemos ser possível se explicar a produção desigual desses espaços no movimento da realidade concreta.

3.1 Mobilidade do trabalho como conceito fundamental para entender as transformações do/no Espaço.

Ao se reportar ao debate teórico sobre a categoria mobilidade do trabalho, partindo das reflexões de Gaudemar (1977), nos contrapomos às leituras neoclássicas e historicistas que levam a um esvaziamento histórico e ao não aprofundamento da essência na qual se constitui o processo de consolidação dessa força de trabalho móvel, e que reduzem tais processos a meros deslocamentos oriundos da vontade e escolha dos sujeitos em busca de melhores condições de vida e trabalho. Nesta pesquisa, apontamos as determinações expropriatórias e exploratórias do modo de produção que não permitem que a reprodução da vida dos sujeitos vendedores da força de trabalho ocorra de forma digna. Na contramão daquelas leituras, Gaudemar (1977) aponta que:

Era possível uma outra interpretação de Smith: a que fundaria, a partir de suas redes sobre o papel produtivo do trabalho, uma teoria da sujeição ao capital, partindo do seu discurso acerca da evolução das sociedades, uma ciência da história, uma e outra articulando-se em torno do conceito de modo de produção. A “liberdade” dos homens seria então repensada, já não em função de uma filosofia natural, mesmo sob a sua forma substitutiva neoclássica, mas como elemento particular e contraditório do funcionamento deste modo de produção (...). Em resumo, a outra via possível era seguida pelo materialismo histórico marxista e pela análise da acumulação do capital (Gaudemar, 1977, p. 183-184).

É a partir de então que Marx formula o conceito de mobilidade do trabalho, como um axioma central da economia política, conceito que vai influenciar diversos estudos acadêmicos e extra-acadêmicos que têm por fundamento compreender a reprodução da força de trabalho, diante o processo de expropriação e exploração pelo capital. Mas esse processo apontado como condição de avanço e libertação das amarras da terra tem seu duplo e contraditório caráter, como destaca Gaudemar:

Para responder ao papel de mercadoria particular que lhe é atribuído, a força de trabalho deve ser livre sob dois pontos de vista. Liberdade positiva: a força

de trabalho é uma mercadoria que pertence, como bem particular, ao trabalhador, que pode dela dispor a sua vontade: o trabalhador é então considerado como actor da sua própria liberdade. Liberdade negativa: o trabalhador não tem diante de si outra hipótese que não seja vender ou não sua força; não tem mais nada para vender, e na prática, ou vende sua força de trabalho para viver, ou não a vende e morre (Gaudemar, 1977, p. 190).

E é assim que o autor argumenta que embora a mobilidade da força de trabalho seja introduzida, em princípio, como condição do exercício da liberdade do indivíduo, definido pela propriedade que possui sobre essa, na prática, expropriado de qualquer outra possibilidade de se reproduzir, não possui alternativa senão se sujeitar ao capital.

Partimos, ainda, de pesquisas que se baseiam nessa leitura, a exemplo da dissertação e tese de Dayse Maria Souza (2011 e 2017), dentre outras referências, vinculando a mobilidade do trabalho ao debate da produção do espaço e que, em geral, se fundamenta, também, na relação campo-cidade. Nesse movimento, centralizamos na análise dos elementos que permitam compreender a relação mobilidade do trabalho e relação campo-cidade (em um movimento de expropriação e mobilidade da força de trabalho) como condição para entender a produção desigual do espaço em Poções/BA, enquanto uma particularidade que se insere, ainda que perifericamente, no processo de expansão e acumulação do capital. Ainda partindo dessas categorias, buscamos as condições para se compreender a reprodução de práticas culturais oriundas do campo poçoense (seção 4), em que, mesmo sujeitos à expropriação do campo e à mobilidade da força de trabalho em direção, sobretudo, à cidade, eles não perdem, por completo, suas relações com o campo.

A reestruturação do capital, diante de um contexto de crise estrutural que, de acordo com Meszáros (2002), começa a se expressar desde finais da década de 1960, mediante o aumento da produtividade do trabalho e da consequente queda tendencial da taxa de lucro e pautada na adoção de um modelo de acumulação flexível, visando minimizar os efeitos irreversíveis da crise, possibilitando novas formas de relações econômicas e sociais, com efeitos catastróficos para o mundo do trabalho. Por meio do capital mundializado, a exploração e precarização do trabalho se intensificam. Assim, como afirma Souza (2011), “Na era do capital mundializado as relações de trabalho tornam-se mais precarizadas intensificando as formas de exploração em todos os ramos produtivos” (Souza, 2011, p.90). Nesse sentido, com avanço tecnológico e a financeirização mundializada do capital, a produção se intensifica, logo o nível de produtividade aumenta, junto à exploração, que transforma os trabalhadores

em “escravos” do capital. “No processo de reestruturação produtiva baseado na acumulação flexível o trabalho torna-se, portanto, mais precário, supérfluo, caracterizando uma mão-de-obra cada vez mais móvel e descartável” (Souza, 2011, p.90).

Pouco importa as relações sociais, o que de fato é interessante ao modo de produção capitalista é a garantia do lucro, que advém da exploração de trabalho não pago e favorece a acumulação. Ainda como aponta Meszáros (2002), nesse momento de crise estrutural, o capital se direciona para todos os ramos produtivos, “que sujeita cegamente aos mesmos imperativos a questão da saúde e do comércio, a educação e a agricultura a arte e a indústria manufatureira” (p. 96). Tão logo se ampliam os processos de mobilidade do trabalho, uma vez que esses trabalhadores necessitam sobreviver, mas, na outra ponta, ao mover uma multidão de trabalhadores em busca de determinadas “vagas de emprego”, o capital intensifica a exploração desses trabalhadores, que são levados a produzir mais e ganhar menos, o que se concretiza por meio da perda de direitos e a flexibilização das leis trabalhistas em diversos países do mundo, atraindo as empresas em seu apetite voraz por lucro.

No caso da agricultura, cujas mudanças nas relações de produção são relevantes para se entender a realidade concreta do município de Poções e do Centro-Sul baiano, pode-se considerar que o avanço do capital sobre o campo se dá expandindo as relações tipicamente capitalistas, expropriando e expulsando parcelas significativas dos pequenos produtores, que passam a reproduzir a vida, agora, na busca constante pela venda da própria força de trabalho, se tornando efetivamente móveis. Mas, ocorre, também, mediante a sujeição da renda camponesa, inserindo-os de forma subordinada a produzir em acordo com as determinações do mercado, por meio do qual difunde-se o sistema de crédito, endividamento dos produtores, dificuldades para produzir e colocar a produção em condições de competitividade, não raras vezes tendo, também, que deixar a terra e se lançar na odisseia em busca do trabalho remunerado.

Foi possível, ainda, se verificar exemplos de trabalhadores que se sujeitaram ao trabalho em terra de outros, em troca da utilização de um pedaço de terra para a sobrevivência, em forma de meeiros ou parceiros, o que proporciona ao proprietário das terras se apropriar de parcelas do trabalho sem gastar nada com isso, configurando na extração de renda da terra. Tantos outros exemplos de expropriação e exploração do trabalho podem ser apontados, sempre com o intuito no lucro, bem

como um crescente processo de mobilidade de trabalhadores em busca da sobrevivência, se estabelecendo no campo ou nas cidades. “As relações entre trabalho pago e não-pago podem ser consideradas, portanto, como uma das primeiras determinações da mobilidade do trabalho nos termos de Gaudemar” (Gomes, 2009, p. 41).

Haja vista que a apropriação da terra se sustenta na expropriação dos camponeses, ou na transformação dos mesmos em “agricultores familiares”, inseridos na lógica capitalista, onde a sua produção se torna mercadoria com valor de troca (SOUZA, 2011), Gaudemar (1977) faz a análise da mobilidade do trabalho como uma forma de intensificar a acumulação do capital, pautada na fundamentação de Marx que encontrou a mobilidade do trabalho enquanto a peça do “quebra-cabeça” no modo de produção capitalista. Ao colocar trabalhadores em um processo onde pode vender a sua força de trabalho em qualquer lugar, dando a falsa sensação de liberdade, no entanto, o que de fato ocorre é a sujeição de trabalhadores, que estão lutando pela sobrevivência. Gaudemar (1977) faz a análise dessa liberdade como um mecanismo da subserviência dos trabalhadores as exigências do capital.

Dessa maneira, o capital expressa um controle social, através da flexibilização da produção e do trabalho, dos baixos salários e dos trabalhos precarizados. Logo, a mobilidade do trabalho cumpre seu objetivo, que é explorar e controlar a força de trabalho, essa que é a mercadoria principal na acumulação capitalista, pois só ela produz mais-valor do que recebe sob a forma de salário, e que para o capitalista se transforma em capital.

A força de trabalho no modo de produção capitalista, pode ser compreendida a partir do dispêndio da força humana de trabalho (Gaudemar, 1977). Marx nos trouxe a análise da alienação do trabalhador e suas relações sociais no modo de produção capitalista. Ao buscar compreender esse processo, Gaudemar mostra como esses trabalhadores, em meio a tal processo de alienação, são peças fundamentais para a dinâmica econômica de acumulação do capital (Gomes, 2009). Embora Marx considere que o capital leve os trabalhadores a se movimentarem no mercado de trabalho, Gaudemar defendia que o capital regulamentava os fluxos migratórios, configurando, assim, uma das formas de mobilidade do trabalho (Gomes, 2009). Nesse sentido, Gaudemar (1977) compreendia a mobilidade do trabalho, não como deslocamento espacial, ele levava em consideração a questão produtiva e sua formação histórica, assim como aponta Boechat (2019).

A relação entre a mobilidade do trabalho e a precarização aparece a partir da crise e do desemprego estrutural, sendo essas formas perversas que obrigam a submissão da força de trabalho ao capital. As transformações e a reestruturação espacial são reflexos das mudanças nas relações de trabalho, que consequentemente modifica a forma de reprodução do capital, assim como ressalta Souza (2017). Além disso, as transformações no espaço agrário têm um forte vínculo com as ações estatais, que subordina os camponeses ao capital, possibilitando a concentração de terras e, assim, expropriando os trabalhadores de suas terras e os transformando em exército de reserva para o capital, no espaço urbano (Souza, 2017). A territorialização do capital é facilitada pelo Estado, através de incentivos fiscais e políticas modernizantes.

A mobilidade do trabalho está diretamente ligada à reestruturação produtiva, que possibilita uma flexibilidade nas relações de trabalho (como nos contratos temporários, nas terceirizações, entre outros exemplos), sendo utilizada como uma ferramenta de controle e dominação do capital. É o que veremos a seguir, sobre como a mobilidade do trabalho está atrelada à produção do espaço urbano de Poções/BA.

3.2 Mobilidade do trabalho e produção do espaço da cidade de Poções/BA

Na teoria e no método adotados por essa pesquisa, enquanto perspectiva de vida e de compreensão do mundo por parte do pesquisador, buscamos, por meio das reflexões já realizadas sobre a mobilidade do trabalho, como conceito fundamental na reprodução do modo de produção, os elementos para compreender como esse processo se expressa e é fundamental para explicar a produção atual da cidade de Poções/BA, com destaque para as transformações ocorridas no campo – via modernização da agricultura e produção de *commodities* agrícolas, mudanças nas relações de trabalho ocorridas e a saída de muitos sujeitos do campo, buscando agora se reproduzir por meio da venda de sua força de trabalho na cidade, conforme demonstrado na seção 2.

Essa mobilidade também vai se expressar na falta de oportunidade de permanecer no campo, na perda da terra de trabalho, configurando um processo concreto de expropriação, ou mesmo da dificuldade de muitos trabalhadores continuarem realizando atividades trabalhistas capitalistas (assalariadas) ou mesmo não-capitalistas (como meeiros, parceiros, etc.) nesse espaço. O olhar para essa

mobilidade do trabalho ocorrida outrora e atualmente parte da realidade concreta dos sujeitos Reiseiros entrevistados, vez que esses são trabalhadores, garantem a vida, a reprodução social da família, sobretudo, por meio da venda da força de trabalho. Outros, mesmo vivendo na cidade, ainda apresentam relações concretas com o campo, mantendo “uma terrinha”, ou possuindo terra de parentes para onde se deslocam de vez em quando. Por isso, entendemos que o olhar para a história desses trabalhadores torna-se fundamental para se compreender as mudanças no mundo do trabalho, a mobilidade do trabalho na relação campo-cidade, bem como esse processo se reflete na produção do espaço da cidade de Poções/BA.

Para tanto, dos conceitos e seu tratamento teórico, buscamos o levantamento de pesquisas que enfoquem elementos significativos para se compreender a realidade concreta de Poções/BA, com destaque para os estudos de Almeida (2013), Costa (2021), Abreu (2024), dentre outros.

Ressalta-se que, com a intensificação do processo de urbanização que ocorreu no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, o município passou por algumas transformações, conforme discutido anteriormente, o que resultou em um crescimento da população urbana, em decorrência, sobretudo, da expropriação e saída de parte da população do campo em direção à cidade. São esses trabalhadores que viviam no campo e que, expropriados da terra, migraram para cidade a fim de obter o sustento por meio do assalariamento ou de outras formas precarizadas de trabalho, como veremos a seguir.

Como consequência dessa intensificação da migração do campo para a cidade, surgem novos bairros nas localidades mais afastadas do centro da cidade de Poções/BA, onde o valor do solo urbano é mais barato e, portanto, acessível a trabalhadores oriundos do campo e considerados com baixa ou nenhuma qualificação. Por isso, são inseridos em trabalhos bastante precarizados, mal remunerados, temporários e/ou ‘por conta própria, como veremos a seguir. São nesses locais de reprodução no espaço da cidade, denominadas periferias¹⁹, que as práticas rurais, a exemplo do Terno de Reis, se reproduzem e se manifestam.

¹⁹ Compreendemos periferia em uma perspectiva muito próxima da apresentada por Santos (2019) e que não se restringe ao espaço distante do centro, da distância geométrica desse, mas dadas condições sociais das classes que nesses se reproduzem. Essas periferias, lócus de reprodução da classe trabalhadora e também, em geral, precária em equipamentos e serviços públicos, reforçando o caráter classista do poder público municipal em reproduzir a cidade desigual, apartando as classes em sua produção espacial.

Esses sujeitos que viveram do campo e hoje vivem na cidade, agora na condição de vendedores de sua força de trabalho, além da expropriação direta, saíram do primeiro também, por meio de uma expropriação indireta²⁰ – por não terem mais as condições de manter a produção, por possuírem pouca terra (em geral, a terra camponesa vai sendo dividida entre os membros da família até que essa divisão não seja mais possível), ou mesmo pelas dificuldades de, ao produzir, comercializar a produção; além da falta de recursos, de investimentos e, no geral, da própria terra.

Ao se tornarem sem-terra, resta a esses a mobilidade para os espaços urbanos, onde possam sobreviver agora, sobretudo, por meio do trabalho assalariado. A figura 4 “Expansão urbana da cidade de Poções/BA, 1985-2023”, desvela o crescimento da malha urbana de Poções/BA. Para Santana (2024), o fator de crescimento é a utilização do solo como mercadoria, pelos proprietários fundiários, para acumulação atrelada aos interesses da gestão pública para urbanização de Poções/BA.

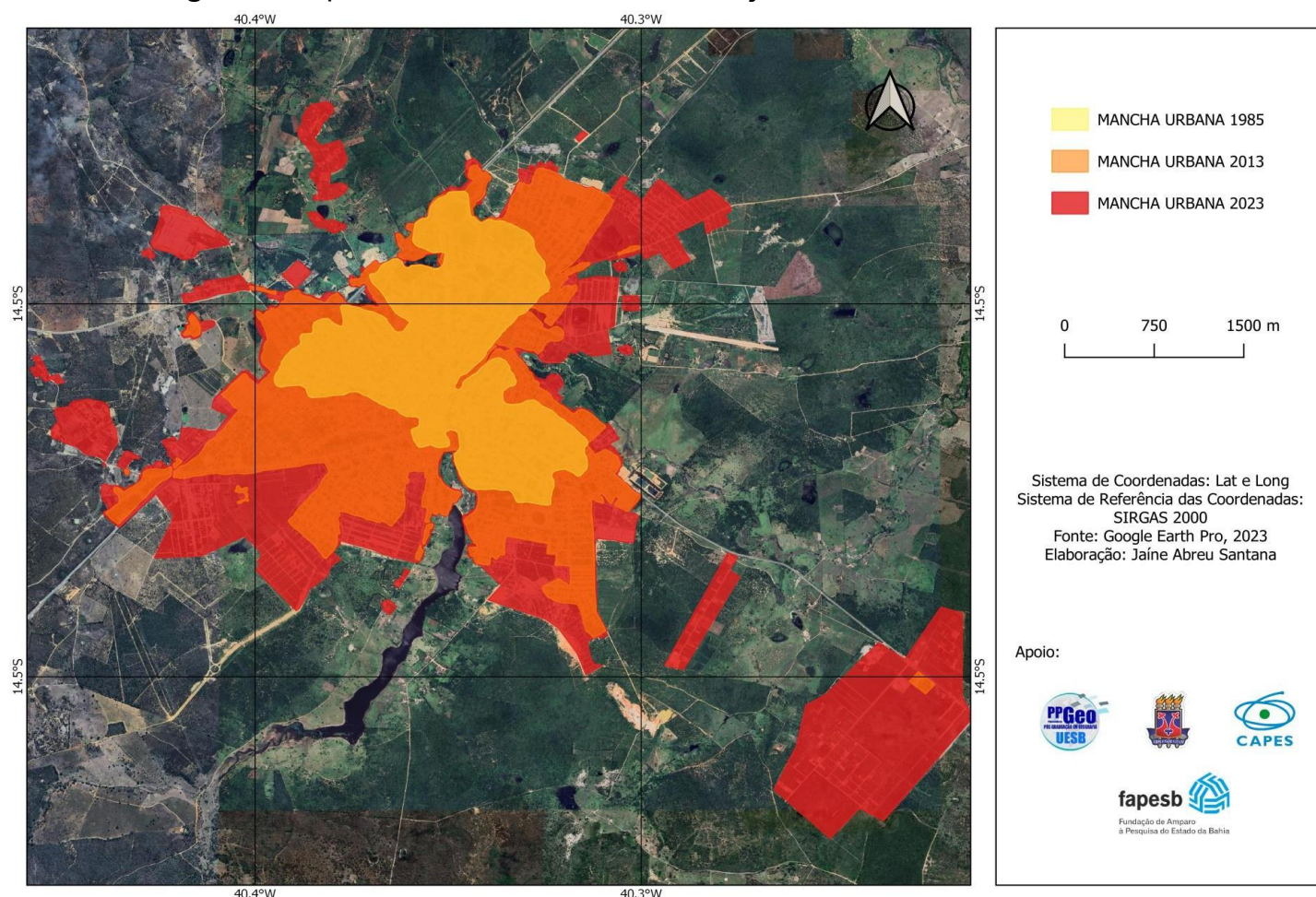
A produção da cidade capitalista revela, sempre, as contradições de uma sociedade de classes, e na cidade de Poções essa realidade não é diferente. A pesquisa realizada por Santana (2024) e apontada, também, na figura 4, revela um processo real de crescimento da cidade e ocupação de novas áreas e, embora a mesma enfatize a ação de empreendimentos imobiliários fomentando o ideário do solo urbano enquanto mercadoria a ver valorizada e efetivamente vendida, essa expansão também se fez nas suas contradições, na ocupação e permanência de áreas mais pobres, de baixo valor agregado ao solo, onde parte significativa dos migrantes do campo encontraram as possibilidades de se reproduzirem.

Ao avançar sobre o campo, a cidade o incorpora sob novas formas de apropriação, que conduzem a uma nova racionalidade espacial, subsumida a uma nova lógica da reprodução capitalista e das relações de trabalho. Isso não significa dizer que há a eliminação por completo dos antigos usos e funções, mas uma fusão amalgamada, intensificadora da dialética campo-cidade; tais espaços, embora possuam especificidades carregadas de sentido e conteúdo social, não podem ser compreendidos como espaços fragmentados, mas sim de essência una, como produto na cadência da sociedade na relação capital versus trabalho (Santana, p.95, 2024).

Nesse viés, a malha urbana se modifica a partir das relações campo-cidade, capital-trabalho.

²⁰ Aqui consideraremos a expropriação direta os processos de expulsão das famílias camponesas da terra de trabalho, em decorrência, do processo de perda de acesso aos meios de produção e a terra, no modo de produção capitalista.

Figura 4- Expansão urbana da cidade de Poções/BA, 1985-2023.



Fonte: Santana, 2023

Por meio de entrevistas com diversos trabalhadores ligados aos Reisados que ocorrem na cidade de Poções, esses relataram que vieram de localidades rurais ou municípios vizinhos. Outros não sabem ao certo de onde vieram suas famílias. A maioria dos Reiseiros entrevistados com idade de 50 anos até os 60 anos já se encontravam na condição de moradores da cidade de Poções/BA. No entanto, essa cidade que eles moravam era completamente diferente da cidade de Poções/BA atualmente, já que ela se encontra em um processo de expansão da malha urbana. Diferente dos Reiseiros que possuem 70 anos ou mais. Esses moravam em espaços agrários e vieram morar na cidade de Poções/BA, a exemplo do Reiseiro 04, que veio de Feira de Santana/BA, morou em localidades rurais de Poções/BA e, assim como outros Reiseiros em meados de 1960, foi trabalhar no estado de São Paulo.

Os outros Reiseiros entrevistados, ou vieram de municípios que fizeram parte de Poções/BA, ou nasceram na cidade de Poções/BA. Esses Reiseiros, acostumados a trabalhar no campo, ao chegarem na cidade, passam a ocupar os trabalhos de pedreiro,

chapas, ajudante de pedreiro, pintor, encanador e diversos outros trabalhos que exigem força bruta para serem realizados, mas, também, se evidenciou trabalhadores que realizam trabalhos temporários nas roças, mesmo que vivam na cidade. Sob essas condições de trabalho, em geral, precário, temporário e mal remunerado, para a reprodução da vida, o que lhes resta é morar em bairros afastados do centro de Poções/BA, com uma infraestrutura precarizada, assim como a figura 5 aponta.

Figura 5 – Ruas de Reiseiros, nos bairros: Alto da Vitória, Açude, São Paulo e Bela Vista, em Poções/BA, 2025.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

O Reiseiro 10 diz que, *“Eu nasci na zona rural, lá na Passagem de Pedra. Eu vim para a cidade no mesmo ano que meu pai morreu, que eu já tinha 20 anos de idade. Fui para São Paulo com 15 anos, meu pai ainda era vivo. Fui pra cozinhar lá. Sempre vinha aqui para cantar Reis. Trabalhei pouco na roça, logo aprendi a trabalhar de pintor e pedreiro, (2024).* Atualmente, o Reiseiro 10 vive no bairro Alto da Vitória, ainda em Poções/BA, sob a condição de aposentado. O Reiseiro 01, criado na Avenida Boa Nova, conseguiu comprar o seu terreno no bairro Bela Vista, *“Na época que comprei, em 2000, foi por causa de estar abrindo um novo loteamento. Quando abre um novo*

loteamento em Poções/BA, os preços são mais baratos.²¹ Na época, só tinha o loteamento aberto no Bela Vista, o terreno custou 400 reais²². Eu só recebia por mês 118 reais na firma que trabalhava. Comprar um terreno no centro nem passava por nossa cabeça, por conta dos valores.” Desse processo de acesso aos loteamentos, discute Santana, J. (2024):

Nas últimas décadas do século XX, agudiza-se de forma agressiva a investida do capital sobre o campo poçoense, com o controle dos meios de produção por parte de grandes proprietários fundiários e capitalistas, e a expropriação de uma parcela significativa dos camponeses do seu instrumento de trabalho – a terra. Nesse cenário, famílias camponesas e trabalhadores assalariados, expulsos dos seus espaços de reprodução social, veem-se obrigados a se sujeitarem às formas mais precárias e degradantes de inserção no mercado de trabalho urbano. São esses sujeitos que vão dar origem aos espaços periféricos da cidade de Poções, pois, sem as condições objetivas para ocuparem as áreas no centro, adensavam-se em loteamentos sem infraestrutura nas franjas da malha. (Santana, 2024, p. 63)

Assim, Santana (2024) revela a mobilidade para a cidade, como um fenômeno que advém das mudanças que ocorrem no espaço agrário. A inserção dos trabalhadores que possuíam terras, e agora passam a ser trabalhadores sob a condição de assalariados, em loteamentos sem infraestrutura, em condições precárias, mostra um desenvolvimento desigual da cidade, mas necessário para as formas de produção e reprodução do capital. Realidade que se configura e atinge os sujeitos e envolvidos nas culturas populares, em específico a do Terno de Reis, em Poções/BA.

3.3 Mobilidade do trabalho e a sua influência na reprodução do Reisado na cidade de Poções/BA.

Com a reestruturação produtiva do capital, na era da acumulação flexível, o mundo do trabalho se modifica e, conseqüentemente, há o aumento do desemprego, que assume uma condição estrutural – crescendo o número de trabalhadores em busca do assalariamento e, tão logo, intensificando as condições precárias de trabalho.

Uma das tarefas cruciais para Marx foi desmistificar a idéia de um homem livre e soberano, egoísta e promotor do progresso de uma humanidade compreendida abstratamente, e o fez mostrando como o homem na sociedade moderna tem sua liberdade limitada pelas condições de

²¹ Para compreender a valorização do solo urbano em Poções/BA, recomendo a leitura da dissertação “O ‘canto da lara’: a cidade como mercadoria e a valorização do valor na produção do espaço em Poções, Bahia” (Santana, 2024).

²² Com base na calculadora de inflação do Brasil (<https://www.bloomberglinea.com.br/calculadora-de-inflacao-no-brasil/>), o valor equivalente, no ano de 2025, seria de aproximadamente R\$ 1800,00 (um mil e oitocentos reais).

apropriação dos meios de produção e pelo estabelecimento das relações de assalariamento. A preocupação de Gaudemar (*idem*, p. 200), no entanto, é desenvolver uma análise sobre como a própria acumulação de capital determina tanto as condições de demanda quanto de oferta de trabalho, demonstrando que o indivíduo trabalhador também constitui uma produção capitalista, pois somente tem a força de trabalho para vender em troca da sua própria sobrevivência e da de seus dependentes. (Gomes, 2009, p.40)

Essa realidade também interfere no cotidiano dos sujeitos de nossa pesquisa, uma vez que esses Reiseiros são também trabalhadores, oriundos do campo e, em grande medida, expropriados da terra, portanto, detentores única e exclusivamente de sua força de trabalho para vender. Mas, dentro do modo de produção, na condição de trabalhadores “com pouca qualificação” (no sentido do trabalho assalariado, uma vez que em geral vieram do campo, estando ligado a esse tipo de trabalho) acabam por se inserir (quando conseguem) nos tipos de trabalho mais precários, com baixa remuneração ou em trabalhos temporários, ou mesmo na informalidade, nos bicos. Conforme constatou-se em pesquisa de campo, dificilmente esses se encaixam nas exigências do mercado de trabalho formal, a exceção dos mais jovens que acabam tendo a possibilidade de acessar uma melhor formação escolar, com alguns casos de acesso ao ensino superior.

Barros (2018) afirma que:

No processo de expansão do capitalismo no campo há de se considerar dois elementos: o primeiro é que há uma massa de trabalhadores rurais expropriados da terra que só dependem de sua força de trabalho e de sua família, são pequenos sitiantes, rendeiros, diaristas, posseiros; entre outras categorias de trabalhadores. O segundo diz respeito ao contingente de camponeses expulsos dos seus territórios, agora transformados em proletários rurais e/ou assalariados do agronegócio (Barros, 2018, p.03).

Por possuir somente a força de trabalho, o trabalhador tem a falsa sensação de liberdade, já que o mesmo pode aparentemente vendê-la para quem quiser comprar. Ao abordar a relação estabelecida entre capital e trabalho, Barros (2018) diz que “Um fornece trabalho e outro paga com salário o trabalho realizado. Transforma-se em uma relação de liberdade e igualdade, nos moldes do sistema capitalista e profundamente contraditória”. Contradição essa necessária para a sustentação do sistema capitalista, visto que para a manutenção do capitalismo faz-se necessária a existência de desigualdades.

Desse modo, os trabalhadores e Reiseiros sujeitos desta pesquisa, muitas vezes, por não conseguirem se encaixar nas exigências do mercado de trabalho formal, acabam se submetendo a um sistema de trabalho informal precário. Ainda que acessando esses trabalhos com menores remunerações, é por meio desses que

adquirem alguma renda que lhes garantam a sua sobrevivência, já que com o processo de expropriação do campo, muitos deles acabam indo para a periferia urbana da cidade de Poções e, sendo analfabetos (em sua maioria), sempre estiveram ligados ao trabalho braçal.

Ao longo das entrevistas realizadas com esses sujeitos, sobretudo os mais velhos, foi possível se identificar uma longa história de mobilidade de sua força de trabalho e a busca de garantir a reprodução das famílias por meio de longos e constantes deslocamentos. No contexto pós expansão capitalista no campo e a expropriação da terra de trabalho, alguns trabalhadores entrevistados relataram terem se deslocado para vender sua força de trabalho em outros estados, como São Paulo, onde desempenharam diversas funções. O Reiseiro 04 diz que, *“Eu vim para Poções em 1945. Quando cheguei aqui, tinha somente algumas ruas e poucas casas. Eu vim de Feira de Santana/Ba para cá. Me criei na zona da Mata, no Riachão de Cambiriba e fui trabalhar em São Paulo, mas retornei após 21 anos de trabalho lá”*. Houve, ainda, relatos de partes de Reiseiros que permaneceram nesses locais, estabelecendo novas famílias e reproduzindo a vida fora do município de Poções/BA. O Reiseiro 05 mora no estado de São Paulo e lá constituiu sua família. No entanto, sempre que possível, se faz presente no período do Reisado no município de Poções/BA e isso, por possuir uma relação afetiva com essa manifestação cultural.

Importante ressaltar que o fato desses serem oriundos do campo, em que mesmo na condição de camponeses possuíam uma jornada intensa e pesada de trabalho (muitos trabalhando desde criança, realizando trabalho braçal), ao sofrerem a expropriação e saída do campo, não encontram condições melhores na cidade – com destaque para a realização do trabalho dos chapas: degradante, mal remunerado e sem nenhuma garantia trabalhista. Reiser 01 diz que *“na época que eu descarregava, eu sabia o valor, hoje em dia, eu não sei mais, porque tem bastante tempo que parei, mas na época um saco de cimento para descarregar era 25 centavos; um saco de sal para descarregar era 10 centavos; um fardo de arroz, 30 centavos; uma tonelada de cerâmica para você tirar de cima de uma carreta, eles queriam pagar 30 ou 40 reais”*.

Além disso, nessa odisseia entre o trabalho do campo e da cidade, os trabalhadores passam a conviver com dificuldades concretas de se aposentar, em geral, não dispondo dos documentos comprobatórios do trabalho realizado e ainda perdendo a prerrogativa de se aposentar com o tempo mínimo de contribuição

garantindo pelo trabalho rural, conforme define a Reforma Trabalhista, Lei 13.467, de 2017. Essa questão, também tratada na dissertação de Fernandes (2023), passa a representar dificuldades concretas para os sujeitos desta pesquisa, pois ao acessarem os trabalhos urbanos, perdem o direito de se aposentarem como trabalhadores rurais, se adequando a legislação dos trabalhadores urbanos e pelos tipos de trabalho sem garantias que a maior parte dos entrevistados acessam, certamente não irão obter os direitos previdenciários, o que é particularmente preocupante para aqueles com idades mais avançadas, apresentando comorbidades e com dificuldades de continuarem trabalhando.

O Reiseiro 01 atualmente possui 55 anos de idade, trabalhou por um período de mais de 10 anos como chapa e diz que: *“Chapa aposentar por tempo de serviço não aposenta. Só se chegar a idade de 65 a 75 anos, e for vivo ainda. Eu não sei nem com quantos anos aposenta mais o homem. Para um chapa aposentar, tem que trabalhar em uma firma, ou fichado, aí aposenta. A não ser nós que trabalha por conta de chapa, que nem eu trabalhei muito tempo, conta própria, descarrega um carro hoje e aventura outro amanhã, só o que nós colhemos é doença. Ficar careca, ter que carregar peso, machucar a coluna, desgastar joelho, de tanto subir escada com peso nas costas, 90 quilos, 120 quilos, que nem eu já peguei, quatro fardos de arroz, tudo isso. E tirando isso aí, não tem mais nada, não tem lucro nenhum. O trabalho de chapa é um serviço digno, é para viver, tudo é serviço, mas para aposentar, trabalhando de chapa na praça não aposenta, não.”*

Mas uma questão crucial lançada por esta pesquisa é que, na condição de expropriados do campo e de se reproduzirem na cidade com uma série de restrições e acessando trabalhos bastante precarizados, como se dá a reprodução social dos mesmos na cidade de Poções? Algumas reflexões trazidas por Santana (2024) nos dão indícios para pensar esse processo, ao revelar a origem dos loteamentos onde os Reiseiros entrevistados passaram a sobreviver, classificando-os como loteamentos populares, afastados da malha urbana e longe da BR-116, inclusive com dificuldade de acesso ao centro da cidade. O quadro 1 aponta esses loteamentos e a figura 5 espacializa a localização de cada loteamento em Poções/BA. “As ocupações não foram meros acontecimentos fortuitos; ao contrário, foram deliberadamente planejadas e respaldadas pela anuência e iniciativas do poder estatal municipal.” (SANTANA, 2024, p. 98).

Quadro 1 - Loteamentos implantados até o ano de 2000 em Poções/BA, categorizados de acordo com o padrão de ocupação estabelecido pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU).

Loteamentos	
Popular	Médio
Luís Heraldo Curvelo	Bom Jesus
Vera Cruz	San Giovanni
Alto da Bela Vista	Luís Eduardo Magalhães
Salustiano Sampaio	Vila Romana
Alto do Divino	Santa Felicidade
Alto do Açude	Alto do Indaiá
Alto do Paraíso	Jardim Atalaia
	Rui Barbosa
	Prof. Luís Rogério
	Vila Mascarenhas
	Nova Sião
	Fortunato Chaves
	Candeias
	Santa Cecília
	Alvorada

Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), 2011. Organização: Santana, 2023.

O local de reprodução da maioria dos entrevistados é em loteamentos populares como: Alto do Açude. Alto da Bela vista, Alto do Paraíso e Fortunato Chaves (embora estando na tabela nos anos 2000, como um loteamento de médio padrão, a infraestrutura²³ revela a contradição, pois a falta de saneamento básico em boa parte dele, junto a uma precariedade e a ocupação dos sujeitos, são fatores a serem levados em consideração para essa análise). O acesso ao centro da cidade, e a BR-116 (onde acessam as cargas para os serviços de chapa, por exemplo) é difícil para os Reiseiros que passaram a residir nesses loteamentos/bairros.

²³ A infraestrutura desses loteamentos, que hoje se tornaram bairros, é parecida. Ruas sem asfalto, um processo de esgotamento sanitário recente, com pouco mais de 10 anos. Uma creche em cada bairro, unidade escolar de ensino fundamental I e um posto de saúde. Água e Luz na maioria do bairro, mas com locais ainda sem acesso a esses serviços.

Nas figuras 6 e 7, no sentido Oeste da BR-116, temos a parte mais propensa ao setor de serviços, junto ao acesso para o município de Vitória da Conquista/BA. No sentido Leste da BR-116, temos o acesso ao município de Jequié/BA, mas, mesmo assim, esse trecho não tem uma demanda no setor de serviços para os trabalhadores entrevistados. Existe um ponto de chapa no final da Av. Vitória da Conquista, para pegar as cargas antes dos outros pontos de chapa que estão localizados no centro da cidade de Poções/BA. A figura 6 mostra o ponto de chapa citado e o final da rua de Conquista que dá acesso a BR-116.

Figura 6 - Ponto de chapa na Av. Vitória da Conquista, em Poções/BA, 2024.



Fonte: Google StreetView, 2024

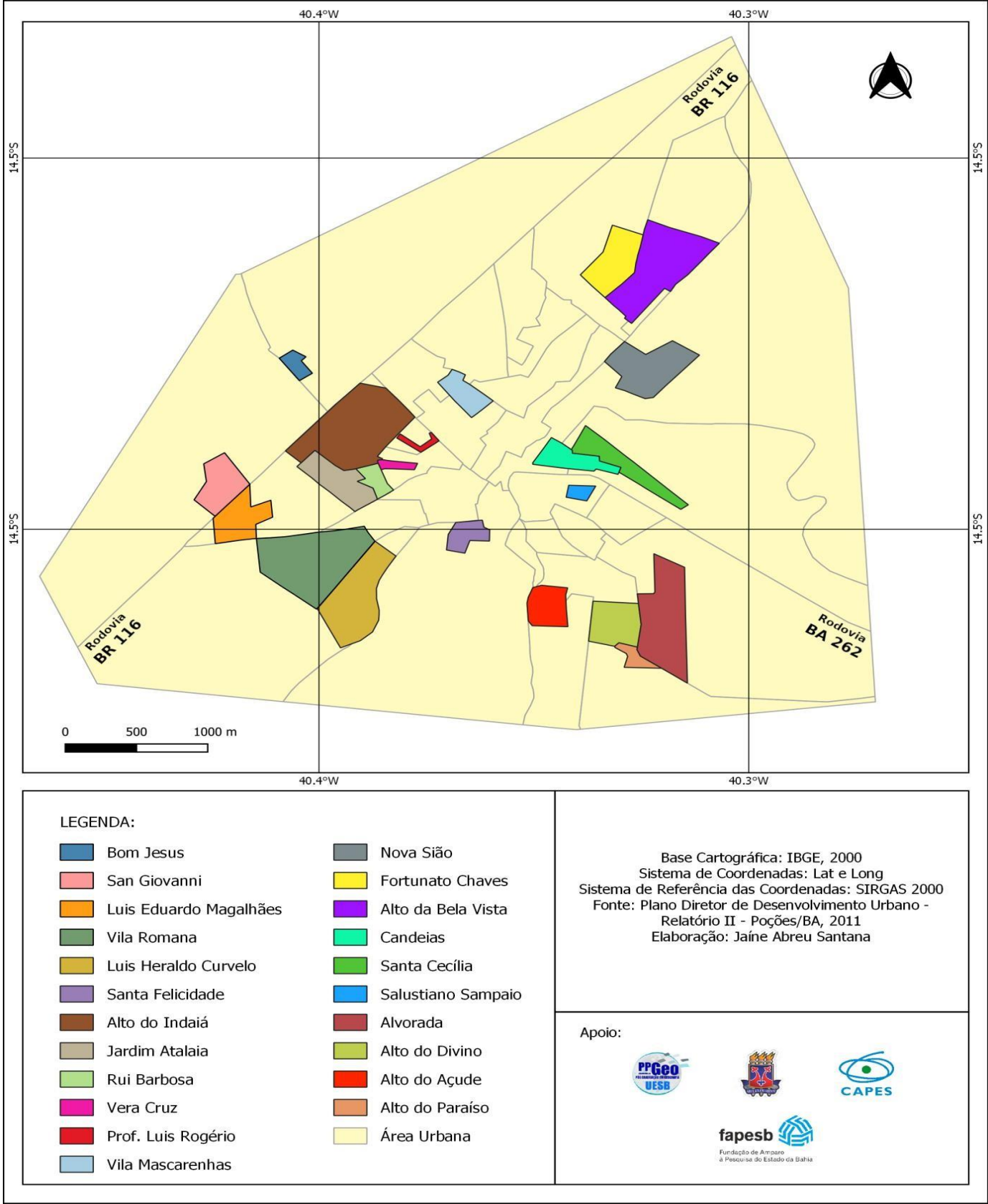
Entendemos que essa é uma situação importante para se explicar a realidade concreta ocorrida no município de Poções/BA, uma vez que esses sujeitos que viveram no campo e hoje vivem na cidade, agora na condição de vendedores de sua força de trabalho, ou mesmo seus descendentes que já nasceram na cidade, em geral, saíram do primeiro por não terem mais as condições de manter a produção, por possuírem pouca terra. Eles vivem na cidade, mas pouco acessam, efetivamente, o que ela produz. Vivem, literalmente, “às margens” da sociedade poçoense, assim como da BR-116 (enquanto parte de um projeto de desenvolvimento fundamental no escoamento da produção, das mercadorias em direção ao consumo, que move a acumulação capitalista).

[...] A conexão do município à lógica capitalista teve materialização com a abertura e asfaltamento do trecho da BR-116 que perpassa o município de

Poções, conectando-o aos demais municípios e estados do Brasil estruturalmente ao cerne da circulação de mercadorias. (Dias, p.40, 2024).

Ao se tornarem sem-terra, o que resta é a ocupação e/ou a compra desses loteamentos populares, em alguns casos até mesmo os loteamentos considerados “médios”, mas sem infraestrutura. Nos debates trazidos pela Geografia Urbana crítica, os trabalhadores mais pobres, em geral, têm dificuldades em acessar o solo urbano, ocupam as áreas mais distantes, sem infraestrutura, com ausência da ação do poder público (mesmo que seja para reprimir, se necessário), passando a conviver com as dificuldades de se locomover e acessar o trabalho, por exemplo. Por outro lado, essa ocupação possui uma funcionalidade para a classes dos proprietários fundiários, pois esses trabalhadores acabam fomentando o espraiamento da cidade e são utilizados como argumento para forçar o poder público a prestar algum serviço, o que pode levar a valorização dessas áreas e posterior dificuldade desses sujeitos permanecerem nela.

Figura 7- Localização dos loteamentos implantados até o ano 2000 na cidade de Poções/BA.



Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), 2011. Elaboração: Santana, 2023.

Para o capital, historicamente, essa mobilidade do campo em direção às cidades cumpre o papel de aumentar o número de sujeitos em busca do trabalho, inferindo sobre o rebaixamento salarial e, por outro lado, representa maior dificuldade na reprodução desses trabalhadores. Gonçalves (2002) corrobora com tal análise na seguinte perspectiva:

[...] os recém chegados a cidade, e em condições de serem empregados, cumpriam o papel de aumentar a força de trabalho disponível no mercado, pressionando os salários dos que se encontravam empregados, já que a oferta tornava-se maior que a demanda. E aqueles que não cumpriam as exigências técnicas e educacionais do capital industrial urbano, sendo vistos por esta ótica como não aproveitáveis e incapazes de serem empregados iriam encontrar ocupação que lhes proporcionasse alguma renda e que lhes garantisse minimamente a sua sobrevivência nas atividades que compunham o setor informal (Gonçalves, 2002, p.04).

Mas não podemos aqui assumir um pensamento que responsabiliza a mobilidade do trabalhador do campo para a cidade pelo rebaixamento dos salários do conjunto dos trabalhadores, quando, em verdade, esses foram expulsos de suas terras de trabalho, seja pelo avanço da agricultura capitalista na região, seja pela impossibilidade de continuar produzindo com poucos recursos, pelo endividamento, ou por qualquer outro motivo, não obtendo nenhuma outra alternativa a não ser migrar para a cidade e buscar vender sua força de trabalho, embora, em grande medida, acessando o mercado informal, compreendido como “trabalhador por conta própria”, mas sem a garantia dos direitos trabalhistas, o que não se configura como “uma escolha do sujeito”.

As atividades que são desenvolvidas, no modo de produção capitalista, baseada no trabalho dito “independente”, exercido por incumbência “própria”, era compreendido como trabalho informal nos anos de 1980. Além do mais, nesse período, o trabalho informal era vislumbrado como um processo que não tinha uma vinculação direta com a acumulação capitalista. Essa “independência” no processo de produção do capital acaba criando uma subjetividade no trabalhador, uma vez que o mesmo pressupõe ter autonomia sobre a sua força de trabalho. Dessa maneira, os trabalhadores são induzidos a ter uma visão de que podem escolher como e quando querem vender sua força de trabalho. No entanto, o processo de produção capitalista se mostra opressor e contraditório. Os proletários, ao invés de conseguirem alcançar a “liberdade”, se tornam subordinados do capital, pois o salário se encarrega de tornar-se o regulamentador da força de trabalho e do mercado de trabalho. Com o processo

de urbanização no Brasil que se expande a partir da terceira metade do século 20, ocorre uma mudança significativa no mercado de trabalho.

Nesse processo, surgem novos empregos e há uma necessidade de os trabalhadores tentarem se adequar às exigências a qual esse mercado do Brasil urbanizado propõe. Desse modo, com a urbanização no Brasil e a expropriação do campo, tem-se uma quantidade de força de trabalho excedente no mercado, o que acarreta em um “exército de reserva” de trabalhadores, disponibilizados para o capital, quando esse desejar explorá-los. Esse exército de reserva cumpre o papel de rebaixar os salários, incidindo na reprodução dos sujeitos que vivem da venda de sua própria força de trabalho. Mas os efeitos da crise estrutural e o aumento da produtividade do trabalho faz com que o capital já não consiga empregar (explorar) toda essa força de trabalho disponível. Não se enquadrando no mercado de trabalho, essa tende a procurar sobreviver da forma a qual lhe é permitida.

No campo, o Estado, a partir das décadas de 1960 e 1970, utiliza os “famosos” planos de modernização que conseqüentemente expropria os trabalhadores, assim como aponta Moraes Silva (1999):

(...) tal expropriação, culminando com a tomada das terras e destruição de parte do campesinato, não ocorreu, em quase totalidade, por intermédio da violência aberta, mas, ao contrário, da violência escondida e legal, ou seja, da violência monopolizada pelo Estado, com a promulgação de leis que implementaram os projetos de modernização nesta região. (Silva, 1999, p. 27)

A realidade na qual se reproduzem os trabalhadores Reiseiros de Poções/BA reafirma e se insere, de forma desigual e combinada, nesse processo histórico. Na condição de considerados quase que “inábeis” aos trabalhos denominados urbanos que demandem qualquer tipo de qualificação ou exigência, esses trabalhadores são empurrados para o trabalho mais degradante, outros, foram obrigados a mover sua força de trabalho para novas localidades.

Nesse sentido, o capital se ampara na oportunidade da superexploração do trabalho para a geração de mais valia, o que se expressa, de diversas formas, sobretudo nos trabalhos denominados de baixa qualificação, mas cuja exploração do trabalho se torna efetiva. Além disso, tal fator é propiciado pelas mudanças ocorridas no campo que conseqüentemente são refletidas na construção das periferias das cidades. Souza (2008), aponta que:

A descoberta dessa mobilidade camponesa, e o agravamento das condições objetivas a que estas famílias encontram-se submetidas, leva o capital a

buscar formas de se apropriar deste trabalho, explorando ao máximo essa força de trabalho – em geral pouco qualificada e por isso mesmo mais barata, garantindo maior margem de mais-valia (Souza, 2008, p.302).

A saída dos trabalhadores Reiseiros do campo, em direção às cidades, em destaque a cidade de Poções/BA, pode ser compreendida como parte desse processo de expropriação do campesinato no Planalto da Conquista, mas, ao buscar à reprodução, sobretudo na condição dos trabalhos urbanos, esses sujeitos carregam consigo, na sua subjetividade, os valores do campo, dentre eles o Terno de Reis, considerado uma expressão cultural oriunda dos espaços agrários. Nos novos *lócus* de reprodução da vida, esses buscam manter viva essa tradição camponesa, ainda que ela sofra modificações oriundas, sobretudo, da forma de inserção precarizada no mundo do trabalho.

Diante do processo de expropriação, os Reiseiros (sobretudo os mais idosos) passam a trabalhar na cidade, deixando, quase sempre, o trabalho no campo. Como, em geral, não acessam o mercado formal, os trabalhadores Reiseiros veem, sobretudo, no ‘trabalho dos chapas’ a única possibilidade de obterem alguma remuneração. Outras relações de trabalho encontradas foram trabalhos temporários no campo, como a colheita do café em Poções e municípios vizinhos, por exemplo; deslocamentos temporários para o trabalho no estado de São Paulo; o trabalho na terra de trabalho familiar, ou mesmo trabalhadores aposentados.

Souza (2017) faz uma associação entre a mobilidade da força de trabalho com a precariedade do trabalho, a partir do momento que ocorre esse movimento de expropriação, em que os camponeses são obrigados a prestarem serviços mal remunerados na cidade, trabalhos sem nenhuma estabilidade.

A denominação “os chapas” se refere aos trabalhadores informais que descarregam as mercadorias dos caminhões baús e carretas que chegam à cidade. Além dessa função, os chapas também servem como guias para os motoristas, levando-os aos seus locais de entrega.

Chapa

Levantou às três da manhã de uma qualquer-feira
 Acendeu a espiriteira pro café
 Todo dia é assim antes do sol
 Banho, barba e duas doses de diclofenaco e paracetamol
 Separou sete moedas pra Ogum
 E rogou pra turma do trecho um dia bom
 É a lida ali na 116, lona preta, placa, aceno
 Um ponto de chapa com ele e mais três
 Vem carvão, cloro e cal
 Vem feijão, vidro e sal
 Vergalhão, vem sisal, aço e flor
 Vem a bolha, a fratura, a torção
 Cervical, inguinal, vai a mão
 Vem o corte no ombro mais forte
 Que opõe toneladas ao chão
 O açoite é a paga do país
 É a lida ali na 116
 Fim do dia, mais ou menos
 Cenzinho partido entre ele e mais três

(Douglas Germano, 2019)

A luta desses trabalhadores por sobrevivência faz parte do cotidiano da cidade de Poções/BA. É comum encontrar esses trabalhadores se sujeitando a qualquer condição de trabalho, com baixa remuneração, péssimas condições de trabalho e sem direitos trabalhistas. Essa condição de precariedade é resultado, principalmente, da falta de emprego e da exigência de uma força de trabalho cada vez mais 'qualificada' para se enquadrar, diretamente, na produção do capital. Os trabalhadores chapas por não conseguirem se encaixar nas exigências do mercado formal de trabalho, acabam se submetendo a uma situação de trabalho informal precário, mas que na essência também faz parte do processo de exploração do trabalho e acumulação de capital. É ele quem permite que a mercadoria, ao circular, chegue ao seu destino e possa, assim, ser consumida e, assim, extrair alguma renda que lhes garanta a sua sobrevivência.

No caso dos trabalhadores informais (dentre eles os “chapas”), a força de trabalho e sua capacidade de produção é a forma que se encontra para adquirir o equivalente geral no mundo capitalista. Sendo assim, o trabalhador não possui mercadoria para trocar por outras mercadorias. O que ele possui é sua força de trabalho, logo, essa força de trabalho se torna uma mercadoria para ser trocada por outras mercadorias que se originam justamente do trabalho humano.

Compreender a totalidade dentro do movimento das relações sociais é necessário. As forças produtivas se transformam e modificam os trabalhadores de acordo ao modo de produção, já que eles, sendo produto desses mecanismos, também são produtores. As forças produtivas se mostram como um acúmulo histórico advindo dos predecessores. As matérias-primas, o modo de produzir e explorar se modificam a partir das mudanças do modo de produção.

Diversos Reiseiros entrevistados apontaram que foram morar na mesorregião do Sul da Bahia, por volta de 1960/1970. A região cacauíera era tão atrativa para os trabalhadores, que se viam quase que obrigados a se deslocar para trabalhar²⁴. O entrevistado 04 declarou que: “pra quem queria ter suas coisinhas e gostava de trabalhar, ir trabalhar nas fazendas de cacau era melhor do que ficar aqui em Poções/BA, só ficava aqui quem não gostava de trabalhar”. Mesmo considerando a fala oriunda de um entendimento de uma realidade prática imediata, cabe-nos considerar que historicamente a condição da mobilidade da força do trabalho não se trata de escolha, mas de necessidade.

Mesmo diante de um processo intenso de mobilidade da sua força trabalho, para diversos espaços e setores, ao longo do ano, nos meses de janeiro, os Reiseiros se reúnem por alguns dias. No resto do mês e durante todo o ano, esses encontram-se disponíveis para o trabalho, como chapas, ou como meeiros, diaristas, ou sendo obrigados a procurarem locais mais distantes que disponham de trabalho, seja o Sul da Bahia ou o estado de São Paulo; as vezes até mesmo Minas Gerais, nos cafezais.

Junto a esse movimento da mobilidade da força de trabalho, outros problemas surgem. Com o processo de expropriação, parte das tradições e dos costumes nas comunidades acabam se perdendo. Em um diálogo com uma moradora de uma

²⁴ Uma das razões que pode ajudar a entender esse processo foi o fato dessa região contar com muitos investimentos, sobretudo do Estado, à época, para difundir a produção de cacau, que ganhou destaque inserindo a região como maior produtora dessa *commoditie* nesse período. Além disso, o cultivo do cacau requeria uma quantidade significativa de força de trabalho; e o fato de parte das roças se estabelecer dentro da mata, favorecia aos trabalhadores produzir junto alguns alimentos.

localidade rural de Poções/BA, a mesma destaca a importância da permanência no campo, e mesmo do Reisado, como um elemento para combater a violência que se instala no campo. A entrevistada 2 diz que: “[...] *A maior inserção dele no mundo, no contexto da violência, se antes era aquela ideia, né, o campo é um lugar bom, um lugar tranquilo, um lugar seguro, infelizmente às vezes através de outros contatos, de outras redes, a violência também chega até os jovens que moram também no campo e sequestram eles para um outro mundo que poderiam estar vivendo ali. Participando dessa produção da cultura, seria uma grande oportunidade que eles estivessem envolvidos com o Terno de Reis e não com a violência, mas eu sei também que é uma consequência de como o mundo tem se movimentado.*”

Mesmo se considerando a empolgação e todo empenho dos Reiseiros entrevistados em manter os Ternos de Reis vivos e de uma relação muito forte entre essa prática e a cultura camponesa (além do sentido religioso), as dificuldades encontradas são visíveis, bem como as transformações que passam a ocorrer, em decorrência dessa nova forma de reprodução dos sujeitos – agora sujeitando sua força de trabalho e vivendo no espaço da cidade. É o que abordaremos na próxima seção.

4 DA RECRIAÇÃO ÀS TRANSFORMAÇÕES NOS TERNOS DE REIS NA CIDADE DE POÇÕES/BA

Na presente seção, analisamos o processo de reprodução e de recriação das práticas culturais do Terno de Reis – que migram do campo para a cidade a partir da mobilidade do trabalho realizada pelos trabalhadores Reiseiros. Nesse processo, serão abordadas as dificuldades, adaptações, mudanças e formas de recriação dessa prática de origem popular e camponesa no espaço da cidade de Poções/BA, ao passo em que se busca estabelecer as conexões com a mobilidade do trabalho e as condições de reprodução da vida desses sujeitos Reiseiros, sobretudo em bairros periféricos da cidade de Poções. Por estarem inseridos de forma distinta na divisão social e territorial do trabalho, buscaremos compreender como a busca por esses trabalhos – em geral temporários e precarizados – incide nas formas e adaptações na reprodução das práticas do Reisado, em suas diversas expressões. Nesse interim, serão abordadas, ainda, a permanência ou não de relações com o campo.

Em um primeiro momento, identificamos os grupos de Terno de Reis que se reproduzem na cidade de Poções/BA, destacando de onde vieram; seguido da apresentação de algumas das manifestações que desenvolvem e, por fim, enfatizando as dificuldades que enfrentam e a prática cultural do Terno de Reis como uma resistência que se expressa no espaço.

É preciso expressar que a presente pesquisa é permeada por um método de análise que tem por perspectiva compreender a produção do espaço (da cidade de Poções/BA) como expressão das contradições existentes na sociedade de classes e, no caso dessa pesquisa, como a condição dos Reiseiros enquanto vendedores da própria força de trabalho vai influenciar na forma como essa prática vai se expressar/transformar.

O conceito de cultura não é simples de se definir, no entanto, na presente pesquisa, compreendemos que cultura não está isolada e estática, o conceito é dinâmico e se transforma no espaço-tempo, dentro da totalidade, estando imbricada diretamente nas relações sociais, políticas e econômicas. Nesse viés, teóricos – como Karl Marx e Friedrich Engels (2006), Raymond Williams (2011) e Renato Ortiz (1994) – fazem uma análise em perspectivas diferentes, mas possuem a mesma visão de que a cultura é atravessada pelas relações sociais e de poder. A produção cultural está ligada diretamente a luta de classes, segundo Karl Marx e Friedrich Engels

(2006); O cotidiano e a resignificação da cultura são elementos que são influenciados pelas relações de poder, de acordo com Raymond Williams (2011); Renato Ortiz (1994) segue uma contextualização levando em consideração a globalização e, assim como os teóricos citados, entende a cultura como elemento fundamental para a compreensão das relações econômicas, políticas e sociais. Sendo assim, utilizamos esses autores para compreender o conceito de cultura, produto das próprias condições de reprodução da vida dos sujeitos.

4.1 Breve contexto histórico do Reisado.

A prática cultural do Terno de Reis é popularmente conhecida em várias regiões do Brasil. Embora tenha uma forte religiosidade arraigada nessa manifestação, ela busca se adaptar às mudanças estabelecidas pela modernidade na vida cotidiana, e no caso desta pesquisa se expressa no processo de mobilidade do sujeito do campo para a cidade. Sendo assim, essa tradição²⁵ mostra ter uma relevância na reprodução dos valores camponeses enquanto uma forma de resistência em novos espaços de reprodução da sociedade.

Historicamente, o Reisado, ao que tudo indica, tem a sua gênese no período medieval, na Península Ibérica, vinculados a religião cristã/católica.

No período colonial, os colonizadores, em conjunto com os missionários jesuítas que aportaram no Brasil, vindos com o primeiro governador geral Tomé de Sousa, em 1559 e em anos seguintes, trouxeram essas tradições da Península Ibérica. Estes utilizavam autos litúrgicos com a temática dos Reis Magos, sob a forma de canto, dança e encenação, no processo de catequese e ensino, tanto dos nativos indígenas como dos próprios colonos portugueses (reinóis) e, posteriormente, dos escravos negros. (Fernandes; Sousa, 2018, p.5).

Em 1143, o condado Portucalense se tornou o Reino de Portugal, governado pelo Rei Afonso Henriques, esse condado antes fazia parte das terras espanholas. Com isso, sabe-se que os costumes e as práticas culturais de Portugal eram influenciados pelas tradições espanholas. Os dramas e autos religiosos que faziam parte dessas tradições da Espanha, consequentemente foram transportados para Portugal. Dentre eles, tinha-se os autos sobre os Reis Magos e a dramatização de

²⁵ Aqui, compreendemos a tradição como transmissão cultural e uma forma de manutenção da manifestação cultural, no nosso caso, dos Ternos de Reis. Assim como Walter Benjamin, que compreendia a memória histórica e as tradições como um potencial revolucionário.

Natal.

A comemoração do Reisado, a princípio, se pauta na crença e louvor do nascimento de Jesus Cristo, expressando-se, assim, como forma de dominação religiosa e imposição de uma forma de ver mundo – vinculada aos interesses dessa religião, que em muito contribuiu com o processo de dominação territorial ocorrido no Brasil, por parte dos colonizadores portugueses. No entanto, ao longo dos tempos, aparecem novas formas de utilizar o Reisado, essas que, por sua vez, estão relacionadas com as próprias condições concretas de vida dos sujeitos, inclusive no movimento de sincretização dos povos africanos. O Reisado, assim como outras manifestações, incorporou caracteres que se configuram e assemelham com as congadas, sambas de roda e o maracatu. “As marcas culturais africanas encontradas, como o cortejo efetuado pelas ruas e a presença da realeza, lembrando os Reis de Congo, são fortes presenças da cultura africana no Reisado”, (Souza, 2012, p.18).

Com isso, na atualidade, o Reisado passa a se manifestar nas rezas para diversos Santos, como: Cosme e Damião, Nossa Senhora Aparecida (mantendo forte a tradição ligada a religião), ou em casamentos, festas etc., ou até mesmo as próprias condições de vida e trabalho dos Reiseiros, sobretudo o universo do campo, como veremos a seguir. Considerando a realidade concreta verificada em Poções/BA, por exemplo, cabe-nos considerar que não há somente a manifestação cultural dos Ternos de Reis de Santo Reis, mas há também o Reisado de São Sebastião, e o Reis do Divino²⁶. Essas têm relação com a terra e o modo de vida dos sujeitos, o festejo por uma boa colheita, as comidas, a partilha etc.

Os Ternos de Reis, embora tenham uma forma diferente de se organizar, reproduzem o seu determinado costume, repassando-os de geração em geração. Mesmo nas periferias das cidades, quando os Reiseiros passam a ser trabalhadores expropriados da terra, ainda assim procuram não perder o vínculo com a mesma. Em Poções/BA, o Reisado se mantém como parte da cultura ligada ao universo camponês, ainda que muitos desses sujeitos já se reproduzam na cidade, com destaque para bairros e loteamentos periféricos, como já evidenciado, enquanto trabalhadores assalariados ou disponíveis ao assalariamento.

²⁶ Terno de Reis de São Sebastião sai do dia 14 até o dia 19 de janeiro. O Terno de Reis de Santos Reis sai do dia 31 de dezembro até dia 5 de janeiro. O Terno de Reis do Divino sai no período das novenas em louvor ao Divino Espírito Santo, com o intuito de arrecadar dinheiro para os festejos da igreja.

Embora o Reisado brasileiro tenha sua gênese na influência oriunda da península Ibérica, e com ele a vinculação ao projeto colonizador, com seus costumes ligados ao nascimento de Jesus Cristo e a peregrinação dos Três Reis Magos, em Poções/BA, os Ternos de Reis sofrem alterações que estão imbricadas ao processo de formação territorial do Brasil e do Centro-Sul da Bahia, já que o mesmo, tem uma forte ligação com as manifestações culturais afro-brasileiras.

As características da manifestação cultural do Reisado de Poções/BA estão vinculadas ao Samba de Roda, à Capoeira e ao Maracatu. A forma de cantar, as batidas rítmicas e as vestimentas se assemelham, assim, como a forma de se organizar em círculo, que é popularmente conhecida como “roda”, fazendo com que os Reiseiros sejam os tocadores e ao mesmo tempo sambadores, mas, em muitas ocasiões, o “sambar” no Reisado fica vinculado somente à mulher, que, por sua vez, entra no meio da “roda” e samba. As vestimentas floridas e “extravagantes” dos Ternos de Reis de Poções/BA também possuem uma forte influência dessas manifestações africanas.

Dentre os Ternos de Reis existentes em Poções/BA, podemos destacar o de São Sebastião das Estrelinhas, estudado por nós em pesquisa anterior (Costa, 2021). Esse é composto de músicos autodidatas (em uma quantidade que vai de dez a dezoito integrantes), sendo subdivididos em Gaiteiros, aqueles que tocam as Gaitas (instrumento musical de sopro, que se assemelha a uma flauta doce, mas é feita de cano PVC e madeira de umburana); Tiradores de Reis (são os cantadores oficiais de Reis); Batedores de Tambor (um instrumento que possui suas peles de couro, sendo uma superior e a outra de resposta; os aros, superior e inferior, de madeira ou ferro; casco de ferro ou madeira e tarraxas ou cordas para apertar e afinar o instrumento, sendo tocado por baquetas); Batedor de Bumba (um instrumento que se parece com a Zabumba, se diferencia, pois o Bumba tem suas peles de couro e é batido no ritmo do Reisado); Pandeirista e Trianglista. Em alguns grupos, há o acréscimo de Sanfona, Viola ou Violão e outros instrumentos de percussão (Ganzá, Reco-reco, Afoxé, Matraca e Palminha).

Mesmo tendo como ponto de partida o viés religioso, ao longo de sua realização no Brasil, o Terno de Reis expressa os valores da cultura camponesa, a exemplo do partilhar a comida produzida pelo suor do trabalho de homens e mulheres camponeses. Mas essa manifestação cultural – enquanto prática espacial – também se encontra sujeita ao próprio movimento da sociedade, que no modo de produção

vigente vai se configurando em um processo de expropriação de parcela significativas da população do campo em direção às cidades (Williams, 1989; Carlos, 2007; Marques, 2006).

Ao que se observa, nessa relação campo-cidade, o Reisado acaba se tornando uma forma desses trabalhadores se manterem ligados, minimamente, ao universo do campo, a uma relação familiar e aos antepassados, uma forma dessas pessoas se sentirem parte integrante das mudanças que vêm justamente com a intensificação da população urbana de Poções- BA e o processo de expropriação e proletarianização que passa parte significativa desses sujeitos. Mas, ao mesmo tempo, verifica-se que esses não perdem sua relação com o universo camponês (Shanin, 2005; Woortmann, 2004). Portanto, a recriação do Terno de Reis na cidade pode ser vista como uma expressão concreta desse processo. A fim de compreender a permanência de determinadas relações sociais, do apego com a terra e a cultura camponesa, recorreremos ao conceito de “modo de vida”, bastante explorado no campo das Ciências Sociais, para buscar explicar a relação com o campo e as tradições apresentadas e reproduzidas através do Terno de Reis.

Sendo assim, o “modo de vida” é um conjunto de relações que possibilita a instauração de tipos de culturas, costumes. Já as tradições são valores que estão relacionados com as práticas repetitivas da vida cotidiana. As “novas gerações” recebem algo que é transmitido sem um registro histórico, geralmente pela oralidade, mas que já incorpora algum documento escrito – como as letras de músicas, por exemplo, mas não o faz de forma mecânica, as adaptações decorrentes das novas condições de reprodução social devem ser vistas como essenciais nesse processo. Passa mais pelo campo da observação, sem um ensino específico para o “aprendiz”. Assim como aponta, Cruz, Araújo e Costa:

A cultura pode ser considerada como tudo que o ser humano utiliza com sua percepção e executa, independente se essa cultura vem de forma tradicional passada por antepassados para as gerações futuras ou adquiridas com o tempo como uma forma de desenvolver características próprias sejam com o cultivo do campo, seja com a resistência de usar o cavalo, o carro de boi como transporte, as brincadeiras e cantigas de crianças usadas até os dias de hoje, ou até mesmo festividades como realizar terços juninos, missas rurais, etc. (Cruz; Araújo; Costa, 2015, p. 04).

Sendo assim, pode-se compreender que o Terno de Reis faz parte das práticas culturais do campo. Com isso, nessa manifestação há, assim como nas outras, a relevância na oralidade, já que é uma forma de reproduzir as tradições que, muitas vezes, não possuem uma forma de registro através de escritos. A história que

é contada por meio dos versos dos Reis e do samba trazem elementos que remetem a uma história com características de religiosidade católica, do campo, do trabalho, mas que expressa, também, problemas sociais concretos como: o machismo, a exploração do trabalho e a expropriação da terra.

O universo camponês no estado da Bahia caracteriza-se por ter uma pluralidade nas manifestações culturais, oriundas do próprio processo histórico de formação territorial brasileira, já que há uma diferença explícita de um espaço rural para o outro; de localidades próximas para outras, mas, conforme analisado por Thompson (2002), de forte relação com a terra, o trabalho e a família.

Ao buscar compreender nesse movimento da mobilidade do trabalho as transformações ocorridas nos espaços do campo, da cidade e da relação campo-cidade, tem-se a clareza que esse espaço não se restringe a sua dimensão de espaço absoluto. Trata-se do espaço relativo, visto como movimento, como processo de produção social e histórico, tal qual apontado pela leitura de Lefebvre (2006) e Smith (1988).

Ao objetivar, nesta pesquisa, vincular a realidade da produção do espaço e da reprodução da vida, tendo em vista a mobilidade dos trabalhadores/Reiseiros de Poções/BA, tem-se a clareza que tal processo fomenta práticas espaciais, como conceitua Lefebvre (2006), mas essas também se transformam na saída do campo e na reprodução da vida na cidade; entretanto, também, dialeticamente, parte dessas práticas se reproduzem, mesmo que em outro espaço, agora na cidade. Portanto, esse espaço oriundo das práticas sociais é produzido pelos sujeitos, em seu movimento histórico de reproduzir a vida; ou como aponta Silva (2001) no fato de que “somos, estamos e produzimos espaço”. Desse modo, o movimento do Reisado do campo em direção a cidade, pode ser visto como um claro processo de reprodução da vida, se configurando em novas (e velhas) práticas espaciais.

4.2 Os grupos de Terno de Reis de Poções/BA: suas manifestações e relações com o campo.

De acordo com Jesus e Ivo (2011), o povoamento de Poções/BA se inicia no século 18, com a fixação de Thimoteo Gonçalves e seus filhos, nas proximidades do Rio que viria a ser chamado de São José, lógica essa que advém desde os princípios de formação das civilizações antigas; *pari passu*, se inicia a dominação e

manifestação do catolicismo com a construção da Lapinha de Nossa Senhora. Da Silva (2024) ressalta que a partir desse momento, houve a construção de outra igreja que viria a ser denominada por Igreja do Divino²⁷ e que daria sentido e significação para a criação da Festa do Divino, no município. Outro fator significativo para o Reisado de Poções/BA é que as comemorações a Nossa Senhora da Lapinha ocorriam na mesma data de Santo Reis.

Sobre a inauguração da Igreja do Divino e a Festa do Divino em Poções/BA²⁸, Silva (2023) traz um trecho da transcrição da entrevista com “Seu Homero” que retrata a provável participação de um grupo de Terno de Reis, já que pela composição do grupo musical, há tambores, viola e gaitas, que são característicos na configuração dos instrumentos musicais dos Ternos de Reis. “[...] quando estava ali, olha outra surpresa! Apareceu um grupo de pessoas com tambores, violas e tamborins e gaita, e o pau quebrou. Nesse dia nasceu a Festa do Divino” (Silva, 2023, p.27).

Mesmo o Terno de Reis estando, aparentemente, ligado ao nascimento da Festa do Divino e se assemelhando no quesito religioso, sendo parte da religião católica, por pertencer a cultura popular e ser dotado de elementos do catolicismo rural, popular e do sincretismo, não se vincula, diretamente, à Igreja Católica, que é indiferente a essa prática popular. Poderíamos relacionar essa indiferença ao fator profano imbricado na manifestação dos Ternos de Reis. No entanto, isso seria um equívoco, já que a Festa do Divino também possui um caráter profano (que está vinculado principalmente a parte da festa de largo), mas que está diretamente ligada à Igreja Católica de Poções/BA.

Por outro lado, é importante ressaltar que, embora a manifestação do Terno de Reis tenha alguma relação com a religião católica (cristã), estando ligada ao nascimento de Cristo, considerado o filho de Deus (o ‘criador’ do mundo), traz vários elementos e aspectos da vida cotidiana, do universo do campo, da produção agrícola, dos costumes e tradições camponesas e africanas, em que mesmo que o município vivencie mudanças reais no campo – com a expropriação e mobilidade da força de trabalho desses em direção à cidade – essa cultura não se perde e se recria na relação

²⁷ Inaugurada em 1878, segundo dados da Arquidiocese de Poções/BA, disponível em: <https://arquiconquista.org.br/parouquia/parouquia-divino-espirito-santo-pocoas/>

²⁸ Que segundo relatos levantados por historiadores, como Jesus e Ivo (2002), se iniciaram no ano de 1890.

campo-cidade, ao passo que nos dá elementos, também, para entender a reprodução social dos mesmos, sobretudo nas periferias da cidade.

Ao tratar das expressões culturais, com destaque para o carnaval, de caráter popular e profano, Bakhtin (1987) vai apontar que:

O princípio cômico que preside aos ritos do carnaval, liberta-os totalmente de qualquer dogmatismo religioso ou eclesiástico, do misticismo, da piedade, eles são além disso completamente desprovidos de caráter mágico ou encantatório (não pedem nem exigem nada), ainda mais, certas formas carnavalescas são uma verdadeira paródia do culto religioso. Todas essas formas são decididamente exteriores à Igreja e à religião. Elas pertencem à esfera particular da vida cotidiana. (Bakhtin, 1987, p.6).

Bakhtin (1987), faz uma análise sobre a ruptura da cultura não oficial com a cultura oficial, que seria a popular contra a hegemônica, realidade que permite refletir, também sobre o Terno de Reis – que apresenta uma visão de mundo e uma compreensão de espaço diferente da Igreja e, além disso, por não contribuir de forma econômica e não estar vinculado ao dogmatismo presente na mesma, acaba não se enquadrando na religião, embora a maioria dos Reiseiros se considere católicos. Esse fator acrescido com o sincretismo, a miscigenação cultural e a formação territorial de Poções/BA nos levam à resposta sobre o real motivo do não reconhecimento.

Por isso, consideramos que o Terno de Reis, ao mesmo tempo que originário da Igreja Católica (e seu projeto de dominação), ao longo de seu processo de realização e reprodução, sobretudo nas comunidades do campo, também se distingue dessa instituição. E embora não possamos considerar como uma forma direta de enfrentamento, constitui-se em uma evidência concreta dos problemas que ocorrem no campo: a expropriação, a seca, a fome, as dificuldades na produção e a exploração do trabalho. Ao se deslocarem para a cidade, abordam, ainda, as dificuldades em se manterem nessa: o acesso precário ao trabalho, a intensificação da mobilidade da força de trabalho e o acesso desigual ao solo urbano, dando elementos para se compreender a cidade desigual. Em suas práticas de Reiseiros, não apenas apontam a relação com o campo e a expropriação, mas, também, o desejo de ter a terra e o trabalho em condições de maior “liberdade”. Por isso, esta pesquisa também considera os Ternos de Reis como uma forma de resistência.

As oportunidades desiguais entre a cultura denominada “oficial/dominante”²⁹ e a cultura “popular/periférica”³⁰ pode ser constatada por meio de uma conversa informal com membros de um grupo de capoeira, na cidade de Poções/BA, um Contramestre lançou os seguintes questionamentos: “*Por que para se fazer a festa do Divino em Poções/BA, não se há tanta burocracia quanto se há na colaboração para os fazedores de cultura popular?*” A cultura popular se vê presa sobre os domínios da burocracia, os mestres da cultura popular pedem socorro, mestres, seja de Capoeira, ou do Terno de Reis, para sobreviverem aos avanços tecnológicos imbricados em um processo de formalização a partir de um letramento cada vez mais excludente, necessitam de um suporte dos setores públicos de cultura. Destaca o entrevistado que os mestres da cultura popular só querem o que é seu por direito; a cultura popular é feita do povo para o próprio povo. Essa não é uma realidade natural, é socialmente produzida e se expressa em processos socioespaciais de controle e hegemonia de um pensamento e de uma cultura dominante que lhe dá sustentação.

A relação entre as cantigas assumidas pelos Ternos de Reis e os problemas concretos vividos por seus membros, que são também trabalhadores, pode ser evidenciada do trecho que se segue: “*Papai, mamãe manda me busca, que eu tô preso no canaviá. Eu tô passando fome, tô passando sede, sendo sustentado na palha da cana verde*”. Esse trecho, do Samba de Reis, ao ser analisado, revela as relações de trabalho no período da escravidão, já que a cantiga em seus versos nos possibilita compreender a relação de trabalho existente nos canaviais e engenhos, junto as condições de extrema precariedade do trabalho.

O cantor e compositor Lazzo Matumbi, em sua obra, diz que “No dia 14 de maio, eu saí por aí. Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir. Levando a senzala na alma, subi a favela. Pensando em um dia descer, mas eu nunca descí” (Lazzo Matumbi, 2019). O dia 14 de maio de 1888, foi o dia seguinte da assinatura da Lei Áurea, que oficializou a abolição dos escravos no Brasil. Nesse período, muitos negros

²⁹ A Festa do Divino, embora se apegue no argumento religioso do nascimento de Cristo, evidencia, claramente, um processo de dominação impulsionado antes pelos bandeirantes, “as bandeiras e seus cavalos”, e hoje é mantida por uma classe dominante local, sobretudo proprietários fundiários e comerciantes. Essa “festa” é a “manifestação oficial” mais reconhecida do município, que conta com todo apoio do poder público e atrai um público regional – que consome tal festejo. Os Ternos de Reis se constituem na cultura popular e periférica, que não participa dessa cultura oficial, portanto, praticamente, não existe para o poder público local, existe e se faz presente no esforço, na luta e na resistência daqueles que insistem em contar sua história.

³⁰ Conforme já apontado, o termo periférico aqui não se refere apenas à distância do centro, ao espaço euclidiano, mas às diferenças sociais/de classes, aos espaços de reprodução da classe trabalhadora.

não tinham como sobreviver, já que havia diversas proibições em relação a utilização da força de trabalho dos agora ex-escravizados. Os Reiseiros de Poções/BA não subiram a favela, mas foram parar nas periferias, nos bairros afastados do centro urbano e sem uma ação mais efetiva do poder público municipal. O crescimento da cidade e a denominada modernização exige, cada vez mais, o conhecimento formal para a manutenção da venda de força de trabalho e, consequentemente, os sujeitos que outrora habitavam o campo e foram expulsos da terra são forçados a irem ocupar novos espaços. Bairros como: Bela Vista, Açude, Alto da Vitória e Alto do Paraíso, onde se localizam vários Ternos de Reis que se encontram na cidade de Poções/BA, são os “altos”, os “morros” que os Reiseiros foram forçados a subir.

Uma vez que esses Reiseiros são também trabalhadores, oriundos do campo e, em grande medida, expropriados da terra, portanto, detentores única e exclusivamente de sua força de trabalho para vender, por possuir somente a força de trabalho, esses outrora camponeses têm a falsa sensação de liberdade, já que o mesmo pode vende-la para quem quiser comprar. Barros (2018) diz que “Um fornece trabalho e outro paga com salário o trabalho realizado. Transforma-se em uma relação de liberdade e igualdade, nos moldes do sistema capitalista é profundamente contraditória”. Mas, dentro do modo de produção, na condição de trabalhadores “com pouca qualificação” (no sentido do trabalho urbano, assalariado, uma vez que em geral vieram do campo, estando ligado a esse tipo de trabalho) acabam por se inserir (quando conseguem) nos tipos de trabalho mais precários, com baixa remuneração, ou mesmo na informalidade, nos bicos, ou em trabalhos temporários. Conforme constatou-se em pesquisa de campo, dificilmente esses se encaixam nas exigências do mercado de trabalho formal, à exceção dos mais jovens que acabam tendo acesso a uma melhor formação escolar³¹.

A manifestação cultural dos Ternos de Reis em Poções/BA passa por modificações constantemente. Uma “primeira geração” de Reiseiros que viviam exclusivamente do campo começou a dar lugar para uma “segunda geração” de Reiseiros. Aqueles que tinham uma forte ligação com o campo, porém, já se

³¹ Que é o caso do pesquisador em questão – que além da graduação, na universidade pública, também acessou a pós-graduação – e de seu irmão mais velho, graduado e mestre em História e docente do Instituto Federal de Bahia, e também de outros jovens Reiseiros, embora essa não seja uma realidade que possa se generalizar pois, na maioria das vezes, a fragilidade econômica e social das famílias também empurra os jovens para a urgência do acesso ao trabalho, em geral precarizado, o que determina, muitas vezes, na interrupção dos estudos. Para essas pessoas, acessar o estudo e concluí-lo, com as dificuldades concretas da vida, também pode ser visto como uma forma de resistência.

encontravam em uma Poções/BA com uma expressiva população urbana (e, com ela, a difusão de hábitos urbanos), maior do que a população rural, geração essa que começou a surgir a partir da década de 1980. Segundo Muniz e Souza (2018):

Por outro lado, as interações existentes entre o espaço rural e a influência da cultura urbana se intensificaram, afetando o modo de vida tradicional da população rural, que passou a buscar novas tecnologias e o conforto produzido pelos itens da indústria disponibilizados na cidade (Muniz; Souza, 2018, p.86).

Embora possamos concordar com os autores acima das transformações impulsionadas pela sociedade urbana e industrial, que se intensifica, sobretudo, a partir da década de 1980 em diante, e que também apresenta rebatimentos no Centro-Sul baiano, e mais especificamente no município e na cidade de Poções/BA, torna-se importante destacar que essas mudanças não se dão, necessariamente, de maneira positiva, ou para garantir melhoria nas condições de vida dos sujeitos.

Assim, refletir sobre as contradições do processo histórico torna-se fundamental, ainda que melhorias no espaço urbano beneficiem a população, como o acesso a determinados serviços que antes não se tinha: hospitais, escolas etc. O processo de saída do campo para a cidade não foi pacífico, muito menos “escolha” da maior parte dos sujeitos, que saíram do ‘atraso’ – que seria o campo – e foram para a cidade – que representaria o ‘moderno’. Tal visão é estereotipada, preconceituosa e esconde as contradições de um processo, em geral, marcado pela valorização das terras como mercadoria e propriedade, e expropriação dos povos do campo, sejam esses pequenos camponeses ou trabalhadores já expropriados.

É nesse processo histórico que podemos, também, compreender como na mobilidade do campo para a cidade, os Reiseiros, seus filhos e descendentes carregaram consigo as práticas culturais ligadas à vida no campo, mas que, em um movimento real e contraditório, também incorporam práticas culturais de uma sociabilidade urbana e industrial (por vezes estabelecidas a quilômetros de distância) – o que acabou por representar, em grande medida, a desagregação das relações camponesas e familiares e uma subsunção ao trabalho assalariado, e, com isso, transformações no universo da cultura camponesa. Mas essa, assim como os camponeses, não desaparece, permanece no campo, se recria na cidade, mesmo sofrendo grandes transformações ao longo do tempo. Ainda que não apresente a pujança das décadas atrás, o Terno de Reis faz parte da vida de sujeitos que se reproduzem no campo e na cidade de Poções/BA.

Olhar para a permanência dessas práticas é recontar também a história de luta e reprodução de parte dos trabalhadores da cidade, e dos camponeses que permanecem na terra de trabalho. Mas a mobilidade não se fez/faz apenas do campo para a cidade de Poções/BA. A realidade de desemprego, concentração fundiária, valorização dos cultivos do agronegócio no campo, dentre outras questões, vão levar a mobilidade da força de trabalho para outros locais e estados do país, levando à reflexão da possibilidade de permanência ou não das manifestações culturais, inclusive dos Ternos de Reis, no futuro.

É válido dizer que, para o pesquisador, a questão perpassa pelo campo pessoal, da reprodução da vida desse e de sua família, cujos pais vivenciaram uma relação de reprodução no campo – se aproximando do universo camponês, mas que, sem-terra, se deslocaram para a cidade a fim de acessarem trabalho remunerado e assim sobreviver com a família. Nesse movimento, o pesquisador nasceu e foi criado em meio a manifestação cultural do Terno de Reis, sendo Reiseiro e de família Reiseira; até onde se sabe, seu bisavô paterno era Reiseiro, tocador de viola e era cego. No entanto, a maior influência do Reisado vem através da geração paterna, pois o pesquisador, junto a sua família, só obteve esse conhecimento em relação ao bisavô depois de estar inserido nos Ternos de Reis, imbricado na relação campo-cidade, a partir da mobilidade do trabalho e do modo de reprodução dessa prática socioespacial.

Fazer parte da manifestação cultural do Terno de Reis tem diversos significados. Os Tambores, as Gaitas, o Bumba, a expressão dos sujeitos que se manifestam e recepcionam em suas casas o Reisado, todos esses instrumentos e elementos possuem profundo sentido para os sujeitos envolvidos nessa prática cultural. Historicamente, as manifestações culturais, e dentre essas, as de cunho religioso, fazem parte do universo de reprodução das famílias camponesas, foi o que também destacou Itamar Vieira Júnior, na literatura *Torto Arado*, que embora traga uma história fictícia, expressa várias das problemáticas reais que se encontram presentes no campo brasileiro: a falta de terra, as possibilidades de se reproduzir em meio a intensa exploração do trabalho, a ausência de direitos, a pobreza nas condições materiais, a necessidade da luta pela terra de trabalho, dentre outras questões. Traz ainda as expressões dos cultos e costumes das religiões de matrizes africanas, sobretudo a partir da personagem Salustiana (Salu), mas, também, o sincretismo que perpassa, no livro, elementos de proximidade com a fé cristã.

O ano do retorno da filha foi a última vez que meu pai e minha mãe viajaram para os festejos de Bom Jesus da Lapa, terra de Salu, em caminhada e romaria, promessa feita por ocasião da partida de Bibiana e Severo, para que retornassem à fazenda. Só soubemos da promessa quando se aproximou agosto e eles partiram a pé até seu destino, com moradores de Água Negra e fazendas vizinhas. A romaria também era para agradecer a chuva, ainda que cada vez mais parca. Por isso, muitos moradores, principalmente os mais antigos, partiram naquela viagem. Caminharam por dezessete dias, ida e volta, e todos nós nos sentimos aflitos com a segurança dos romeiros, principalmente Bibiana, sentindo-se culpada pelo fardo da promessa, temendo que algo ocorresse e ela levasse a culpa pelo resto da vida. Mas retornaram bem, queimados de sol, cansados, no entanto revigorados, como sempre acontecia após uma viagem às terras do Bom Jesus, agradecendo ao santo pela romaria, por terem pernas e saúde para caminhar. Voltaram, como sempre, carregados de graça, com imagens, terços e promessas. Voltaram mais velhos na carne, com dores que os acompanharam por semanas, anos, talvez por toda a vida, mas os olhos reluziam como o lume de uma vela, e isso bastava para sabermos que era o que devia ser feito (Vieira Júnior, 2018, p.117).

A Romaria retratada na obra *Torto Arado* é um momento de fé e crença, que está ligado aos valores camponeses. A busca de um refúgio ‘espiritual’ e, portanto, metafísico, para problemas reais do cotidiano – cuja origem se dá nas desigualdades de classes que move essa forma de sociabilidade. Não obstante, os Ternos de Reis também demonstram essa fé (católica) ligada à promessa e ao cumprimento da devoção a partir da relação Santo e “Cabeça do Terno de Reis”³².

Os Reiseiros, assim como os Romeiros retratados na obra, fazem seu trajeto, mesmo tendo que trabalhar no dia seguinte para garantir a reprodução da família. Apesar disso, Itamar Vieira Junior retrata que, embora os Romeiros retornem queimados de sol, cansados da caminhada fatigante, os mesmos também retornam revigorados; assim como os Reiseiros que, ao se deslocarem em seus trajetos – que os direcionam ora para o campo, ora para a cidade, mediante a junção do trabalho a ser executado para o sustento e sobrevivência no sistema de produção capitalista –, também buscam se revigorar, mostrando, a partir do ato de manifestar a sua expressão cultural arraigada de fé, uma enorme força de vontade em poder prosseguir as seis noites de folia.

Expressa também, e contraditoriamente, o universo de dificuldade e pobreza nas condições de reprodução desses sujeitos, onde ao esperarem a superação por meio da fé, podem, também, deixar de se organizar para fazê-lo no campo da luta política, não se afastando da alienação imposta pelo modo de produção e do papel da igreja nesse processo de naturalização da pobreza e outras mazelas sociais. Em *Torto*

³² São os donos dos Ternos de Reis, ou as figuras principais na organização.

Arado, essa consciência da luta coletiva leva ao assentamento das famílias e o reconhecimento do território camponês quilombola. Na vida, a leitura do Terno de Reis também permite apontar as dificuldades na reprodução da vida, e essa pode ser uma potência para que esses também se organizem politicamente, e possam lutar por melhores condições de vida.

Para os Reiseiros entrevistados, participar do Terno de Reis não está vinculado a ‘ganhar dinheiro’, logo, o Reisado não é um fardo, mas sim uma forma de diversão, um momento que toda dor e “toda luta do dia a dia passa”³³. Além disso, em vários momentos da história do Reisado de Poções/BA, os Reiseiros foram até as romarias para Bom Jesus da Lapa/BA, em busca de cumprir promessas que foram concretizadas, denotando a forte crença na fé católica, e não necessariamente uma disposição para organizar a luta política em torno das condições concretas, o que significa dizer que: “a luta do dia a dia passa (pode até passar)” nesse dia, mas retorna, inclusive com dores provavelmente mais fortes, nos dias seguintes.

A exemplo da figura 6, que demonstra o Terno de Reis de Deusdete Farias em romaria, no ano de 1975. O Reiseiro 02 diz que, após a morte de Otaviano Farias, uma das maiores figuras do Reisado poçoense, o mesmo acabou se manifestando de forma espiritual, pedindo para que o seu irmão Deusdete Farias fosse “pagar” uma promessa. O Reiseiro 02 diz que naquele momento em que estavam pagando a promessa, deu para ouvir a voz de Otaviano Farias cantando junto a eles³⁴.

Essa relação da continuidade do Terno de Reis com base na herança pós morte do antigo cabeça do terno também é relatada em outras entrevistas com Reiseiros, alguns ouviram instrumentos caindo, ou ficaram inquietos no período de sair com o Reisado, porém não é algo que iremos adentrar e destrinchar ao longo da pesquisa.

³³ O que demonstra que essa é concreta e só pode ser minimizada no enfrentamento aos sérios problemas que configuram a sociedade classista e baseada na exploração de uma classe sobre a outra, na propriedade privada da terra e dos meios de produção e na apropriação privada da riqueza socialmente produzida, como já apontado na seção 2 desta dissertação.

³⁴ Importante ressaltar que embora seja este um estudo científico, não podemos interferir nas falas a até nas crenças religiosas de nossos entrevistados. Entretanto, enfatizamos que não é esse o foco central da referida pesquisa, nem nos cabe aqui entrar um confronto com o apontado pelo entrevistado. Tem-se como objetivo, apenas, retomar a origem do Reisado para entender suas expressões atuais na cidade de Poções/BA.

Figura 8- Terno de Reis de Deusdete Farias em romaria, Poções/BA, em 1975.



Fonte: Acervo da Família Farias, 1975

Os Reiseiros são os sujeitos que no mês de janeiro saem de casa em casa, cantando de porta em porta, durante a noite e o dia, movidos pela fé, tradição e devoção. Esses Reiseiros são os mesmos trabalhadores que lutam e sobrevivem em meio a sua reprodução no município e na cidade de Poções/BA, são lavradores, pedreiros, chapas, pintores, ajudantes de pedreiros, vaqueiros e professores. Guardadas as devidas proporções de tempo e espaço, muitos desses trabalhos realizados pelos Reiseiros de hoje se assemelham aos dos escravos da família Gonçalves da Costa – oriunda do bandeirante responsável pela tomada do território em tempos coloniais, a fim de se apropriar e exportar riquezas para a metrópole portuguesa à época. Ressalta-se que, em reconhecimento, essas famílias, como outras, eram recompensadas pelo rei com a concessão de amplas porções de terra e significativo poder político, o que também foi decisivo para a configuração atual e as desigualdades espaciais que perduraram ao longo do tempo, sob o fundamento da propriedade privada da terra e apropriação do trabalho socialmente realizado.

Não é difícil imaginar as atividades destinadas ao trabalhador negro nas fazendas. Com certa frequência são descritas nos inventários ocupações como "do serviço da roça ou do campo", "da casa", "vaqueiro", ou, numa prática menos comum, em ofícios especializados dentro da própria unidade rural como ferreiro, carpinteiro, oleiro, pedreiro, etc. (Sousa, 1998, p. 146).

Essa fração de Reiseiros entrevistados, embora ligados originalmente ao universo do campo, hoje se reproduzem no espaço da cidade, em bairros periféricos, local onde os costumes do campo e o modo de vida são recriados e transformados. Sendo assim, somos levados aos seguintes questionamentos: seriam os Ternos de Reis em Poções/BA uma das formas de inter-relação entre o campo e a cidade? É possível a partir da manifestação cultural dos Ternos de Reis compreender as transformações do campo e da cidade, no município de Poções/BA?

Para respondermos os questionamentos, temos que compreender os Ternos de Reis dentro do processo de formação espacial de Poções/BA, e os Reiseiros no processo de mobilidade do trabalho e as suas relações no movimento campo-cidade.

A cultura popular é produzida pelos grupos expropriados e excluídos da cultura e do discurso oficial – predominantemente de caráter vinculado ao ideário burguês e das classes proprietárias, o que não quer dizer que também não sejam influenciados pelo discurso dominante, como a influência religiosa no Terno de Reis verificada em Poções, por exemplo. Entretanto, considerando o Reisado de Poções/BA, aponta-se que este tem ligação com outras manifestações como as afros diaspóricas: as rodas circulares, as batidas rítmicas, os instrumentos tocados e os versos dos Sambas de Reis que se assemelham com os Sambas Rurais, o Samba de Capoeira e o Samba de Roda. Os Sambas de Reis, os Reis da Porta e os Reis do Santo ³⁵, são elementos que compõem o Reisado no Centro Sul da Bahia, caracterizando-se por serem momentos em que as cantorias trazem em suas letras aspectos que evidenciam as lutas cotidianas e a relação tanto com o campo, como com a cidade.

A manifestação cultural do Reisado que está presente no Quilombo da Lagoa do João, localizado na zona rural de Poções/BA, faz parte de costumes e tradições do modo de vida camponês, junto aos seus valores, como: o trabalho, a terra e a família, servindo como elementos de permanência e resistência dos sujeitos no território quilombola (Da Silva, 2024). Nesse mesmo viés, também podemos analisar essa relação a partir da subjetividade dos sujeitos ligada ao conceito de campesinidade

³⁵ Samba de reis é caracterizado pelo caráter circular, onde o ritmo da batida dos instrumentos é mais rápido. Possibilitando os Sambas cantados e os tocados somente na gaita sem canto. O reis se divide em duas vertentes, no de porta e no do santo, ambos têm um ritmo mais lento e uma duração de 10 a 15 minutos, no entanto o de porta serve para cantar na chegada da casa e o de santo serve para cantar nos altares, presépios e locais de louvar ao santo. Nesse sentido, o reis de porta é para louvar o dono da casa e o reis de santo para louvar o santo que se encontra na casa.

(Woortman, 1988), sem negar as condições materiais em que esses se reproduzem historicamente.

Costa (2024), ao analisar a literatura Torto Arado, destaca a formação dos aspectos da religiosidade e do sincretismo enquanto elementos intrinsecamente imbricados nas relações das comunidades camponesas. “O jarê é uma religiosidade mestiça, decorrente do cruzamento entre as religiões de matrizes africanas, a espiritualidade indígena, o catolicismo popular e o espiritismo kardecista.” (Costa, 2024, p. 56). Afirmando a forte relação com o processo de sincretização das culturas africanas e indígenas, em meio ao sistema escravista, que compôs a colonização das terras que se configurariam como Brasil. Ademais, “a tradição, então, não é o passado que sobrevive no presente, mas o passado que, no presente, constrói as possibilidades do futuro” (Woortman, 1988, p. 17). Esse sincretismo religioso foi também constatado nesta pesquisa, enfatizando a influência de matrizes religiosas distintas nos sujeitos Reiseiros. Expressa, por outro lado, as próprias dimensões do processo de colonização e dos povos e culturas diversas que se refere à própria formação social do povo brasileiro.

No caso desta pesquisa, centralizamos nossa análise para as relações que esses possuem com o campo, a fim de evidenciar um significativo processo de expropriação da terra, bem como a mobilidade da força de trabalho para a cidade – onde passam a viver da venda da própria força de trabalho e em espaços periféricos, e como esse processo passa a influenciar suas vidas e as permanências e mudanças na prática do Reisado. No verso da cantiga utilizada por grupos de Reiseiros de Poções/BA, a seguir, é possível se identificar essa forte relação com o campo, bem como os aspectos que fomentaram importantes transformações nesse espaço ao longo do tempo, a exemplo da influência da modernização da agricultura – com a difusão do monocultivo do café, da década de 1970 em diante, representando um avanço da agricultura capitalista no campo, que interferiu na dinâmica de produção desse espaço, intensificando a valorização das terras, a concentração fundiária, a difusão da ação do Estado e das empresas capitalistas, bem como a expropriação e mobilidade do trabalho de pequenos agricultores e suas famílias – em grande parte em direção à cidade, configurando transformações significativas na produção desse espaço.

Com as mudanças no espaço, as manifestações culturais, ao mesmo tempo que o molda, se transformam; algo que é comum na cultura popular. A resistência de

uma manifestação cultural, se mostra em sua recriação, mas trazendo, também, novos elementos. Nesse sentido, o próximo tópico da sessão discutirá as principais formas e os espaços de manifestações do Reisado no município de Poções/BA.

4.3. As principais manifestações e os espaços que se manifestam na cidade de Poções/BA.

As principais formas de manifestação do Reisado em Poções/BA são em formato de Ternos de Reis, já que dentro dessa manifestação há outras vertentes como: as Pastorinhas, Bumba meu boi, Reisado de São José etc. Assim, como salienta Santos (2017), há diversas variáveis de tambores e sambas, que se adequam de acordo a construção e formação territorial de cada local. Em Poções/BA, existem três variantes oriundas dos Ternos de Reis, sendo os Ternos de Reis de Santos Reis, Ternos de Reis de São Sebastião e o Terno de Reis do Divino.

O Samba de Reis se configura de forma circular e os ritmos se assemelham aos sambas rurais, ou ao samba de roda ao estilo do recôncavo baiano. Entretanto, não adentraremos em mais detalhes a respeito da caracterização e definição de cada samba, já que apresente pesquisa nesse dado momento tem o foco no Reisado de Poções/BA.

O registro fotográfico mais antigo que obtivemos a respeito dos Ternos de Reis em Poções/BA, foi a figura 9, Terno de Reis de Otaviano Farias em Poções/BA, 1966. Segundo o entrevistado 02, o Terno de Reis de Otaviano Farias surgiu em 1924 e serviu como fonte de inspiração para outros Reisados. É válido ressaltar que esse grupo é oriundo da cidade e Poções/BA, mesmo embora as configurações espaciais estivessem imbricadas em um processo de modernização menos acelerado. O entrevistado 03 diz que na localidade rural em que viveu também existia Reisado, mas não há registros fotográfico ou escrito a respeito. Esses depoimentos e registros fotográficos são importantes porque referenda a ligação inicial com o campo, de onde os Reiseiros migraram, ainda que antes de um processo mais efetivo de modernização da agricultura, ocorrido nas décadas de 1970 e seguintes, em direção à cidade de Poções, demonstrando, também, uma relação com a produção desse espaço.

Se para os Ternos de Reis que estão nas cidades, nos espaços periféricos, é difícil se encontrar registros sobre suas manifestações e origem; no espaço agrário,

os Ternos de Reis que ainda existem (ou existiram) e se manifestam, em muitos casos, sequer são citados, ou lembrados em Poções/BA.

Figura 9 – Terno de Reis de Otaviano Farias em Poções/BA, 1966.



Fonte: Acervo da família Farias, 1966

Na figura 9, temos o Terno de Reis de Otaviano Farias, que possuía viola, tambores, gaitas e a mulinha em sua composição. Ao canto direito, circulado de vermelho, temos o Reiseiro Otaviano Farias, que trabalhou como dono de mercearia tanto na Avenida Peixoto Júnior, que dá acesso à BR-116, sentido mais próximo do município de Jequié/BA; como na Avenida Boa Nova, que dava acesso ao município de Boa Nova/BA. Segundo o Reiseiro 09, os Reiseiros que faziam parte do grupo de Otaviano Farias eram: Rafael na viola, Sirilo Novaes na Viola, Gerson no Bumba, Rosalve no tambor, Zé de Bitú no Tambor, Vardinho Farias no Tambor, João das Moças era o Velho da Mulinha, Jujú era o 'Montador' da Mulinha, Leão era tocador de Tambor, Liuzinho era tocador de Tambor, Deusdete era Pandeirista, João Batista e Mané Batista eram os Gaiteiros, João de Amélia era tocador de Violão e um bom Cantador de Reis.

Após seu falecimento, em 1978, esse Terno de Reis teve uma breve pausa, mas logo foi retomado por seu irmão e afilhado, Deusdete Farias, popularmente conhecido como Seu Dete. O entrevistado 03 diz que, por ser o sétimo irmão, Deusdete Farias teve que ser afilhado do seu primeiro irmão mais velho, que era

Otaviano Farias. Além disso, o entrevistado 03 diz que Deusdete Farias era da região do Crauno, uma das localidades rurais de Poções/BA, mas viveu boa parte de sua vida na Avenida Boa Nova, na cidade, mais uma vez evidenciando esse processo de saída do campo em direção à cidade.

Na Avenida Boa Nova, em Poções/BA, havia uma concentração de vários Ternos de Reis, seja oriundo do local, ou que passavam por lá em seu trajeto, e isso não se dava por acaso, já que dentro da formação territorial de Poções/BA, essa rua se mostra de extrema relevância no processo de interligação entre Poções/BA e Boa Nova/BA, em especial no trajeto do gado. O Reiseiro 01, diz que *“a Rua de Boa Nova, o que eu me lembro era uma ruazinha pequena, não era grande não, era uma rua pequena. Não tinha água, não tinha luz; muitas casas eram cobertas de palha, as casas podiam contar. Tinha um chafariz que era do povo pegar água, um salão que era uma escola e local de festas, que hoje é a igreja da Rua de Boa Nova”*.

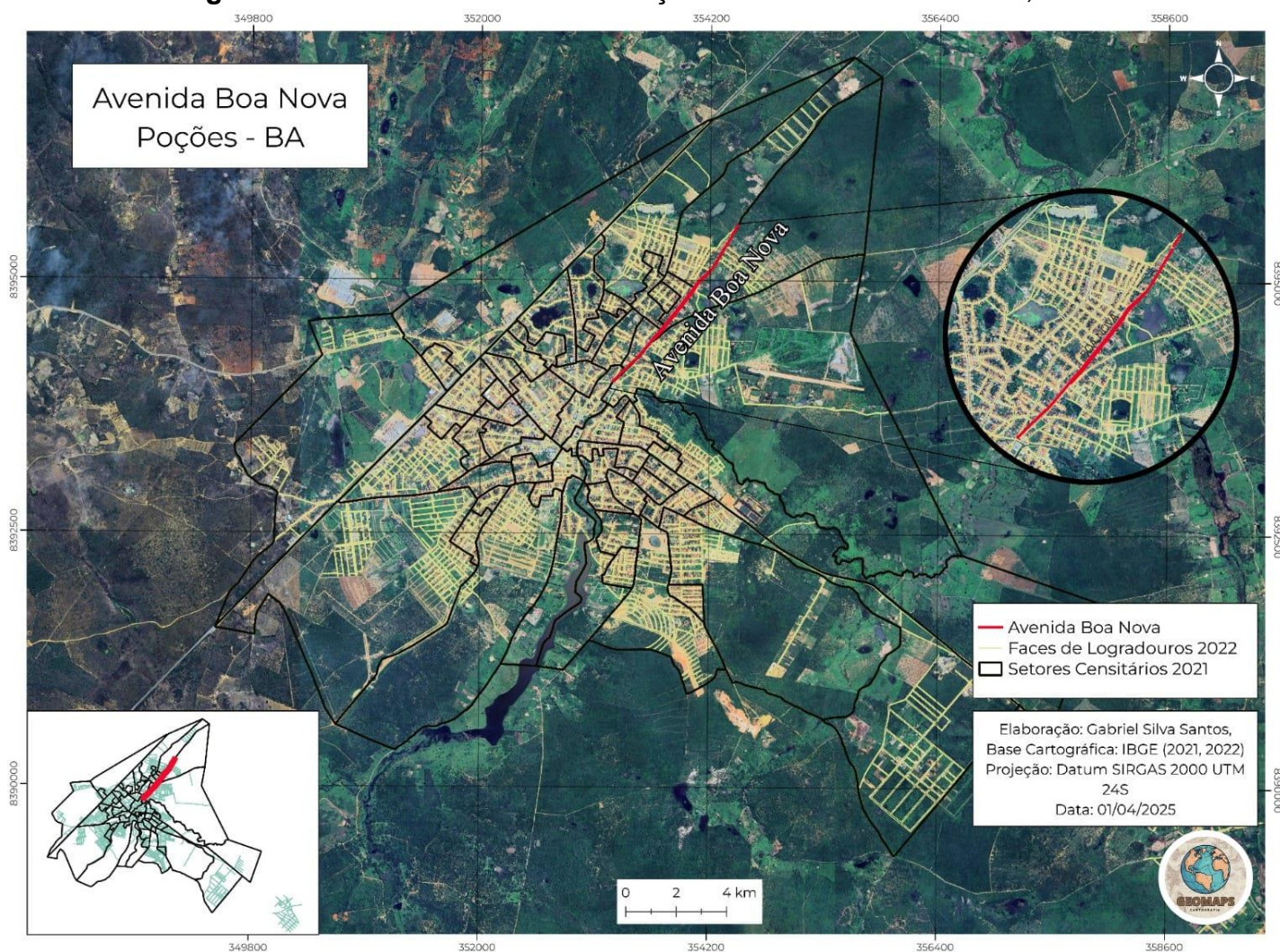
A Avenida Boa Nova, às vezes chamada Rua de Boa Nova, é uma das mais antigas dentro da formação territorial de Poções/BA, no entanto, a sua ligação dá acesso ao atual município de Boa Nova/BA, por meio das localidades rurais do Bezerra, Salina, Goiabeira e outras localidades subdivididas dentro desses espaços agrários. Por ser uma das ruas principais de Poções/BA, a forma como é tratada não condiz com sua relevância para a história de formação territorial do município. Por permitir o acesso a bairros afastados do centro e possuir uma proximidade com o campo, o valor no solo urbano é baixo. No entanto, atualmente, a Avenida Boa Nova já está consolidada e não possuem lotes para vender ao longo de sua extensão. Sobre a ocupação das terras da Avenida Boa Nova, o Reiseiro 01 diz que *“todo mundo tinha um terreno grande que construiu várias casas num terreno só, entendeu? Agora eu não sei se eles compravam, não sei se chegava e cada um cercava seu pedaço do tamanho que queria”*.

A figura 10 mostra a Avenida Boa Nova, localizada no Bairro Primavera, em Poções/BA, no ano de 2023, possibilitando a compreensão espacial. É possível observar que se trata de uma área de expansão urbana que, por ocasião da mobilidade dos trabalhadores do campo em direção à cidade, ainda na década de 1960 e seguintes, possuía características de área rural, localizada distante do centro e certamente com pouca infraestrutura em serviços públicos. Mais recentemente, pesquisas como a realizada por Abreu (2024) vão dar conta de evidenciar a expansão da lógica dos condomínios e loteamentos, inclusive os mais afastados do centro da

cidade, inserindo a mercadoria moradia em uma lógica mais empresarial e valorizando determinados espaços da periferia da cidade, o que, certamente, vai representar maiores dificuldades dos trabalhadores mais pobres nessas permanecerem, mas essa é uma discussão que escapa à centralidade desta pesquisa.

É válido ressaltar que nos mapas elaborados por Abreu (2024) a ocupação dessa área é datada a partir de 2013 e 2023, ou seja, uma ocupação “recente” do ponto de vista do poder público, inclusive com implantação de loteamentos, mas de ocupação efetiva desses trabalhadores Reiseiros data de muitas décadas antes, ao saírem do campo e não terem como se reproduzir em áreas mais próximas ao centro urbano, onde pudessem, inclusive, acessar o trabalho.

Figura 10- Avenida Boa Nova em Poções/BA no Bairro Primavera, 2025.



Fonte: Geomaps, 2025.

Para complementar a compreensão a despeito da Avenida Boa Nova, a figura 11 “Trecho da Avenida Boa Nova, O Chafariz e a Bifurcação para a Rua de

Cachoeirinha, 2025 , mostra o trecho em que o Reiseiro 01 foi criado, junto ao antigo local do chafariz e a bifurcação que dá acesso à Rua de Cachoeirinha, que através da fala do Reiseiro 01, podemos entender a questão da acessibilidade em relação a água, já que o mesmo diz que: *“quem quisesse pegar água no chafariz, tinha que colocar as suas latas d’água às 3 horas da manhã e pegar uma fila. Quem não conseguisse, tinha que ir até o rio de cachoeirinha, que na época era limpo.”*

Figura 11 – Av. Boa Nova, local do chafariz e a bifurcação para a Rua de Cachoeirinha, 2025.



Fonte: Acervo do autor, 2025

Por meio de pesquisa empírica, com realização de entrevistas (individuais e em grupo), vivências nas comunidades, levantamento de arquivo fotográfico e documental, e demais instrumentos que se teve acesso, elaboramos uma sistematização sobre os grupos de Ternos de Reis que se manifestam ou já se manifestaram na cidade e no campo de Poções/BA³⁶, enfatizando o tipo de Reisado,

³⁶ Como já apontado, tal elaboração se deu com base no material que coletamos, do que foi possível se identificar, ressaltando que, certamente, existem outros que não foram citados ou não se conseguiu qualquer informação.

fundador e, quando possível, o ano de surgimento e se esses continuam em operação. Não colocamos a sede, pois todos os Ternos de Reis em Poções/BA possuem por características a casa do cabeça do terno como o local de reunião e organização, ou seja, em Poções/BA. O quadro 01 apresenta os Ternos de Reis identificados que existiram e existem em Poções/BA, traz as diferentes formas de manifestação dos Ternos de Reis, período, principais organizadores e, a partir da coloração, é possível analisar quais são os Ternos de Reis em atividade ou não; para isso, utilizamos a cor verde sinalizando os que estão em atividade e utilizaremos vermelho para indicar os que não estão mais em atividade. No caso da cor amarela, servirá somente para o Terno de Reis do Divino, por existir somente um, no município e ser parte de fato da igreja católica.

Quadro 1 - Ternos de Reis que existiram e existem em Poções/BA.

Terno de Reis	Tipo	Agrário/Urbano	Período	Cabeça
Terno de Reis de Otaviano Farias.	Santos Reis.	Urbano.	1924 – 1978	Otaviano Farias.
Terno de Reis de Deusdete Farias.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Deusdete Farias.
Terno de Reis de Dona Maçú.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Dona Maçú.
Terno de Reis de Carlitinho.	Santos Reis.	Urbano.	1986	Carlitinho do Leite.
Terno de Reis de Zé Pequeno.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Zé Pequeno.
Terno de Reis de Luís.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Luís.
Terno de Reis de Luís das Onças.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Luís das Onças.
Terno de Reis de Dona Anésia.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Dona Anésia.
Terno de Reis de Canadense.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Tonho Canadense.
Terno de Reis de Liziário.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Liziário.
Terno de Reis de Dáro.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Dáro.
Terno de Reis de Leonora.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Leonora.
Terno de Reis de Seu Clemente.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Seu Clemente.
Terno de Reis de Febrônio.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Febrônio.
Terno de Reis de Seu Valmir.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Seu Valmir.
Terno de Reis de Seu Benvindo.	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Seu Benvindo.
Terno de Reis de Adobão.	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Adobão.
Terno de Reis de Edigar.	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Edigar.
Terno de Reis de Cici.	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Cici.
Terno de Reis de Seu João.	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Seu João.
Terno de Reis de Manoel de Liozina	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Manoel de Liozina.
Terno de Reis de Salsicha.	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Salsicha/Agnaldo.
Terno de Reis de Zequinha.	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Zequinha.
Terno de Reis de Dona Geni.	São Sebastião.	Agrário.	s.d.	Dona Geni.

Terno de Reis de Fofão.	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Fofão do Leite.
Terno de Reis Bumba-Meu-Boi.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Zé Preto.
Terno de Reis Três Reis Magos.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Acenor.
Terno de Reis Três Reis Magos.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Tia Tereza/ Elza.
Terno de Reis Azulão do Bela Vista.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Seu Zé.
Terno de Reis Estrela do Sul.	Santos Reis.	Urbano.	1975 – Atual.	Seu Licínio.
Terno de Reis Três Reis Magos.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Adonias.
Terno de Reis Bom Jesus.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Nelzide.
Terno de Reis de Sônia.	Santos Reis.	Urbano.	s.d.	Sônia/Baixinho.
Terno de Reis de Dalzin.	Santos Reis.	Agrário.	s.d.	Dalzin.
Terno de Reis de Lurdes.	Santos Reis.	Agrário.	s.d.	Lurdes.
Terno de Reis de Dão.	Santos Reis.	Agrário.	s.d.	Dão.
Terno de Reis de Dona Carmosa.	Santos Reis.	Agrário.	s.d.	Dona Carmosa.
Terno de Reis da Lagoa do João.	Santos Reis.	Agrário.	s.d.	Seu Manoel.
Terno de Reis da Pimenteira.	Santos Reis.	Agrário.	s.d.	Seu Carlito.
Terno de Reis de Denilson.	Santos Reis.	Agrário.	s.d.	Denilson.
Terno de Reis de Dona Xuxa.	Santos Reis.	Agrário.	s.d.	Dona Xuxa.
Terno de Reis São Sebastião das Estrelinhas.	São Sebastião.	Urbano.	1994 – Atual.	Seu Juarez.
Terno de Reis de São Sebastião	São Sebastião	Urbano	s.d	Cristiano
Terno de Reis Estrela do Oriente.	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Nade.
Terno de Reis de Denilda.	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Denilda.
Terno de Reis de Raquel.	São Sebastião.	Urbano.	s.d.	Raquel.
Terno de Reis do Divino.	Divino.	Urbano.	s.d.	Eliene Dias.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2025

Ao longo do século 20, sobretudo a partir da sua segunda metade, muitos Ternos de Reis surgiram, outros desapareceram ou se recriaram. Por ser uma manifestação que tem a sua principal forma de resistir ligada a passagem dos conhecimentos para a próxima geração pela oralidade, muitos Ternos de Reis citados no quadro acima advêm de uma mesma família. Podemos apontar como exemplo desse processo os Ternos de Otávio Farias e Deusdete Farias, Dona Leonora e Bom Jesus, dentre outros. Os Reiseiros que não conseguiram passar adiante os conhecimentos e suas vontades para seus filhos, netos e familiares, findou-se junto com o seu Terno de Reis. Muitos caracteres se perderam, da figura do pavão do Terno de Reis de Zé Pequeno e a onça no Terno de Reis de Luís das Onças, as lutas de espadas das mulheres sambadeiras ou até mesmo os sambas de jovens fantasiados de indígenas. Outro fator para a não existência de alguns Ternos de Reis é o término

da promessa, alguns “cabeças” fazem promessas de sair com o Terno de Reis em um determinado prazo, de um ou dois anos.

Esses registros orais obtidos em pesquisa de campo³⁷ são relevantes para mostrar a quantidade significativa de homens e mulheres que, oriundos do campo, em grande medida migram para a cidade e continuam a realizar o Terno de Reis. Outros também expropriados do campo, certamente, por se deslocarem para lugares mais distantes ou, dadas as dificuldades da vida nas cidades, não tiveram essa possibilidade. De todo modo, fica evidenciado como esse processo expressa as próprias transformações ocorridas no município do Poções, enquanto uma particularidade vinculada à inserção da região no circuito produtivo do capital – com a expansão do capital no campo e posteriormente nas cidades da região, com destaque para Vitória da Conquista e, em menor medida, Poções.

Esse movimento se intensificou nas décadas de 1970 e posteriores, com a expansão do monocultivo do café, valorização das terras e expropriação de parte significativa do campo. Ao se recriarem na cidade de Poções, passam a conviver com as dificuldades de conciliar a manifestação do Reisado com a necessidade da venda da força de trabalho, em geral, em várias atividades, diferente das atividades do campo, cuja atividade como plantio e colheita possuíam um calendário melhor definido.

O Reiseiro 05 diz que *“antigamente, no campo, a forma de fazer os instrumentos de Terno de Reis era mais demorada, pegava umas árvores, fazia um buraco e colocava o material dentro para ficar em um formato circular. Hoje em dia, a gente pega o zinco, ou alumínio que é mais fácil de dobrar e em menos tempo a gente faz o instrumento”*. Nos Ternos de Reis do campo, tem-se o costume de sair durante o dia e a noite, já que o número de foliões é maior em relação aos grupos que estão na cidade. Por outro lado, os Ternos de Reis da cidade saem com horário marcado e somente durante a noite, pois na cidade os Ternos de Reis se deparam com a questão do horário para cantar na casa dos moradores, seja pela questão do barulho ou pela questão etária dos moradores que recepcionam, ou até mesmo a violência e o medo.

³⁷ Ressaltamos a dificuldade de contar com registros documentais, a exceção de algumas fotos e cópias de músicas sobre os Ternos de Reis, por se tratar de uma cultura popular, marginalizada, em geral, não letrada – considerando que muitos Reiseiros são/eram analfabetos e semianalfabetos. Perfil esse que começou a mudar com o interesse do referido pesquisador, que inicia esse processo de coleta, realizando registros, criando o *site* Porta Aberta Luz Acesa: Memória do Reisado poçoense, e concorrendo a editais de cultura. Ainda assim, tal levantamento se refere a alguns poucos grupos de Reisado, dado os limites do pesquisador.

A chuva também atrapalha, diferentemente no campo, pois quando o Reiseiro chega em dia de chuva é recepcionado como se fosse o motivo de estar chovendo.

Nos anos de 2023 e 2024, notamos uma mudança significativa em relação ao número de Reiseiros, em cada Terno de Reis, pois a quantidade de Reiseiros tem diminuído, principalmente por conta da idade e, no período da pandemia da COVID-19, alguns Reiseiros faleceram. O Reiseiro 06 aponta *“os Ternos de Reis tem a participação de poucos jovens, no meu tempo todos os jovens participavam e gostavam dos Ternos de Reis”*. Na verdade, o que ocorre é o movimento da falta de incentivo a perpetuação dessa manifestação cultural, o número de Reiseiros jovens de 8 anos aos 18 anos de idade é baixo, se compararmos a quantidade de Reiseiros com 40 anos ou mais, dados esses obtidos na pesquisa de campo. A quantidade de Reiseiros que param de sair nos Ternos de Reis são maiores do que a quantidade de Reiseiros que ingressam nos grupos. O Reiseiro 05 questiona *“nas escolas não ensina cultura? Não ensina Reis?”*.

A expansão da cidade de Poções/BA, junto à mobilidade da força de trabalho dos Reiseiros e a fatores como a falta de incentivo à manutenção da cultura são elementos que enfraquecem o Reisado no município. Trabalhar durante o dia em construções civis, descarregando carro, limpando terreno ou dando aula, não facilita no período de manifestação do Reisado. Os Reiseiros precisam comer, sustentar sua família e, mesmo nesses percalços, continuam a sair durante a noite. Sem a terra para plantar, o que lhes resta é vender a sua força de trabalho, mas mesmo assim, com noites de sono perdidas e com o cansaço acumulado, durante a noite, mesmo que seja somente em dez casas, tem que ir cantar Reis. O peso das horas de trabalho é deixado de lado e o cansaço da noite se torna forças para o outro dia.

Passarelli (2006) faz uma classificação tipológica das manifestações folclóricas e dentro dessa classificação a Folia de Reis é o que defini as manifestações culturais de Reisado em Poções/BA, juntamente com a acepção de Terno de Reis caracterizada pelo próprio Passarelli (2006). Segundo esse autor, a Folia de Reis é sinônimo de “Bando de Reis, Folia de Santos Reis (do Oriente), Terno de Reis (nunca confundir com o verdadeiro Terno de Reis - vide), Terno de Folia de Reis, Companhia de Reis, Comitiva de Reis, Tripulação de Reis, Grupo de Reis, Bandeira de Reis, Reis, Tiradores de Reis”, Passarelli (2006). Já o Terno de Reis é sinônimo de: “Cantores de Reis, Reis, Reses (RS), Reisado”. “A Baía de Todos os Santos parece ter sido um grande centro irradiador da tradição” (Passarelli, 2006, p. 41).

As variações dos Ternos de Reis destacados pelo autor supracitado são: Cordão de Reis e Rancho de Reis. Além disso, tem-se o destaque para as diversas variáveis da Folia de Reis, que são: Folia de Pastorinhos, Folia de Reis de Caixa, Folia de Reis de Música, Presépio Vivo, Reiada, Reis, Reis de Caixa, Reis de Porta e Turundu. É válido ressaltar que a presente pesquisa não se adentrará nas características de cada tipo de manifestação Reiseira supracitada.

No município de Poções/BA, existem duas formas mais habituais da manifestação de Terno de Reis, sendo: Terno de Reis de Santos Reis e Terno de Reis de São Sebastião. A segunda forma, muitas vezes não é considerada como Terno de Reis, pelos Reiseiros mais velhos, já que o argumento usado é que o Reis de São Sebastião é um cântico não bíblico e não atende às exigências do próprio Reisado. Porém, essa manifestação de Ternos de Reis para São Sebastião tem se popularizado nas últimas décadas. Segundo o Reiseiro 01, “O primeiro Terno de Reis de São Sebastião visto em Poções/BA foi o de seu Benvino”. A figura 11 mostra a composição do Terno de Reis, com as vestimentas na tonalidade vermelha, que caracteriza os Ternos de Reis que louvam São Sebastião. Qual a diferença entre os grupos de Reis que louvam a Santos Reis para os grupos que louvam São Sebastião? As diferenças são os cantos, a cor das vestes, os dias da peregrinação/caminhada e a louvação do santo.

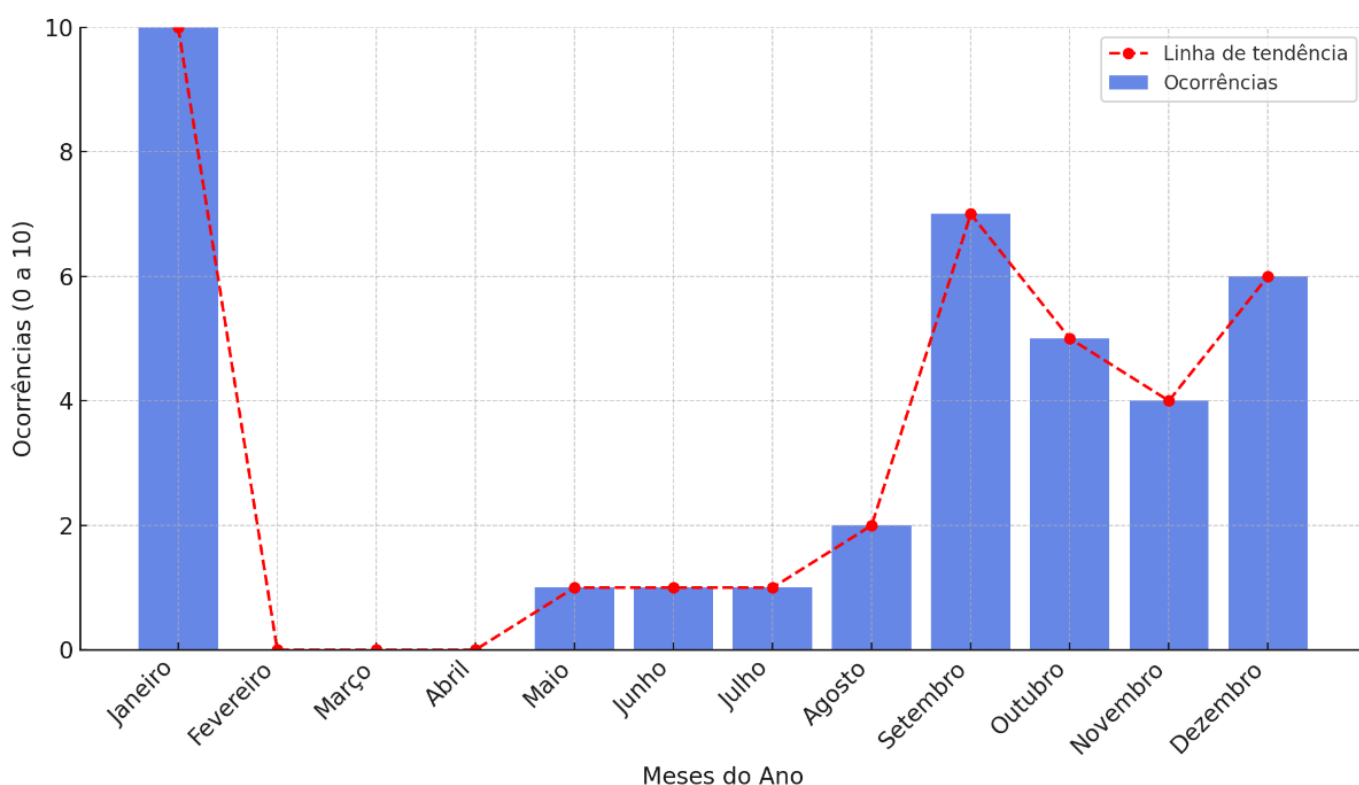
Figura 12 - Terno de Reis de Seu Benvino, em Poções/Ba.



Fonte: Acervo do Autor, 2024.

Os novos grupos que louvam a São Sebastião têm a mesma ligação com a terra camponesa, visto que os trajetos dos Reiseiros perpassam pelo campo e pela cidade e, além disso, muitos dos componentes que saem louvando a Santos Reis, também saem louvando a São Sebastião. Em outras palavras, é como se o mês de janeiro em Poções/BA fosse destinado ao mês do Reisado. Assim como aponta o gráfico¹, Manifestações de Reisado em Poções/BA ao longo do ano de 2024, que foi elaborado a partir da pesquisa, levando em consideração uma escala de 0 a 10 sobre quais os principais meses em que ocorrem as manifestações de Reisado no município de Poções/BA.

Gráfico 1 - Manifestações do Reisado em Poções/BA, em 2024.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Como podemos analisar, o fluxo se torna mais forte a partir do mês de setembro, se estendendo até janeiro e com uma queda brusca de fevereiro até abril. Em setembro é o mês das comemorações vinculadas a São Cosme e Damião, “o mês dos Carurus³⁸”, em muitos momentos desses é importante a participação dos

³⁸ O tradicional Cariru de Seu Juarez, que resiste por mais de 30 anos. Nasci em 1999, desde que comecei a entender o mundo, me recordo que o dia 27 de setembro está no nosso calendário de Reiseiro, como o dia do Cariru de Seu Juarez. Vários Reiseiros passaram por lá, muitos eu não vi, mas minha mãe e meu pai, ao contarem as histórias que não vivi, me fazem viver em um tempo em que

Reiseiros para cantar os Reis no santo, pós a ladainha. Em outubro, temos ladainhas para Nossa Senhora Aparecida. Novembro e dezembro já são meses de preparação para entender quem serão os foliões que poderão sair no respectivo Terno de Reis.

Um dos fatores agravantes que ao longo de nossa pesquisa foi constatado é que, junto às mudanças, com o processo de modernização do campo, expropriação dos trabalhadores camponeses e mudanças na cidade de Poções/BA, os costumes e o modo de vida também mudaram. Os jovens que nascem em famílias Reiseiras se encontram em uma condição diferente em relação às formas de “entretenimento”. O Reiseiro 01 diz que no período de dezembro a janeiro em Poções/BA, em meados de 1980, não se tinha outras distrações, a comunidade via o período do Reisado como um momento em que se podia juntar a fé com o festejo, em que, praticamente, todos participavam.

Hoje, ainda existe jovens nos Ternos de Reis, no entanto, pelas condições e mudanças na reprodução espacial, o número não é proporcional aos idosos, já que se em um Terno de Reis tem 10 componentes, no máximo 2 desses componentes são jovens e os outros estão em uma faixa etária de 40 anos para cima, que é o caso do Terno de Reis São Sebastião das Estrelinhas. Existem outras distrações que atraem os jovens, o surgimento de novas festas e a falta de incentivo à prática do Reisado. O Reiseiro 10 diz que, *“Acho que vai ficar poucos Ternos de Reis, que as juventudes e esses moderninhos de hoje só querem saber de zueira e festa.”* Há também a questão do distanciamento a partir da necessidade de trabalhar, entrando assim na questão da mobilidade do trabalho, já que no município de Poções/BA não há muitas oportunidades de trabalho para os jovens³⁹, seja os que conseguem se qualificar a partir de cursos de nível superior, ou não.

vários Reiseiros, que considero como lendas, viveram... Meu pai começou a participar do Cariru na casa de Seu Juarez, a convite de Seu Dete, que era encarregado de cantar o Reis do Santo, em louvou a Cosme e Damião. Tive pouco contato com Seu Dete e, após sua partida, meu pai ficou com essa "obrigação", a dupla Seu Liuzinho e Seu Dete cantou por diversas vezes na data de hoje, o Reis de Santo na toada de Vinte e Cinco de Dezembro... Seu Dete, com o seu pandeiro, cantando o Samba de Cosme e Damião. Reiseiros, como Seu Nel, Tigui, Seu Damião e vários outros, que são citados nas histórias que ouço de meus pais, passaram por ali. Seja tocando gaita, pandeiro, bumba, tambor ou triângulo... Seja cantando, ou comendo Cariru... Colocando coxa de frango no prato de minha mãe, ou "brigando com Cosme" para poder sambar também... Há um tempo, sou eu que passo por lá, meu irmão, meus tios... (Costa, 2025).

³⁹ *“Minha ida para São Paulo me afastou mais do Terno de Reis, porque, quando cheguei em São Paulo, passando mais ou menos um ano, minha mãe veio a óbito, me deixando muito quebrado emocionalmente. Isso me afastou, porque o Terno de Reis é uma tradição da família. Eu saía com meu pai e minha mãe, que tinham seu Terno de Reis. Eu achava tão lindo isso na nossa família, que cada parentesco tinha seu próprio Terno, mas, depois que ela faleceu, na verdade, antes disso, eu já não*

Importante ressaltar que, apesar da permanência de muitos desses Ternos de Reis, inclusive no município e na cidade de Poções, os mesmos vivenciam as dificuldades de se reproduzirem, marcados por uma realidade material muito difícil, inclusive de luta pela sobrevivência, seja nos espaços do campo quanto da cidade, o que acaba por afetar a continuidade dessas ações. Além disso, vivenciam a influência de uma cultura de massa, voltada às questões que interessam ao mercado, realidade que leva ao afastamento de parte de seus próprios descendentes para a continuidade da prática do Terno de Reis. "A cultura de massa assim desvela o caráter fictício que a forma do indivíduo sempre teve na época burguesa e o seu erro está apenas em vangloriar-se desta turva harmonia do universal com o particular" (Adorno, 2002, p. 34)

A realidade do desemprego⁴⁰ no município e na cidade pode ser vista como outra dificuldade, uma vez que leva parte dos sujeitos para lugares mais longínquos e, tão logo, dificulta permanecer como parte do grupo. Já a população da cidade, embora haja, de um modo geral, a admiração com os festejos de Reis, acabam os vendo como algo mais distante de sua realidade, um momento de diversão, de lazer, um espetáculo bonito, mas do qual não se sentem parte.

O Reiseiro 03 afirma que saiu do campo em busca de melhorias na educação dos seus filhos, em 2013, e se instalou na cidade de Poções/BA, mas até o presente momento ainda mantém vínculo com o campo, já que ele sempre foi lavrador e ainda possui terra em seu lugar de origem. Ao chegar na cidade de Poções/BA, o Reiseiro 03 relatou que sentiu certa estranheza na forma dos Ternos de Reis se manifestarem, pois, no campo, eles saem durante o dia e a noite, cantam em todas as casas da comunidade e utilizam toalhas para secar o suor e tomar banho. Já na cidade, os Ternos de Reis saem somente durante a noite, em casas específicas e não utilizam

acompanhava mais, porque eu cuidava dela, que estava mais debilitada. Então, eu tinha que cuidar dela e não podia sair acompanhando os Ternos de Reis, pois os horários não batiam para mim. Então, eu não frequentei mais e era bastante focado em tecnologia, mas adorava a cultura do Terno de Reis. As pessoas se reuniam, né, numa casa para todos cantarem e sambarem. Era algo lindo de se ver, mas, com o tempo, fui me afastando. Eu ficava mais em videogames e computadores, vivendo a vida na cidade, mais do que no campo." (Reiseiro 07, 2025).

⁴⁰ Aqui, entendemos o desemprego como condição estrutural do capital, em seu processo de expansão e maior exploração da força de trabalho (Meszáros, 2002), em que o aumento da produtividade do trabalho, marcada pelos incrementos tecnológicos, leva à valorização do capital constante em detrimento do capital variável que, conforme reflexão de Marx, em O Capital, diz respeito à força de trabalho.

toalhas. No campo de onde ele vem, não há Ternos de Reis para São Sebastião, ou o Divino Espírito Santo, somente há o tradicional, em louvor a Santos Reis.

Esse processo se dá justamente pela forma como o modo de produção interfere nas relações culturais, já que a maioria dos Reiseiros que vivem na cidade são trabalhadores assalariados, diaristas ou vivem de bicos e são levados a escolher entre perderem noites de sono e irem trabalhar cansados, ou iniciar entre as 18h:00 e parar as 00h:00. Existem cinco tipos de Reiseiros, (i) as crianças que não trabalham, mas precisam do acompanhamento dos mais velhos; (ii) os que trabalham de forma assalariada, com contrato ou de forma informal; (iii) os que trabalham no campo na produção familiar e com sua própria terra; (iv) os aposentados, ou os que atingiram uma idade que não conseguem trabalhar mais; (v) e as mulheres que fazem todo trabalho organizacional, durante os dias de saída até o dia da reza.

No quinto tipo, salientamos que, embora a presente pesquisa não tenha como objetivo se aprofundar sobre a questão de gênero dentro dos Ternos de Reis, é válido ressaltar o não reconhecimento de muitas mulheres enquanto Reiseiras, por fatores aparentemente simples, mas que possuem uma complexidade envolvida a totalidade das relações estruturais que constituem a sociedade. Fatores esses como, não vestir as fantasias, ou não tocar nenhum instrumento e ficar somente na parte da organização, nos “bastidores”. Diversas companheiras dos Reiseiros acabam carregando essa tarefa como algo que é obrigatório dentro da relação. Por outro lado, mesmo não havendo o reconhecimento dessas mulheres enquanto Reiseiras, o Reiseiro 01 diz que “sem minha mulher para ajudar na organização, não é possível que meu Terno de Reis saia”. A partir de análises e conversas com diversos Reiseiros, a presente pesquisa considera todas as mulheres que ajudam na parte organizacional como Reiseiras.

Em Poções/BA, existe e existiu Ternos de Reis comandados por mulheres, o “Quadro 01: Ternos de Reis que existiram e existem em Poções/BA”, traz nomes como: dona Leonora, dona Maçú, dona Anésia, Nelzide, Raquel, Denilda, dona Tereza e Elza. Dentre os nomes citados, dois Ternos de Reis possuem características singulares, no Reisado de Poções, assim como apresenta a Figura 9 – Mulheres “Cabeça de Reis” em Poções/BA, de 1970 a 2024.

Para essas Reiseiras, que possuem uma dupla função nos Ternos de Reis, o trabalho, é dobrado. Ser “o cabeça” e a organizadora ao mesmo tempo. É costumeiro no Reisado que a mulher organize a casa, a comida, as roupas e a reza. Já o homem,

assume o Terno de Reis durante o “giro”⁴¹. A reseira 08 afirma que *“Não... eu não trabalho fora, não. É dentro do Terno de Reis... E em minha casa, né... Que tem que lavar a roupa, limpar a casa, fazer tudo, né... e às vezes eu vou na rua marcar um exame... também eu tenho que ir na rua comprar as coisas, né... As carnes... Todo dia... Para fazer a comida... A correria não é pouca, não... É seis dias de luta, mas nós... Sai, né... Porque... Tem promessa, né... A gente não pode deixar de sair.”*

Importante ressaltar, ainda, que existe uma dificuldade concreta na participação dessas mulheres nos Ternos de Reis, devido a concentração das atividades em dias sequenciados, onde as mesmas têm dificuldades de conciliar com os cuidados com a casa e os filhos (sobretudo os filhos pequenos), em uma sociedade patriarcal que historicamente delega essas atividades às mulheres. Além disso, devido às dificuldades na reprodução da vida, essas também se inserem no mercado de trabalho, sobretudo de forma precarizada, em atividades como diaristas, domésticas, manicures, das quais não conseguem se afastar por dias sequenciados.

Para a questão da família, existe versos de louvores em forma de enaltecer ou desejar prosperidade ao núcleo familiar, a composição da família dentro dos versos está voltada para algo tradicional, reproduzindo, inclusive, valores de uma sociedade patriarcal, que exalta a figura do homem, e coloca a mulher em condição subalterna. Assim, existe uma figura paterna, que é o “chefe da casa”, uma figura materna que seria uma mãe “dona de casa” e os filhos. Os seguintes versos evidenciam isso: “e também a sua dona, sua dona e seus filhinhos, sua dona é a gaiola, seus filhos os canarinhos”. Com relação a categoria trabalho, enquanto algo ético e moral, o verso a seguir salienta: “a semana tem seis dias que eu morro de trabalhar, eu morro de trabalhar para sustentar mulher e o pago que ela me dá é dizer que não me quer”.

Apesar da forte relação com o trabalho na terra, novamente reproduz-se um conteúdo patriarcal, como se apenas o trabalho do homem levasse o “sustento para a casa”, como se a mulher não trabalhasse, tanto nos espaços produtivos, como nos espaços reprodutivos, nos cuidados com a casa, também fundamental para a reprodução da família.

O Terno de Reis de Denilda é conhecido por não possuir foliões adultos e não há Reiseiros que toquem instrumentos. Denilda sai com crianças durante o dia, pedindo a colaboração da comunidade para realizar sua reza. Como salienta

⁴¹ Giro é um termo utilizado como sinônimo de percurso, no Reisado.

Passarelli (2006), é uma forma de Reisado que se inclui na tipologia dos Reis da Bandeira. O Terno de Reis de Anésia tinha jovens fantasiados de indígenas que realizavam danças, assim como o Terno de Reis de Dáro. Ambos os ternos já não existem mais, nenhum familiar deu seguimento e encontrar registros de ambos é difícil.

Figura 13- Mulheres “Cabeça de Reis” em Poções/BA, de 1970 a 2024.



Fonte: Acervo do Autor e da Prefeitura Municipal de Poções/BA.

Quanto às crianças, entende-se que a participação dessas se torna limitada se não há um adulto para acompanhá-las. Além disso, os Ternos de Reis concorrem com a facilidade e atratividade dos jogos eletrônicos, o que incide, também, nesse interesse que, a médio e longo prazo, pode implicar na continuidade dessas manifestações culturais.

No caso dos idosos, ressalta-se que, embora se verifique um apego e um desejo de continuar a participar do Terno de Reis, os limites físicos já se fazem presentes. Por tudo isso, mesmo os Ternos de Reis se reproduzindo na cidade de Poções, verifica-se, concretamente, as dificuldades existentes nessa continuidade, o que faz com que essa também se constitua uma forma de resistência, de expressar uma História da luta e sofrimento dos seus participantes, outrora camponeses, hoje buscando viver da venda de sua força de trabalho, parte deles na cidade.

4.4 Transformações e Resistência dos Ternos de Reis na cidade de Poções/BA ao longo do tempo.

Aqui buscaremos enfatizar as dificuldades que esses sujeitos encontram para garantir a sobrevivência e, ao mesmo tempo, perpetuar as manifestações do Terno de Reis. E como há uma tentativa de transformar a manifestação cultural do Reisado em uma mercadoria, ou em algo que é feito somente para ser apresentado, já que parte da sociedade acha lindo, mas de uma forma externa, como algo exótico

O Reiseiro 01 diz que, “no Reis de Dáro, na década de 1980, existia muitos rapazes com a idade de 12 anos até os 17 anos e existia crianças mais novas.” Com base nisso, pode-se compreender que os Reiseiros com a idade de 45 até os 60 anos nos dias atuais fizeram parte da geração de 1980, Reiseiros como: Juarez, Cici, Jú Preto, Zequinha, Coti, Calú, Xima, Cal, Dino. O Reiseiro 01 afirma que “Juarez, Jú Preto, Coti, Zequinha, Calú, todos fizeram parte do Terno de Reis de Dáro e, antes disso, quando éramos crianças, saíamos batendo um monte de latas fingindo ser um Terno de Reis, tínhamos um boi feito de cavaletes pesados, era nossa diversão”. A relevância social da manifestação cultural do Reisado, em um período em que havia uma concentração populacional equivalente entre o campo e a cidade do município, é perceptível. Quantas crianças nos dias atuais sentem vontade de serem Reiseiros? As crianças da atualidade que desejam ser Reiseiros tem um vínculo familiar, seja por parte de um pai, tio, mãe, irmão, avô. Fontes e Saraiva (2018) dizem que:

Estes grupos de Terno de Reis, como são chamados na Bahia, em sua maioria, são formados por famílias e suas origens alcançam gerações bastante antigas. Desde muito cedo, as crianças são introduzidas na tradição e os mais velhos são os mestres, detentores de um saber que não se restringe à Festa de Reis, mas que serve de referência para a vida. (Fontes; Saraiva, 2018, p.05).

Para compreender o processo de distanciamento ou da “perda de interesse” das crianças, deve-se partir do pressuposto de que, na década de 1970 e 1980, no município de Poções/BA, não havia outros tipos de festas durante o período natalino e a virada de ano, por isso, a cultura oriunda do campo – com os Ternos de Reis – era predominante.

A partir da década de 1990 e 2000, existe uma série de novos estilos musicais e várias festas organizadas nesses períodos, sendo assim, esse pode ser um dos fatores para as crianças não terem vontade de se fantasiar de Reiseiro. Existem novas formas de entretenimento que vão se manifestando ao longo dos anos e, a partir disso,

o Reisado começa a deixar de ser uma “atração” principal no cenário urbano e rural. Os camponeses sentem uma certa nostalgia de forma mais pujante do que os citadinos em relação ao Reisado. É muito complexo fazer uma datação exata de quando a manifestação dos Ternos de Reis iniciou nas terras hoje denominadas de Poções/BA, já que os registros são escassos e o pouco que se tem é através de relatos orais e algumas fotografias que já são do século 20. Em meio ao mundo global e com vias e redes de acesso cada vez mais rápidas, o Reisado se porta como algo “ultrapassado ou pertencente a um tempo diferente”, mas que é necessário para a manutenção identitária dos povos de municípios com uma relação campo-cidade tão acentuada, como Barra do Choça/BA, Boa Nova/BA, Planalto/BA e Poções/BA.

Com o passar do tempo, as formas de fazer Reisado se modificam, segundo o Reiseiro 03, (2021) “antigamente demorava 5 meses para fazer os instrumentos musicais, já hoje em dia leva-se 15 dias ou um mês no máximo, já que os instrumentos antes eram feitos de corda e madeira e hoje são feitos de tarraxas e metal”. A figura 15 elucida a diferença ⁴²entre os tambores feitos de corda e madeira, para os tambores feitos de metal e tarraxas.

Figura 14 - Tambores dos Ternos de Reis, 2025.



Fonte: Acervo do Autor, 2025.

⁴² Os tambores feitos com cordas e madeira são afinados a partir do aperto das cordas. Já os confeccionados com metal e tarraxa são feitos para serem afinados com as chaves de fenda, possibilitam uma facilidade maior na afinação.

Com o Reisado passando a se reproduzir no espaço de uma cidade com mudanças na malha urbana, transformações tornam-se reflexo das modificações nas relações tanto de modo de produção, quanto na organização espacial. Em alguns casos, a cultura que é passada a partir da observação tem perdas quando as memórias se perdem. Costumes musicais se perdem, como por exemplo, as violas e sanfonas que eram mais utilizadas no campo pelos Reiseiros, mas no espaço urbano atual não se vê com tanta frequência, visto que, as gaitas feitas de cano PVC são mais utilizadas e isso também difere da manifestação que outrora se amparava somente nas trovas ou nos famosos “sambas e Reis cantados”, esses que não apresentam a utilização das gaitas.

No município de Poções/BA, existem duas formas mais habituais da manifestação de Terno de Reis, sendo: Terno de Reis de Santos Reis e Terno de Reis de São Sebastião. A segunda variável, muitas vezes não é considerada como Terno de Reis pelos Reiseiros mais velhos, já que o argumento usado é que o Reis de São Sebastião é um cântico não bíblico e não atende as exigências do próprio Reisado. Porém, essa manifestação de Ternos de Reis para São Sebastião tem popularizado nas últimas décadas.

A terceira forma, não tão habitual, é o Reis do Divino, que tem a finalidade de arrecadar dinheiro para a igreja católica no período da festa do Divino, que geralmente ocorre ou no mês de maio, ou em junho. Aqui, nos deparamos com uma mudança em relação aos princípios dos Ternos de Reis com a sua transformação em uma forma de arrecadação de dinheiro para a igreja católica, já que o objetivo de forma geral é arrecadar para o dia da comemoração ao santo, a reza. A finalidade é cumprir a promessa entre o “Cabeça do Terno de Reis” com o santo. O Reiseiro, que está sob a condição de trabalhado, em muitos casos precarizados, não tendo a condição de fazer a reza por conta própria, acabam formando um Terno de Reis para sair de porta em porta, levando os versos do Reisado e pedindo a esmola⁴³ para o santo.

O Reisado é um tipo de manifestação cultural que tem muitos fundamentos, não possuindo uma flexibilidade, que conseqüentemente levará a perda de essência

⁴³Os versos a seguir são de reis da porta, servem para agradecer a contribuição que o dono da casa irá fazer para cumprir a promessa:

A esmola é caridade, caridade é virtude, Deus lhe pague a santa esmola, dê dinheiro, vida e saúde.

A esmola que vós deu, dada de bom coração, nesse mundo ganha o prêmio, lá de Deus a salvação.

e existência. Sem uma estruturação de ensino, cada vez mais fica difícil perdurar as práticas dessa cultura. A oralidade se encerra com os Reiseiros mais velhos e o número de jovens que estão participando dos Ternos de Reis não se equipara a quantidade de Reiseiros com 40 anos ou mais. Levando assim a um ciclo natural de uma finalização por insuficiência de pessoas. Sem ações de formação ou manutenção nessa prática, a tendência é essa. Contradanças que eram utilizadas em alguns Ternos de Reis do campo, há tempos, já não se faz mais presente na manifestação urbana do Reisado. Cantorias de Reis quando se encontrava um outro Terno de Reis na mesma casa a ser cantada, também não se encontram mais.

O Reiseiro sai durante a noite pensando em parar mais cedo para trabalhar durante o período da manhã do dia seguinte, quando o calendário não ajuda em relação a dias úteis da semana, fica mais complicado. Dormir pouco e trabalhar no dia seguinte. No campo, o Reiseiro 05 diz que “Lá sai um monte de gente, quando uns cansa, outros já assume. Assim fica mais descansado, lá a gente sai dia e noite.” Com os gastos da força para trabalhar e com a necessidade de alimentar as famílias durante os dias que saem no Reisado, muitos Reiseiros de Poções/BA tem adotado uma forma de contrato com base no dinheiro como pagamento. O “cabeça”, com mais dinheiro, consegue os “melhores” Reiseiros. A competitividade e o incentivo a apresentações, como encontros de Ternos de Reis, ou campeonatos desenvolvidos por setores e órgãos públicos, cada vez mais acelera a mercadorização do Reisado e dos Reiseiros.

A subsunção induzida dos indivíduos, órgãos e instituições no fortalecimento da sociedade de consumo e a mudança de valores e práticas socioculturais, em grande parte promovida pela mídia, no chamado “mundo globalizado”, requer nossa atenção para que não nos deixemos iludir pelo novo “canto da sereia”. Uma alusão à promessa de felicidade oferecida pela comercialização de bens materiais e culturais, num contexto em que a inserção social do indivíduo depende de sua identificação com os valores e produtos transformados em mercadoria, cuja necessidade de consumo é imposta pelos apelos da Indústria Cultural (Silva; Bueno, 2017, p. 1165).

Em Barra do Choça/BA, segundo o Terno de Reis Estrela do Oriente, não se acha mais foliões sem ser contratado. Os laços afetivos e as amizades de infância ainda são fatores que amenizam para alguns, a exemplo do Terno de Reis São Sebastião das Estrelinhas de Poções/BA, que é composto por amigos e familiares. Para a maioria dos entrevistados, a forma de contrato deturpa os princípios de ser Reiseiro e gostar de Reisado, do envolvimento com a fé, as tradições e a devoção. O

Reiseiro 01 diz que “Reis não é profissão, a gente só sai uns dias, profissão é pedreiro, professor, pintor. Tudo que trabalha os dias todo do ano.” A maioria dos Ternos de Reis citados nessa pesquisa utilizam o que arrecadam para fazer a reza e a sobra é repartida entre os foliões. Leis de incentivo, através de editais culturais, principalmente a partir do período pandêmico, serviram de auxílio para “os cabeças” terem condições de contratar os seus Reiseiros. O que antes era folia, hoje deixa de ser e começa a se transforma em uma forma de renda extra para a sobrevivência. Em sambas temporões ⁴⁴ é diferente. Os Reiseiros sabem que estão cumprindo uma “obrigação”, então, não há uma cobrança em relação a valores em dinheiro. Já para apresentações em eventos, principalmente de órgão públicos e privados, os Reiseiros tendem a cobrar “o cabeça” do terno.

⁴⁴ Sambas que acontecem em casas de pessoas, de época em época. Rezas, carurus ou comemorações.

5 CONCLUSÕES

Com o aprofundamento das leituras teóricas e dos conceitos que nos permitiram estabelecer uma relação dialética com a realidade concreta, foi possível reafirmar uma intensa relação entre o campo e a cidade no movimento de reprodução dos grupos de Ternos de Reis que se manifestam no município de Poções. Essa realidade só pode ser explicada se vinculada ao conjunto de transformações históricas estabelecidas no território do Centro-Sul Baiano, e do processo de inserção subordinada dessa na divisão social e territorial do trabalho, em um movimento de expansão e reestruturação do capital. Essas transformações espaciais no Centro-Sul baiano, e em Poções em particular, são marcadas, sobretudo, pelo processo de modernização da agricultura, com forte aparato do Estado, e intensifica a expropriação do campo e a mobilidade dessa força de trabalho, sobretudo, para a cidade, bem como para outros espaços onde os sujeitos podem viver da venda de sua própria força de trabalho.

Pari passu, a cidade de Poções passa por profundas transformações espaciais, marcadas pela chegada de trabalhadores expropriados do campo e, agora, em busca de sua reprodução nos espaços periféricos da cidade. Mas esses sujeitos do campo trazem “na bagagem” toda uma trajetória de vida ligada ao campo. E é assim que o Terno de Reis vem se reproduzindo no espaço urbano poçoense, desde a década de 1980 e posteriores, embora sofra adaptações, transformações e formas de reprodução no espaço da cidade. Um exemplo dessa realidade é a mudança do tempo e dos turnos em que essas manifestações acontecem, como a não realização de caminhadas durante o dia, de modo a não dificultar a venda da força de trabalho desses Reiseiros nos serviços que encontram. No caso dos homens, há destaque para o trabalho dos chapas; e das mulheres, o trabalho de diaristas, domésticas, além do próprio trabalho doméstico realizado em suas casas. A mobilidade da força de trabalho para outros espaços também favoreceu a desarticulação e a diminuição do número de participantes dos grupos de Ternos de Reis e, em alguns casos, como demonstrado na pesquisa, até mesmo o fim de alguns desses grupos. A isso, soma-se o envelhecimento de parte dos Reiseiros, as dificuldades físicas de realizar o percurso (e conciliar com o trabalho na cidade), a falta de suporte financeiro e o não reconhecimento dessa prática, como motivos que afetam esses grupos, ainda que estes permaneçam resistindo em grande medida.

A pesquisa apontou, ainda, uma relação direta entre a mobilidade do trabalho e a ocupação de determinados locais da periferia urbana de Poções/BA, e que posteriormente foram alvo de alguma política pública de assentamento, com criação de bairros e loteamentos, como discutido ao longo da pesquisa. Tal “acesso” ao solo urbano, entretanto, não se fez sem dificuldades, desde a falta de infraestrutura nos lugares que esses trabalhadores passam a se reproduzir, até as dificuldades de acessarem o trabalho e assim sustentar a família. Essa realidade só pode ser entendida no conjunto das transformações ocorridas no campo, na cidade e na inserção mais notável das relações capitalistas de produção em Poções/BA.

O levantamento sistemático desses grupos de Ternos de Reis permitiu demonstrar uma grande variedade entre esses no espaço urbano poçoense, embora, nas contradições, a relação com o campo e a cultura camponesa ainda se mostra muito presente.

Para compreender o Terno de Reis e a sua relação com o campo e a cidade, tornou-se necessário analisar o processo histórico de formação do município de Poções/BA, já que os sujeitos Reiseiros compõem a classe camponesa e trabalhadora dentro do processo de produção dos espaços do campo e da cidade. Além disso, fez-se necessário compreender como essa manifestação cultural, que se inicia no campo, passa a se reproduzir no campo e na cidade, através da mobilidade do trabalho dos sujeitos que sustentam essa expressão da cultura poçoense. Sendo assim, é válido ressaltar a complexidade de compreender o Reisado na contemporaneidade, sem se amparar nas relações tempo-espaço estabelecidas entre o campo e a cidade, ou seja, no processo de saída do campo – mediante expropriação da terra e a busca de restabelecer a vida nos espaços da cidade, em destaque a periferia de Poções/BA; sendo esses os novos espaços de expressão e efetivação dos Ternos de Reis. Compreende-se que, ainda que o universo de reprodução dos sujeitos que migram seja marcado por novas relações de trabalho, e mesmo relações diferenciadas com o espaço e as formas de reprodução da vida, os costumes e culturas oriundos do campo não são imediatamente suplantadas. No caso do Terno de Reis, verificou-se que essa prática cultural, que se expressa espacialmente, se reproduz há décadas na cidade de Poções/BA, embora também sofra transformações, se adaptando ao novo modo de vida, no contexto urbano.

Importante ressaltar as dificuldades existentes no processo de produção desta dissertação, ao buscar, partindo da mobilidade do trabalho do campo para a cidade,

por meio dos sujeitos Reiseiros, compreender as transformações na produção do espaço do município, em destaque da cidade. A falta de pesquisas anteriores sobre a temática se colocou como um grande desafio. Aliado a isso, a inexistência de fontes escritas sobre o Reisado é outra questão a ser destacada. Por fim, ressalta-se os desafios de produzir sobre a temática em uma pesquisa realizada pela Geografia, no intuito de entender a produção desigual do espaço no próprio movimento desigual do capital e das desigualdades de classes, ao passo em que a mobilidade do trabalho e a reprodução desses sujeitos na cidade nos deram elementos para entender essa produção como processo, nas suas contradições. Outra dificuldade é se trabalhar na Geografia com a categoria cultura sem cair no esvaziamento pós-moderno das narrativas individuais e de uma suposta subjetividade descolada das condições objetivas nas quais se realizam a vida dos sujeitos sociais e históricos. O que significa entender a cultura enquanto produção social e histórica, em que as contradições de uma sociedade produtora de mercadorias se fazem presente, inclusive, no sentido de mercadorizar a cultura, impondo uma visão dominante/hegemônica, ou buscando desarticular a cultura enquanto resistência. Entendemos que o Terno de Reis também traz em si suas contradições, vez que embora possibilite o entendimento do próprio processo histórico, também se faz influenciado pela religião e pelo patriarcado, que se constitui em formas concretas de alienação.

Ainda assim, a reprodução das práticas dos Ternos de Reis na vida dos sujeitos que se reproduzem nos espaços da periferia da cidade de Poções/BA nos deu elementos concretos para entender a formação desse espaço e os processos que levaram às transformações ocorridas no campo, na cidade e na relação campo-cidade, onde a expropriação no campo, a mobilidade do trabalho e a busca por sobrevivência devem ser considerados.

*“Eu lhe cantei esse Reis,
mas não sei se cantei
bem. Se não saiu a seu
gosto, deixa pra o ano
que vem. Deixa pra o
ano que vem, não
devemos contratar, pois
a morte é muito certa,
não haverá de faltar.”*

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jaine S. **O “canto da lara”**: a cidade como mercadoria e a valorização do valor na produção do espaço urbano de Poções/BA. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Departamento de Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2024.
- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos: Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALMEIDA, Kátia Rocha. **Emancipação municipal e transformações socioespaciais: os casos de Bom Jesus da Serra e Caetanós**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987, p. 325.
- BARROS, Ilena Felipe. **Trabalho assalariado no campo e novas formas de exploração da força de trabalho camponesa**. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social 2018 Eixo: Questão Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social. Sub-eixo: Ênfase na Questão Agrária.
- CAFIERO, Carlo. **Compêndio de o Capital**. 1ª. ed. São Paulo: Hunter books Editora, 2014. 158 p. ISBN 978-85-65042-37-6.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Questão da cidade e do Campo: teorias e política. **Mercator**. Revista de Geografia da UFC. Ano 3, número 05, 2004.
- CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. **A Questão Camponesa**: o signo sob o olhar dialético. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, São Cristóvão, Sergipe, 1991.
- CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. Jovens andarilhos no curto ciclo do capital. In: Revista **OKARA: Geografia em debate**. v. 1. n.1, p. 1 -152. João Pessoa/PB, GEOC/CCEN/UFPB, 2007.
- COSTA, Alan Conceição. **A permanência do Terno de Reis São Sebastião das Estrelinhas na produção do espaço de Poções/BA**: aproximação com a cultura camponesa na relação campo-cidade. Monografia (Graduação em Geografia). Departamento de Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2021.
- COSTA, Alex Conceição. **O romance “torto arado” na sala de aula**: aprendizagem histórica e relações étnico-raciais. Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Dantas Pina. 2024. 119 p. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB) - UESB, Vitória da Conquista – Bahia, 2024.
- Cruz A. B., Araújo L. A., & Costa T. M. M. **Cultura Rural**: Resistências e Modificações Observadas no Campo a partir da Inserção da Tecnologia. In Anais do 2º Workshop de Geografia Cultural: da Cultura Material ao Simbolismo Cultural (pp.99-109). Alfenas – MG.

DIAS, Paula Moutinho. *Mobilidade do trabalho e reprodução da vida no assentamento urbano do antigo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) no município de Poções/BA.* 2024. Monografia (Graduação em Geografia) — Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, 2024.

ENGELS, Friedrich. As Grandes Cidades. In: **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** São Paulo: Boitempo Editorial. Tradução B. A. Schurman. 1ª. Ed. Março de 2008. P. 67-116. *Traduzido do original alemão Die Lage der Arbeitenden Klasse in England. Leipzig. Otto Wigand Verlag, 1845.*

FONTES, Daiane; SARAIVA, A. Juracy. Reisados de boa nova (ba): de geração para geração, patrimônio imaterial. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 29, jan.-jun., p. 173-187, 2018.

FONTES, Virgínia. Da atualidade da servidão voluntária. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 4, n. 2, p. 4310440, 2006.

GAUDEMAR, Jean Paul de. **Mobilidade do trabalho e Acumulação do Capital.** Editorial Stampa, 1977. (p.181-262).

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos:** uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** 1. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. O espaço como palavra chave. **Em Pauta.** Rio de Janeiro. 1 semestre de 2015, n. 35, v. 13, p. 126-152, 2015.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017.** IBGE, 2017.

JESUS, Suerlange Ferraz de; IVO. Isnara Pereira. Emoção e fé: Dos festejos do Divino à chegada das Bandeiras. In: **Anais IX Colóquio do Museu Pedagógico**, 2011. Disponível em: [anais IX Coloquio MP 22 \(uesb.br\)](#). Acessado em: 23/07/2023.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade.** Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LESSA, Sérgio. **Centralidade do trabalho: qual centralidade? Qual trabalho?** In: Lessa, Sérgio. Mundo dos homens. Trabalho e ser social. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

LOPES, Rita de Cássia Ribeiro. **Da produção do espaço à reprodução da vida:** a classe trabalhadora de Vitória da Conquista/BA entre o trabalho e a moradia. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade estadual do Sudoeste da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Vitória da Conquista/BA, 2020.

LUXEMBURGO, Rosa. **A Acumulação do Capital. Contribuição ao Estudo Econômico do Imperialismo.** Apresentação de Paul Singer; traduções de Marijane Vieira Lisboa e Otto Erich Walter Maas. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os Economistas).

LUXEMBURGO, Rosa. Capítulo V – Itens IV ao VII: **A Formação do Exército de Reserva**. P. 319-340. In: Introdução à Economia Política. São Paulo: Martins Fontes. (1ª Ed.) s//d. Tradução: Carlos Leite.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. In: **Revista Terra Livre**, São Paulo: AGB, ano 18, nº. 19, Jul-dez, 2002. p. 95-112.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. Entre o Campo e a Cidade: formação e reprodução da classe trabalhadora brasileira. In: **Agrária**, São Paulo, n. 5, pp.170-185, 2006.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. São Paulo: Vozes, 1981.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro 1: o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MEDEIROS, Rui H. de Araújo. Vitória da Conquista nos anos 1960-1978. In: MOSCONI, Luis (Org.). **Edivanda uma vida de fé e de muitas lutas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.223p.

MESZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução: Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo. Editora da Unicamp, 2002.

MUNIZ, Wagner; SOUZA, Daniel Delfino. Reflexões sobre a urbanização do rural e as contradições impostas pela modernização do campo. **Controle social e desenvolvimento territorial**, v. 4, n. 4, p. 79-91, 2018.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **As Transformações Territoriais Recentes no Campo Brasileiro**. Prova do Concurso para provimento de cargo de Professor Titular. FFLCH-USP, 03/03/1998.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura Camponesa no Brasil**. 4ª ed. – São Paulo: Contexto, 2001. 164p.

PERPETUA, Guilherme Marini. **A mobilidade espacial do capital e da força de trabalho na produção de celulose e papel**: um estudo a partir de Três Lagoas (MS). 2012. 251f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Ciências Humanas, UFGD, Dourados, 2012.

PERPETUA, Guilherme Marini. Mobilidade espacial do capital e da força de trabalho: elementos para uma teorização geográfica a partir da matriz marxista. **Pegada-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 14, n. 1, 2013.

ROCHA, Fátima Crislaine Batista. **Relação Campo-Cidade na Produção do espaço social**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGEO-UESB. Vitória da Conquista/BA, 2018.

SANTANA, Aurelane Alves. **Cativeiros do agronegócio no campo brasileiro: uma análise da escravidão contemporânea a partir do Oeste da Bahia**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe, 2022.

SANTOS, Antonio Luiz. **Produção de Riqueza e Pobreza na Expansão Cafeeira em Vitória da Conquista e Barra do Choça**. 1987. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, 1987.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares da; BUENO, Sinésio Ferraz. Indústria cultural e mercantilização da cultura como projeto de semiformação na educação da infância moderna. **Perspectiva**, v. 35, n. 4, p. 1164-1181, 2017.

SHANIN, Teodor. **A definição de Camponês: Conceituações e Desconceituações**. Cadernos Cebrap, São Paulo, 1980.

SHANIN, Teodor. **La Classe Incomoda**. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações—o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista Nera**, n. 7, p. 1-21, 2005.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Natureza, Capital e a Produção do Espaço. Tradução: Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SILVA, Estefanni Patricia Santos. **Apontamentos memorialísticos de Homero Ferreira**.—1ª ed. - Aracaju, SE: Criação Editora, 2023. 44p.

SILVA, Gerusa Martins da. **Do chão da labuta à luta política no território quilombola da Lagoa do João nos marcos contraditórios do capital**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2024.

SILVA, Jéssica de Oliveira. Mobilidade de trabalhadores em lavouras de café: o caso do município de Poções/Ba, Brasil. **Población, género e identidad**, Observatório Geográfico da América Latina, ano 2015, ed. EGAL15, 2015.

SILVA, Lenyra Rique da. **A Natureza Contraditória do Espaço Geográfico**. 2ª. ed. - São Paulo: Contexto, 2001. (Caminhos da Geografia).

SOARES, V. A. **Territorialização da cafeicultura no planalto da conquista/Bahia: transformações e contradições no espaço agrário**. Dissertação (Pós-graduação em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão, 2011.

SOUSA, Maria Aparecida Silva de. **A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 1998.

SOUSA, Manoel Alex da Silva; ALVES, Rhanes Souza. **Povoamento e posse da terra no Arraial dos Poções** (Bahia, 1780-1880). In: O quilombo Cinzento: afro-diversidade no Brasil Plural. In: Memória Conquistense: Revista do Museu Regional de Vitória da Conquista-v.7, n.7/8. 2003/2004- Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

SOUZA, Dayse Maria. **Do chão da terra ao chão da fábrica: as formas contraditórias da apropriação do capital no espaço agrário**. Capítulo VI – Mobilidade do trabalho: a garantia da extração de mais-valia no processo de acumulação capitalista. P. 177-233. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2011.

SOUZA, Dayse Maria. **A asfixia do capital sobre o trabalho no espaço agrário no litoral Sul da Bahia** / Dayse Maria Souza; orientadora Alexandrina Luz Conceição. – São Cristóvão, 2017. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, 2017.

SOUZA, S. T. **Da Negação ao discurso “hegemônico” do capital à atualidade da luta de classes no campo brasileiro. Camponeses em luta pelo/no território no sudoeste da Bahia**. 2008. 718f. Tese (Doutorado em Geografia), NPGeo/Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

SOUZA, Suzane Tosta. Relação Campo Cidade em tempos de pandemia. **Geopauta**. V. 4, n. 2. Vitória da Conquista/BA, 2020.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Reestruturação produtiva do capital no campo, no século XXI, e os desafios para o trabalho. In: **Rev. Pegada**, v. 5, n. 1-2, p. 9-30, Nov., 2004.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2018.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na história e na literatura**. Tradução: Paulo Henriques Brito. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WOORTMAN, Ellen Fensterseifer. **Colonos e sitiados: um estudo comparativo do parentesco e da reprodução social camponesa**. Tese (Doutorado em Antropologia). Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília. (1988).

WOORTMAN, Ellen Fensterseifer. O saber tradicional camponês e inovações. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros. (Org.). **O campo no século XXI. Território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.

WIED NEUWIED, Maximiliano. **Viagem ao Brasil**. Tradução de Edgar Sussekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Refundida e anotada por: Oliverio Pinto. São Paulo-Rio de Janeiro-Recife-Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1940.

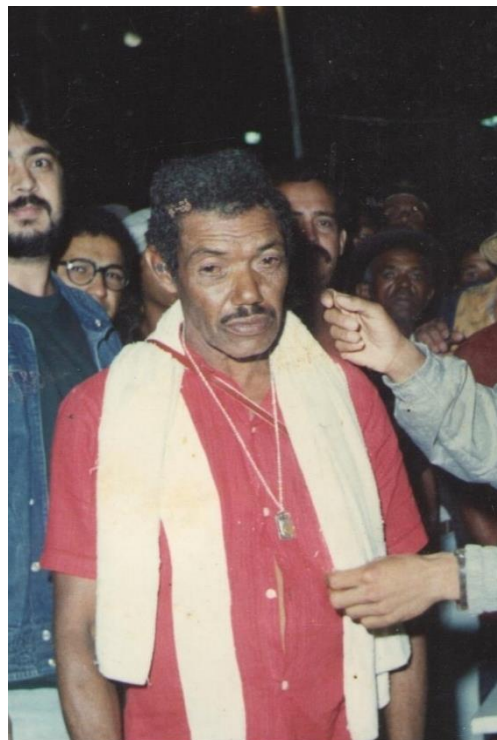
Anexo – A – Fotografias dos Ternos de Reis e dos Reiseiros.

Figura 15 – Deusdete Farias, 1980



Fonte: Acervo da família Farias, 1980.

Figura 15 - Dáro, em 1980



Fonte: Acervo do autor, 2021

Figura 16 - Terno de Reis de Eliziário, em 1980.



Fonte: Acervo do autor, 2021.

Figura 17 - Terno de Reis de Seu Valmir, em 1980.



Fonte: Acervo do autor, 2021.

Figura 18 - Terno de Reis de Seu Clemente, em 1980.



Fonte: Acervo do autor, 2021.

Figura 19 - Seu Juarez, 2021 em Poções/BA



Fonte: Acervo do autor, 2021.

Figura 20 - Seu Adonias, 2021 em Poções/BA



Fonte: Acervo do autor, 2021.

Figura 21 - Zé Preto, 2024 em Poções/BA.



Fonte: Porta Aberta e Luz Acesa, 2024.

Figura 22 - Dona Tereza, 2024, em Poções/BA.



Fonte: Porta Aberta e Luz Acesa, 2024.

Figura 23 - Seu Leozinho, em Poções/BA, 2024.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Figura 24 - Dona Mira e Seu Manoel, em Poções/BA, 2022



Fonte: Porta Aberta e Luz Acesa, 2022.

Figura 25 - Alex Conceição, 2015 em Poções/BA.



Fonte: Acervo de Alex Conceição, 2015.

Figura 26 - Jildo Agápio, 2021 em Poções/BA.



Fonte: Acervo do autor, 2021.

Figura 27 - Tio Calú, 2023 em Poções/BA.



Fonte: Porta Aberta e Luz Acesa, 2023.

Figura 28 - Aleandro, 2023 em Poções/BA.



Fonte: Porta Aberta e Luz Acesa, 2023.

Figura 29 - Alan Conceição, 2025 em Poções/BA



Fonte: Academia de Artes os Jardins, 2025.

Anexo – B – Parte 1 da repartição do boi no Reisado de Poções/BA

Mais eu fui em Dezembro voltei em janeiro, quem matou meu boi foi esse feiticeiro.
Boi, boi, boi disquedá.

Valerme meu Deus, minha nossa senhora, Janeiro morreu, o que eu faço agora?
Boi, boi, boi disquedá.

Valerme meu Deus, São Berto lameu, no meio dessa sala, Janeiro morreu.
Boi, boi, boi disquedá.

Subi pela rama, desci no pechar, mulher ciumenta merece apanhar.
Boi, boi, boi disquedá.

Subi pela linha, desci na treveça, com mulher casada eu não quero conversa.
Boi, boi, boi disquedá.

A chuva choveu, caiu aruvai, levanta Janeiro, sacode o chocai.
Boi, boi, boi disquedá.

Meu boi foi pra manga, comeu jurubeba, tu corre Janeiro que a cobra te pega.
Boi, boi, boi disquedá.

Mais a tripa do cú, dou pra Zé Badú.
Boi, boi, boi disquedá.

Ainda tem o sedem, esse eu dou pra meu bem.
Boi, boi, boi disquedá.

Mais o peso da rabada é pra mulher casada.
Boi, boi, boi disquedá.

Pois fío da costa é pra mulher donzela.
Boi, boi, boi disquedá.

Pois o lombo de fora é pra dona Vitória.
Boi, boi, boi disquedá.

O lombo de dentro, dou pra Mané Bento.
Boi, boi, boi disquedá.

A unha do pé, isso eu do o coroné.
Boi, boi, boi disquedá.

Pois a carne da mão, isso eu dou seu João.
Boi, boi, boi disquedá.

Ainda tem o cupim, isso é para mim.
Boi, boi, boi disquedá.

Ainda tem o pescoço que eu do pra este moço.
Boi, boi, boi disquedá.

Mais o banco do chifre, isso eu do seu Cassife.
Boi, boi, boi disquedá.

Mais o couro da testa é pro resta da festa.
Boi, boi, boi disquedá.

Pois a bága do ôi dou pra tu comer môi.
Boi, boi, boi disquedá.

A língua e a boca é pras minhas cabôcas.
Boi, boi, boi disquedá.

Pois a tripa fininha, isso é da meninhina.
Boi, boi, boi disquedá.

Pois a tripa mais grossa é da mulher da roça.
Boi, boi, boi disquedá.

Ainda tem este fígo, que dou pros meus amigos.
Boi, boi, boi disquedá.

Ainda tem o coração, esse vai pra meus irmãos.
Boi, boi, boi disquedá.

Ainda tem esse bófe, que vai pra Zé Tiófe.
Boi, boi, boi disquedá.

E a qualheira, isso é das mulequeira.

Anexo – C – Roteiro de entrevista com os Reiseiros de Poções/BA.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGeo



Pesquisa: A REPRODUÇÃO DA CULTURA DE TERNO DE REIS NO ESPAÇO URBANO DE POÇÕES/BA NO MOVIMENTO DA MOBILIDADE DO TRABALHO E DA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE.

Pesquisador: ALAN CONCEIÇÃO COSTA

Professor(a) Orientador(a): JÂNIO ROBERTO DINIZ DOS SANTOS

Roteiro de entrevista para os **REISEIROS** de Poções/BA.

1. Identificação:

1.1 Qual é seu nome?

1.2 Qual é a sua data de nascimento?

1.3 Possui nome artístico?

1.4 Qual é a sua profissão?

2.0. Informações Gerais:

2.1 Onde nasceu/foi criado (Município, Rural/Urbano)? Caso venha de outro município, quando veio e qual o motivo, se saiu do campo para a cidade ou o contrário, qual o motivo e quando ocorreu essa mudança?

2.2 Desde quando sai nos Ternos de Reis?

2.3 Por qual motivo começou a sair/ Por qual motivo parou de sair?

2.4 Qual é a sua função no Reisado?

2.5 Pretende fazer parte do Reisado por quanto tempo?

3. Entendimento sobre o Reisado:

3.1 O que você entende por Terno de Reis?

3.2 Quais as memórias/ histórias que te marcaram durante essa sua passagem do Reisado?

3.3 Quais os locais que se manifestam?

3.4 Qual a importância do Reisado?

3.5 Quantos Reiseiros têm em seu grupo atualmente?

3.6 Quais as mudanças que você percebeu no Reisado ao longo do tempo.?

3.7 Qual é a sua perspectiva em relação a continuidade do Reisado?

3.8 Existe alguma diferença no Reisado do campo, para o Reisado da cidade?

3.9 Os Ternos de Reis tem algum apoio financeiro?

3.10 Com quem aprendeu a manifestação do Reisado?